

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Atos de Fala e Estratégias de Delicadeza no
desenvolvimento da competência pragmática de alunos de
Português Língua Não Materna no contexto de ensino
alemão**

Leda Lajewski

UNIVERSIDADE ABERTA



**Atos de Fala e Estratégias de Delicadeza no
desenvolvimento da competência pragmática de alunos de
Português Língua Não Materna no contexto de ensino
alemão**

Leda Lajewski

(estudante número1502591)

Mestrado em Português Língua Não Matern

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Português Língua
Não Materna

Orientadora: Professora Doutora Carla Aurélia de Almeida

Lisboa, 2021

Resumo

O presente trabalho de investigação insere-se no âmbito do Mestrado Português Língua Não Materna da Universidade Aberta. Pretende-se refletir a respeito das realizações dos atos ilocutórios diretivos, comissivos, expressivos e assertivos e das estratégias de delicadeza positiva e negativa a partir da constituição e delimitação de um *corpus* composto por vinte e três diálogos de produção oral realizados por dezessete alunos dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 de Português em Hamburgo, na Alemanha.

A pesquisa fundamenta-se nos estudos do campo da Pragmática Linguística. Analisamos o desenvolvimento da competência pragmática a partir da realização de atos ilocutórios em interações desenvolvidas em contextos específicos com o objetivo de verificar de que maneira os atos de fala e as estratégias de delicadeza são produzidos pelos alunos de Português Língua Não Materna.

Além disso, desenvolvemos uma Ficha Sociolinguística com informações a respeito do perfil sociológico, linguístico e cultural dos alunos. A partir da recolha e da análise dos resultados obtidos, constatamos que a maioria dos alunos não apresenta dificuldades em formular atos de fala, principalmente indiretos, e utiliza estratégias de delicadeza principalmente em atos de convite e atos expressivos.

Palavras-chave: Atos de Fala, Delicadeza Linguística, Produção Oral, Português Língua Não Materna

Abstract

This work is within the scope of studies of the Master's degree course in Portuguese as a non-native language offered by Aberta University. It aims to reflect upon directive illocutionary acts, commissive speech acts, expressive speech acts, assertive speech acts and politeness strategies, both positive and negative, deriving from the creation and limitation of a study corpus made of twenty-three oral dialogues produced by seventeen students from A1.2/A1.3 and B1/B2 Portuguese levels in Hamburg, Germany.

This research is based on studies in the field of Linguistic Pragmatics. We have analyzed the development of pragmatic skills during the performance of illocutionary acts in interactions which occurred in specific contexts with the ultimate goal of verifying how the speech acts and politeness strategies are produced by the students of Portuguese as a second language.

Moreover, we have developed a Sociolinguistic Record with informations regarding the cultural and sociological background of the learners. From the collection and analysis of the obtained results, we found that the majority of students do not show any difficulties in formulations speech acts, mostly indirect ones, and use politeness strategies mainly in invitational acts and expressive acts.

Keywords: Speech Acts; Linguistic Politeness; Oral Production; Portuguese Non-native Language.

Índice

Resumo	3
Abstract	4
Índice.....	5
Índice de Quadros.....	6
Índice de Gráficos.....	6
Dedicatória	7
Agradecimentos	8
1. Capítulo I - Introdução	9
1.1 Questões teórico-metodológicas.....	11
2. Capítulo II - Enquadramento teórico.....	14
2.1 Pragmática Linguística	15
2.1.1 Atos de fala	15
2.1.2 Os estudos de Austin.....	17
2.1.3 Os estudos de Searle.....	18
2.1.4 Atos ilocutórios	20
2.1.5 Atos híbridos de oferta.....	23
2.1.6 Atos híbridos de convite.....	26
2.3 Noção de Face.....	28
2.3.1 Definição de Delicadeza Linguística	30
2.3.2 A contribuição de Brown e Levinson.....	30
2.3.4 A teoria de Leech	36
2.3.5 Teoria de Delicadeza Linguística.....	37
2.3.6 A comunicação verbal e a Delicadeza Linguística	39
2.4 A aquisição da Língua	42
2.4.1 Aquisição da competência pragmática.....	43
3. Capítulo III - Metodologia.....	46
3.1. Os participantes	47
3.2. Preparação e recolha do <i>corpus</i> linguístico	51
4. Capítulo IV- Análise.....	57
4.1 Atos de pedido	58
4.2. Atos de oferta.....	73
4.3. Atos de convite	79
4.4. Atos expressivos	88
4.5. Análise das atividades escritas.....	106
5. Capítulo V – Resultados e Conclusão.....	117
Referências bibliográficas.....	124

Índice de Quadros

Quadro 2.1 Tipologia dos atos ilocutórios.....	20
Quadro 2.2 Estratégias de delicadeza	33
Quadro 2.3 Estratégias de delicadeza segundo Brown & Levinson.....	35

Índice de Gráficos

Gráfico 3.1 Representação da idade dos participantes	47
Gráfico 3.2 Representação do número de alunos em cada nível	47
Gráfico 3.3 Representação da Língua Materna dos participantes nos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2	48
Gráfico 3.4 Representação do tempo de aprendizagem dos participantes dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2.....	49
Gráfico 3.5 Representação dos alunos que falam português fora da sala de aula	49
Gráfico 3.6 Representação dos contatos dos participantes com quem falam português	49
Gráfico 3.7 Representação dos motivos de aprendizagem da Língua Portuguesa	50
Gráfico 3.8 Contextos em que os participantes utilizam a Língua Portuguesa	50
Gráfico 3.9 Representação das atividades para comunicação em português	51
Gráfico 3.10 Número de diálogos realizados de acordo com o nível dos alunos.....	52
Gráfico 3.11 Representação do número de situações realizados nos cursos de nível A1.2/1.3 e B1/B2	52
Gráfico 4.1 Representação do emprego dos verbos <i>gostar</i> e <i>querer</i> na elaboração dos atos de pedido	64
Gráfico 4.2 Representação do número de fórmulas do ato de pedido	72
Gráfico 4.3 Representação do número de fórmulas de elaboração do ato de oferta	79
Gráfico 4.4 Representação das formulações do ato de convite	87
Gráfico 4.5 Representação das formas de interação com ocorrências do ato de agradecimento	100
Gráfico 4.6 Representação dos atos expressivos produzidos nos diálogos	105
Gráfico 4.7 Representação geral dos atos expressivos utilizados nos diálogos dos grupos A1.2/ A1.3 e B1/B2.....	106

Dedicatória

À minha filha amada, Isabel.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus alunos de Português da escola Volkshochschule na cidade de Hamburgo, que se prontificaram a colaborar com este trabalho, sempre motivados e de bom humor. Sem eles nada teria sido possível.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Professora Doutora Carla Aurélia de Almeida, por me ter apresentado este campo tão fascinante da Pragmática Linguística, principalmente o da delicadeza linguística. Obrigada pela compreensão e apoio nos momentos mais delicados desta jornada e pela motivação que me encorajou a continuar este trabalho.

Agradeço à Universidade Aberta pela oportunidade de dar continuidade aos estudos e pelos novos conhecimentos adquiridos. É uma colaboração imensa para o trabalho em sala de aula.

Agradeço aos amigos e familiares que respeitaram minhas decisões mesmo diante de tantos desafios, em especial ao meu marido Michael Lajewski.

Agradeço, em especial, aos meus pais e meu irmão pelo incentivo e carinho, sem eles não teria chegado até aqui.

1. Capítulo I - Introdução

O desenvolvimento da competência comunicativa numa Língua Não Materna é um dos principais objetivos a ser alcançados pelos aprendizes e não depende apenas do domínio das estruturas sintáticas, gramaticais e de um vasto campo semântico. O processo de comunicação está interligado com uma grande quantidade de fatores linguísticos e não linguísticos responsáveis pelo sucesso da interação verbal, entre eles: "o que é dito, o modo como é dito e a intenção com que é dito, o posicionamento físico, os papéis sociais, as identidades, as atitudes, os comportamentos e as crenças dos participantes, bem como as relações que entre eles se estabelecem" (Gouveia, 1996: 384). Ou seja, depende dos elementos que constituem os estudos da pragmática.

Durante o processo de aprendizagem de uma Língua Não Materna, a competência comunicativa, no sentido lato dado por Fonseca (1992: 237), depende do conhecimento dos aspectos pragmáticos, em que se inserem os atos de fala e a delicadeza linguística. Segundo Searle, falar uma língua consiste em realizar atos de fala¹ e tais atos só são possíveis por conta de determinadas regras para o uso de elementos linguísticos (Searle, 2017: 29). Os aprendizes de uma Língua Não Materna são confrontados com uma série de situações cotidianas que exigem não apenas a prática como também a compreensão dos atos de fala inseridos em diferentes contextos culturais.

Segundo Sim-Sim, a competência pragmática é desenvolvida por falantes nativos ao longo da infância e será aprimorada com a entrada da criança na escola, sendo que passam a um melhor domínio da regulação da troca de turnos no decorrer da interação. Este processo é classificado como "pegar a vez", "sendo caracterizado pelo reconhecimento e prática, por cada um dos interlocutores, do momento de iniciar, terminar e passar ao outro a oportunidade de se exprimir" (Sim-Sim, 1998: 187). Já o uso de atos ilocutórios e de estratégias de delicadeza ocorre, geralmente, no final da infância e início da adolescência, o que aponta para o longo trajeto de aquisição e aprendizagem dos conhecimentos pragmáticos que os aprendizes tendem a percorrer. Sendo assim, o processo de aprendizagem e aquisição dos aprendentes de Língua Não Materna decorre durante um percurso mais longo, principalmente, no que diz respeito à produção oral. Eis que surge a necessidade de atividades constantes que conscientizem e sensibilizem os aprendizes da importância da produção e interpretação de enunciados dentro de um dado contexto de uso e das estratégias de delicadeza em evitar ou reforçar a ameaça da face positiva e negativa do alocutário.

¹ O presente trabalho segue as normas de grafia do português brasileiro.

Sendo assim, este trabalho surgiu da necessidade de pesquisar e compreender a aquisição e manifestação dos atos de fala e das estratégias de delicadeza. Depois da realização de um estudo realizado no âmbito curricular dos seminários *Temas de Investigação I* e de *Aquisição de Linguagem* do Mestrado de Português Língua Não Materna, notamos que os aprendizes se concentram, por vezes, nas estruturas sintáticas e gramaticais, dando pouca atenção à delicadeza durante a comunicação e há, ainda, uma certa carência de material que envolva os atos de fala e as suas devidas estratégias de delicadeza num dado contexto, principalmente no que diz respeito à comunicação oral.

A presente dissertação está organizada em quatro capítulos. Na Introdução e no Capítulo I, apresentamos a justificação, as questões que pretendemos tratar, os objetivos definidos e as hipóteses preliminares.

O segundo capítulo consta do enquadramento teórico e compreende dois subcapítulos. No primeiro, abordamos os estudos desenvolvidos no que se refere aos conceitos em torno da Pragmática Linguística, atos de fala e delicadeza. O segundo subcapítulo foca o contexto da aquisição e aprendizagem da Língua Não Materna.

No capítulo três dedicamos um capítulo à metodologia, em que descrevemos os participantes a partir das informações recolhidas da Ficha Sociolinguística e o trabalho de campo, com a preparação e recolha do *corpus* linguístico.

No capítulo quatro, procedemos à análise dos diálogos recolhidos e das atividades escritas.

O capítulo cinco integra as conclusões do trabalho desenvolvido.

Depois da bibliografia, apresentamos ainda, como anexo a este trabalho, as atividades com os guiões propostos para a realização dos diálogos, a transcrição dos diálogos e a cópia de uma Ficha Sociolinguística original de um dos participantes.

1.1 Questões teórico-metodológicas

Segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR)², os aprendizes de uma língua estrangeira são considerados "actores sociais" que desenvolvem diversas competências para alcançar determinados objetivos no decorrer da aprendizagem. Dentre

² O QECR é um documento do conselho Europeu que apresenta as diretrizes de orientação e abordagem metodológica no ensino de Língua Portuguesa. O documento define, ainda, os níveis de referência (A1, A2, B1, B2, C1 e C2) para o aprendente e as competências a serem alcançadas ao longo da aprendizagem.

elas, encontra-se a competência comunicativa em língua. Dela fazem parte a competência linguística ou conhecimento da gramática da língua, que inclui os aspectos fonológicos, morfológicos sintáticos, semânticos e lexicais; a competência sociolinguística que diz respeito aos aspectos socioculturais do uso da língua e a competência pragmática, determinante na realização dos atos de fala e do domínio discursivo (QEER, 2001:34-35). O conjunto e a interiorização destas competências permitem aos aprendizes compreender e agir devidamente diante de contextos comunicativos específicos. Em face deste quadro, vemos que para agir como "actores sociais", os aprendizes precisam valer-se do conjunto destas competências e devem ter a oportunidade de as pôr em prática. Sendo assim, é fundamental o tratamento e realização dos atos de fala em seus diferentes contextos no decorrer da aprendizagem de Língua Não Materna, a começar já nos níveis básicos.

Assim, optamos neste trabalho pelo estudo da elaboração de atos de fala pelos alunos de Português Língua Não Materna nos discursos orais e escritos. Selecionamos atos de fala assertivos, comissivos, diretivos e expressivos para a análise, pois consideramos que são os mais frequentes nas situações apresentadas nos livros didáticos e em sala de aula e os mais presentes e necessários no cotidiano dos aprendizes. No que diz respeito aos atos híbridos denominados "diretivos comissivos" (Almeida, 1998), analisaremos apenas os atos de oferta e de convite. Quanto aos atos expressivos, selecionamos os atos como parabenizar, dar os parabéns, agradecer; no caso de atos diretivos, selecionamos os atos com o valor ilocutório de pedido. Todos foram abordados nas aulas iniciais e repetidos em diversas interações verbais dos livros didáticos usados durante as aulas.

Como material de análise, recolhemos diálogos realizados entre os anos de 2019 e 2020 por um grupo de alunos dos cursos de Português Língua Não Materna variante brasileira para adultos dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 na cidade de Hamburgo, na Alemanha e consideramos um pequeno grupo de controle constituído por dois falantes do Português Língua Materna. Os diálogos foram gravados e transcritos. Formulamos também atividades escritas que permitiram efetuar uma análise comparativa das manifestações dos atos de fala e de delicadeza com aquelas realizadas na produção oral. Por último, aplicamos uma Ficha Sociolinguística para delinear o perfil sociológico, a relação dos participantes com a língua portuguesa e a disposição para o aprendizado.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para os estudos de pragmática no campo de pesquisa de Português Língua Não Materna e investigar a competência pragmática já adquirida pelos alunos através da realização de atividades que exigem reconhecimento de

contexto e interação com o outro. Destacamos, ainda, como parte dos objetivos os seguintes pontos:

- verificar as possíveis dificuldades dos alunos mediante a tarefa de formulação de diferentes atos de fala nos contextos propostos;
- sensibilizar os alunos para a importância do uso de estratégias de delicadeza na realização do discurso;
- sensibilizar os professores de Português Língua Não Materna para a importância de um tratamento diferenciado dos atos ilocutórios, chamando a atenção dos alunos para as formas de tratamento e a linguagem de delicadeza como reguladores da harmonia e equilíbrio comunicacional.

Tendo em vista os objetivos, pretendemos responder às seguintes perguntas:

- Os alunos conseguiram realizar atos de fala e utilizar as estratégias de delicadeza adequadas à situação de comunicação apresentada em sala de aula?
- Quais foram as dificuldades que os alunos manifestaram quando realizaram produções orais e escritas dos atos de fala e da delicadeza?

Seguidamente às questões de investigação, apresentamos as hipóteses de trabalho, as quais discutiremos no final de acordo com os resultados alcançados:

- os aprendizes dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 terão dificuldades em distinguir o contexto de interação e o grau de formalidade e distanciamento dos interlocutores;
- não haverá diferenças na formulação de estratégias de delicadeza positiva e negativa nos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2;
- os aprendizes dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 formularão atos de fala mais diretos, atentando mais à estrutura gramatical da língua.

2. Capítulo II - Enquadramento teórico

2.1 Pragmática Linguística

A Pragmática é uma disciplina da Linguística voltada para o estudo do emprego da língua pelos seus participantes dentro de um determinado contexto social (Sim-Sim, 1998: 189). Sendo assim, os estudos em Pragmática Linguística são fundamentais para compreender as diversas formas dos falantes de agir e interagir. Gouveia (1996) afirma ainda que o conhecimento das regras e princípios reguladores da língua em situação de uso, além do gramatical, é o objeto de estudo da Pragmática. Sendo assim, juntamente com o contexto linguístico, o contexto situacional é central para a compreensão e realização dos enunciados produzidos pelos falantes. Embora haja variadas definições do termo Pragmática (Levinson, cf. 1983), Lopes (1995) aponta para um ponto em comum:

"São vastas e diversificadas as áreas de investigação em Pragmática Linguística, mas há um denominador comum que importa pôr em relevo: a linguagem é estudada como fenómeno comunicativo, intersubjectivo e social. O objecto de conhecimento é a língua em uso e as estratégias da interacção. Importa conhecer e explicitar as regras que presidem ao uso comunicativamente adequado da linguagem. E chegamos à noção central de competência comunicativa, entendida como saber interiorizado que permite ao falante comunicar eficazmente em situações socialmente diversificadas, produzir e compreender discursos contextualmente adequados, reconhecer a aceitabilidade de um texto em determinadas circunstâncias de uso." (Lopes, 1995: 305)

A Pragmática Linguística tem suas origens nas considerações de Morris e de Wittgenstein. O primeiro destacou a classificação da semiótica nas dimensões sintática, semântica e pragmática; o segundo ligou a linguagem às práticas sociais. Compreende-se, portanto, que a linguagem está inteiramente relacionada com a interação e ação dos falantes num determinado contexto. Sendo assim, a Pragmática Linguística torna-se essencial para o desenvolvimento comunicativo eficaz, não apenas ao nível da produção e compreensão dos discursos em contextos diversos, mas como forma de reconhecer certos enunciados e reagir de acordo com as normas culturais e sociais.

2.1.1 Atos de fala

Nos estudos da Pragmática Linguística, as noções de atos de fala e de sequências discursivas, juntamente com a de pressuposição e a de implicatura, ocupam papéis centrais. Gouveia define os atos de fala como "o uso de um enunciado linguisticamente funcional, para realizar

uma ação, como, por exemplo, prometer, avisar, informar, ordenar, etc., considerada apropriada às circunstâncias de uma situação de comunicação particular." (Gouveia, 2008: 2). Ligados aos atos de fala estão o objetivo ilocutório (a intenção com que o enunciado é produzido) e a força ilocutória (designada pela função atingida pelo enunciado). O objetivo ilocutório faz parte da força ilocutória e é responsável por regular a força ilocutória. Desta forma, é possível ocorrer a produção de enunciados com objetivo ilocutório semelhante e forças ilocutórias diferentes. Observemos os seguintes exemplos:

- *Dê-me água!*
- *Pode me dar um copo de água, por favor!*

Nos dois exemplos, o objetivo ilocutório é o mesmo, ou seja, levar alguém a fazer algo (dar um copo de água); a força ilocutória, no entanto, é diferente: no primeiro ato a força ilocutória é de ordem e no segundo ato é de um pedido. Sendo assim, a força ilocutória de um enunciado pode ter várias funções como afirmar, prometer, declarar, podendo ser também determinada a partir do contexto.

A leitura da apresentação de determinados livros didáticos destinados ao ensino de Português Língua Não Materna revela uma grande preocupação com o desenvolvimento das competências linguística, sociocultural e comunicativa. No entanto, comunicar não significa apenas aprender a formular sequências iniciativas com atos com valor ilocutório de pedido, de asserção, de convite, mas ser capaz de interpretar o sentido do que é dito através do reconhecimento da intenção comunicativa que ocorre nas sequências discursivas (Almeida, 2016: 19-24). Assim, torna-se necessário que se considere o processo comunicativo completo com a análise das sequências iniciativas e reativas abertas por cada ato de discurso, realçando, na linha de autores como Fonseca (1994), que todo o ato ilocutório prescreve uma continuação (Almeida, 2016: 24). Deste modo, um ato de discurso tem sucesso quando o alocutário interpreta o seu objetivo comunicativo, reconhecendo o seu sentido e, como iremos ver, no caso de atos de discurso específicos, como a oferta e o convite, ratificando-o. Sendo assim, é essencial a abordagem dos atos de fala no âmbito dos estudos e do currículo de Português Língua Não Materna para que o aprendente possa ser capaz de produzir e

interpretar atos de discurso diversos em situações de comunicação diversificadas, integrando esta análise das sequências discursivas no processo de ensino e aprendizagem do PLNM³.

2.1.2 Os estudos de Austin

A teoria dos atos de fala foi traçada por Austin em sua conhecida obra *How to Do Things with Words*. Para este filósofo, a linguagem possui uma dimensão acional, sendo que o uso da língua é entendido como forma de agir e de realizar certas ações.

Apresentaremos de forma sucinta as principais contribuições de Austin para o desenvolvimento da teoria dos atos de fala.

Austin realiza, num primeiro momento, a distinção entre constativos (descreve um acontecimento) e performativos (aponta para enunciados que realizam uma ação, apresentando a intenção do locutor). Tanto os constativos quanto os performativos apresentam determinadas características: os constativos podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos; os performativos, por sua vez, não estão submetidos aos critérios de verdadeiro ou falso, sendo considerados bem ou mal sucedidos. Podemos verificar os dois atos através de exemplos:

1. *Eu tenho um carro vermelho.*

2. *Prometo trazer seu caderno amanhã.*

No primeiro caso, temos o exemplo de uma asserção com uma proposição que pode ser avaliada como verdadeira ou falsa; no segundo caso, temos uma promessa, que pode ser bem ou mal sucedida e, assim, leva o locutor a assumir a responsabilidade de seu cumprimento. Caso contrário, o ato não será efetivado com sucesso. Para que um ato performativo seja bem sucedido é preciso que sejam cumpridas determinadas condições de felicidade, relacionadas com as intenções do falante e as regras de convenção social. O falante que não observar estas regras poderá contribuir para o não êxito do ato desejado, podendo ocorrer, assim, um ato nulo ou um abuso: um exemplo são os atos puramente institucionais baseados em fórmulas

³ A propósito dos atos expressivos, cf. a dissertação de mestrado de Gonçalves (2013) que refere a necessidade de os "praticar e interpretar (...) desde os níveis mais elementares" (Gonçalves, 2013: 13) no âmbito do processo de ensino-aprendizagem do Português como LNM.

que, quando descontextualizados, perdem o sentido (como, por exemplo, um juiz ao julgar um réu fora do tribunal).

Num segundo momento de reflexão, Austin conclui que os constativos possuem uma dimensão performativa, e os performativos também contêm uma dimensão constativa, recorrendo a uma teoria geral dos atos de fala. A proposta dada por Austin é de que o uso da linguagem é uma maneira de agir, estabelecendo, assim, três atos: o ato locucionário, ato ilocucionário e o ato perlocutório. O ato locucionário consiste na produção do enunciado de acordo com as regras linguísticas, o ato ilocucionário consiste na realização do enunciado na forma de um pedido, uma ordem, uma pergunta, dependendo, assim da força ilocutória e o ato perlocutório que consiste no resultado produzido pelo enunciado. Podemos observar os três atos no seguinte exemplo do livro didático *Oi Brasil*:

Pode me trazer o sal, por favor? (Oi Brasil, 2017:45)

O ato locucionário corresponde à realização do enunciado segundo as regras de Sintaxe e Semântica da língua; o ato ilocucionário diz respeito ao pedido para trazer o sal; o ato perlocutório será a reação que o enunciado causará no falante, ou seja, atender ao pedido e trazer o sal ou não.

2.1.3 Os estudos de Searle

Outro autor de destaque no âmbito dos estudos dos atos de fala é John Searle. Após fazer uma revisão da teoria apresentada por Austin, Searle lança a obra *Atos de Fala*. Para o autor, o estudo dos atos de fala é importante pois "toda comunicação linguística inclui atos linguísticos" (Searle, 2017: 29; tradução nossa)⁴, considerando os atos de fala unidades básicas da comunicação linguística. Para Searle, falar uma língua significa obedecer a certas regras, sendo que os atos de fala estão relacionados com o significado daquilo que foi dito, o contexto e o reconhecimento da intenção do falante.

Um dos elementos do significado considerados por Searle é a força ilocutória, que é responsável por assegurar a realização do ato ilocutório relacionada com a intenção do falante. Através dos sinalizadores da força ilocutória (tipos de frases, ordem das palavras na

⁴ Cf. a seguinte afirmação: "toda comunicación lingüística incluye actos lingüísticos" (Searle, 2017: 29).

frase, entonação, pontuação, modo verbal e verbos performativos) é possível interpretar a intenção do falante ao produzir um enunciado, fazendo com que a comunicação se estabeleça de acordo com as regras instituídas. A partir da força ilocutória é possível reconhecer o ato ilocutório realizado pelo falante em dado momento (Searle, 2017).

Para Searle, realizar atos de fala depende do domínio de certas regras, determinando, assim, duas: regra regulativa e a regra constitutiva. A primeira diz respeito a regras que regulam certas formas de conduta ou uma atividade, cuja existência é independente das regras. Já a regra constitutiva irá criar novas formas de conduta e atividades, cuja existência é dependente das regras. É possível a realização dos atos de fala conforme o conjunto das regras constitutivas. As regras constitutivas relacionadas com o ato ilocutório equivalem às condições de felicidade. Segundo Searle, o locutor deve, assim, garantir que estão asseguradas as condições necessárias para a realização do ato ilocutório, cumprindo as regras que o determinam e/ou definem. Searle aponta quatro condições de felicidade: condição preparatória, condição de sinceridade, condição de conteúdo proposicional e condição essencial. No caso da promessa (exemplo usado por Searle), o falante deve assegurar-se de que sua expressão *Eu prometo* é apropriada (conteúdo proposicional); garantir que o ouvinte fará algo que lhe é pedido (condição preparatória); deve ter a intenção de praticar a promessa feita (condição de sinceridade); demonstrar a intenção de que praticará a promessa (condição essencial).

Um outro ponto essencial dos estudos é a tipologia dos atos ilocutórios. A tipologia dos atos ilocutórios apontadas por Searle está baseada nos seguintes parâmetros de análise: i) o objetivo ilocutório, estando o mesmo relacionado com as diferentes classes de atos ilocutórios e com a intenção pela qual o enunciado é gerado; ii) a direção de ajuste entre palavra e mundo, que pode estar tanto direcionada em palavras ao mundo (faz correspondência com o mundo real) ou mundo às palavras (não faz correspondência com o mundo real e cria uma nova realidade com a ação das palavras); e a condição de sinceridade, a qual está relacionada com o estado psicológico do falante e com o que afirma.

Gouveia (1996) apresenta, de forma sintetizada, os tipos de atos ilocutórios tratados por Searle, que veremos um a um no próximo capítulo, mas que podemos visualizar no seguinte quadro do autor:

TIPO DE ATO	OBJETIVO ILOCUTÓRIO
ASSERTIVO	Relacionar o locutor com a verdade daquilo que ele próprio expressa no seu enunciado. Ex.: A aula de Português é às 10h.
DIRETIVO	Levar o alocutário a realizar a ação (verbal ou não verbal) que o locutor expressa no seu enunciado. Ex.: Desliga o telemóvel!
COMPROMISSIVO	Comprometer o locutor com a realização da ação (futura) expressa no seu enunciado. Ex.: Devolvo-te os apontamentos na segunda-feira.
EXPRESSIVO	Exprimir o estado psicológico do locutor acerca da realidade expressa no seu enunciado. Ex.: Adorei a tua visita surpresa!
DECLARAÇÕES	Trazer uma nova realidade à existência; alterar a realidade das coisas, por meio da realização do ato. Ex.: Declaro encerrada a sessão.
DECLARAÇÕES ASSERTIVAS	Trazer uma nova realidade à existência; alterar a realidade das coisas, por meio da realização do ato, mas relacionando o locutor com a verdade daquilo que ele próprio expressa no seu enunciado. Ex.: É a resposta do João que está certa.

Quadro 2.1. Tipologia dos atos ilocutórios (Gouveia, 2008:3-4, adaptado)

Quadro 2.1 Tipologia dos atos ilocutórios

2.1.4 Atos ilocutórios

Searle aponta seis classes de atos ilocutórios: assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos, declarativos e declarativos assertivos.

No caso dos atos assertivos, denominados *representativos* por Searle (Gouveia 1996: 392), o objetivo ilocutório é a relação do locutor com a verdade expressa em seu enunciado. Os assertivos podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos; a direção de ajuste é palavra-mundo; o estado psicológico é baseado na crença daquilo que o falante afirma; o conteúdo proposicional pode ser qualquer proposição (Lima, 2007). Na frase *Neste momento o Gerd está nadando* (Oi Brasil, 2017:56) verifica-se que o locutor realiza um ato ilocutório assertivo, pois expressa a crença do mesmo na verdade do conteúdo proposicional afirmado (por ver o Gerd nadar, por ter recebido de outrem a informação do ato, etc.). Os atos ilocutórios assertivos são realizados por meio das ações de afirmar, negar, informar, descrever, responder, concordar, discordar, confessar, etc., manifestadas por frases assertivas, nas quais o verbo ilocutório poderá ser realizado tanto de forma explícita quanto implícita.

Os atos diretivos são aqueles com o objetivo ilocutório de levar o interlocutor a realizar determinada ação. O *querer* do locutor é decisivo para configurar tais atos, os quais "se diferenciam em função do modo como as forças ilocutórias são reguladas pelo objectivo ilocutório, podendo ir desde a ordem à sugestão, desde o pedido ao conselho, por exemplo" (Gouveia, 1996: 394). Estas diferentes formas de produzir um ato diretivo é regulada de acordo com o tipo de relação social existente entre o locutor e o alocutário. No exemplo *Fale mais baixo*, temos uma ordem, em que o locutor procura levar o alocutário a realizar uma ação (falar baixo), sendo que a sua execução será positiva de acordo com o poder que o locutor assume sobre o alocutário. A força ilocutória do mesmo conteúdo proposicional pode diferenciar-se se, por exemplo, ao invés de uma ordem, o locutor fizer um pedido: *Por favor, feche a porta!* A direção de ajuste dos diretivos é do mundo-às palavras; o estado psicológico é baseado na vontade e no desejo; a proposição faz alusão à uma ação solicitada, que pode ser feita de modo mais ou menos impositivo como podemos constatar com a realização de atos com o valor ilocutório de ordem, de ameaça, de pedido, de aviso ou de conselho (Almeida, 2016).

Os atos compromissivos tem como objeto ilocutório comprometer o falante com a obrigação de executar uma ação futura, como o exemplo do livro didático *Novo Avenida Brasil 3* ilustra: *O técnico vai na segunda, eu lhe garanto* (Novo Avenida Brasil 3, 2010:38). Neste caso, o locutor declara-se pronto a assumir um compromisso a ser realizado no futuro

(independente do tempo verbal), ou seja, ir na segunda-feira à casa da cliente. O ato compromissivo está relacionado com o compromisso do locutor de efetuar o que é dito na proposição e com a condição de sinceridade, tornando o ato infeliz ou defectivo quando não realizado. A direção de ajuste é do mundo às palavras; o estado psicológico é de intenção; a proposição faz referência a uma ação futura a ser realizada pelo falante (Lima, 2007: 48).

O ato expressivo traz como objetivo ilocutório a expressão do estado psicológico do falante, não há direção de ajuste e o estado psicológico varia de acordo com o ato expresso, podendo ser de felicidade ou de satisfação; o conteúdo proposicional refere-se às propriedades ou ações realizadas pelo ouvinte ou falante (Lima, 2007:49). Ao enunciar a frase *Ah... Desculpe. Foi engano* (em *Oi Brasil*, 2017:79), o locutor exprime seu estado psicológico (de desculpar-se), que está relacionado com ação realizada e contida no conteúdo proposicional (a desculpa pelo engano). Não há direção de ajuste, pois o ato ilocutório expressivo manifesta uma reação emotiva e a relevância desta classe de atos discursivos é o estado mental do falante. São exemplos de atos expressivos: desculpar-se, agradecer, parabenizar, dar os pêsames, dar as boas-vindas, desejar, saudar, perdoar, lamentar, entre outros. Tais atos podem ser realizados através de expressões performativas (*Meus parabéns, Cristina*, em *Oi Brasil*, 2017:76), expressões exclamativas com adjetivos apreciadores (*Puxa! Que casaco lindo!*, em *Oi Brasil*, 2017:18) ou frases exclamativas com verbos de afeição (*Gosto de visitar cidades antigas* em *Oi Brasil*, 2017:51). Os atos expressivos estão ligados à cultura e ao grupo social, sendo que cada falante expressa seus sentimentos de maneira diferente.

Os atos declarativos apresentam como objetivo ilocutório a produção de um novo estado de coisas referido na proposição exprimida. Caso a declaração tenha um efeito positivo, haverá uma relação entre a proposição declarada e a realidade. Sendo assim, se o padre durante uma cerimônia de casamento diz a um casal *Eu vos declaro marido e mulher*, significa que agora estão casados. Observa-se que não é preciso haver a sinceridade de expressão, ou seja, a condição de sinceridade, já que o ato decorre da posição que os locutores ocupam em uma determinada hierarquia social ou institucional. A direção de ajuste é dupla: do mundo-às-palavras, pois estabelecem um novo estado de coisas e das palavras-ao-mundo, pois, neste caso, a proposição pode ser considerada verdadeira (Lima, 2007: 50).

Por último, tem-se as declarações assertivas. Estas são, por vezes, confundidas com os atos ilocutórios assertivos, pois possuem o mesmo objetivo ilocutório e a condição de sinceridade dos mesmos. Sendo assim, Searle as denomina declarações assertivas (Gouveia, 1996), em que o locutor, ao enunciar uma frase, estabelece uma relação com a verdade da proposição, porém emite o enunciado com a força ilocutória de uma declaração, fazendo com que um novo estado-de-coisas se anuncie. Um exemplo seria o caso de um julgamento, em que o réu é julgado culpado: *Declaro o réu culpado segundo a lei.*

2.1.5 Atos híbridos de oferta

Segundo Almeida (1998), o ato de oferta é um ato híbrido, diretivo e comissivo. A direção comissiva remete para o seu conteúdo proposicional presente-futuro do estado de coisas, possuindo uma dimensão de avaliação positiva sobre o conteúdo e levando o locutor a assumir um compromisso. Os atos de oferta podem ser produzidos através de perguntas ou de asserção, pois "a forma afirmativa está assim ligada aos enunciados que exprimem conhecimentos do locutor e a forma interrogativa reporta-se aos enunciados que revelam das suas crenças a respeito do alocutário" (Almeida, 1998:162).

Os atos de oferta são, em sua maioria, efetuados de forma interrogativa já que a oferta implica um jogo de negociação com o alocutário. Outra característica relevante de tais atos é a maior probabilidade de realização de forma indireta, através de enunciados interrogativos com valor de pergunta, pois não se trata de um ato requerido pelo alocutário. Assim, é necessário, primeiramente, verificar as vontades e desejos do alocutário e passar a comprometer-se com a realização da oferta. Assim, Almeida (1998) refere, na linha de D. Schiffrin, que a condição preparatória para a realização do ato de oferta é o conhecimento e o compromisso é a condição essencial.

Os atos de oferta estão ainda relacionados com fatores sociais que podem provocar o constrangimento do locutor à posse de um determinado objeto que venha a ser beneficiário ao alocutário. Sendo assim, o locutor, na posse de um objeto favorável ao alocutário, realiza o ato de oferta por receio de ser indelicado ou por sentir-se obrigado a detectar os desejos e as necessidades do outro.

O ato de oferta é considerado como um ato ilocutório condicional, sendo que uma das características da realização do ato é a participação ativa do alocutário: os atos de oferta são semelhantes às perguntas, já que exigem a sua aceitação ou recusa e ocorrem, na sua maioria, de forma indireta (Almeida, 1998:165).

De acordo com os estudos de delicadeza positiva e negativa, o ato de oferta é caracterizado pela delicadeza positiva orientada para a face positiva do alocutário. No entanto, é possível orientá-la para a face negativa do alocutário, por ser um ato que não foi requisitado pelo alocutário. Desta forma, é necessário um trabalho de figuração, originando uma tentativa de "o locutor da oferta minimizar os custos e os méritos do ato para exaltar os méritos e/ou valor simbólico do alocutário, enquanto este último procura minimizar os seus méritos e salientar os custos e o valor simbólico do acto em análise" (Almeida, 1998: 172).

Segundo Almeida (1998: 175), ocorrem também atos de oferta através de enunciados interrogativos, em que estão inseridos "elementos do próprio conteúdo proposicional" (*E o que vão beber?*, em *Oi Brasil*, 2017: 44) e / ou "aspectos ligados à percepção por parte do locutor de "dificuldade" ou "carência" da parte do alocutário" (*Posso ajudar?*), atos de oferta realizados de forma indireta que incidem na dimensão volitiva do ângulo do receptor com o uso do verbo "querer" (*Querem sobremesa?*, em *Oi Brasil*, 2017: 44), além de enunciados condicionais construídos com o valor de interrogação indireta e marcas de delicadeza (*Se vocês quiserem, podem passar o fim de semana aqui em casa*, livro didático *Gramática Ativa 2*, 2014:33). Outra forma de concessão indireta do ato de oferta é por meio de enunciados assertivos em que o locutor se mostra disposto a realizar o ato (*Eu posso te fazer um café*) ou em enunciados assertivos (*Eu te empresto o carro*).

Segundo Almeida (1998), a oferta é referida em pares: oferta-aceitação e oferta-recusa. No primeiro caso, a aceitação da oferta pode ocorrer através do modo imediato, "Aceito", sendo a mesma compreendida como forma de agradecimento, reforçando-a por meio de expressões como "muito obrigada". A aceitação é também apresentada como forma de mostrar consideração tanto por aquele que oferece quanto pelo objeto oferecido. Há também formas de expressar a modéstia e a minimização do mérito da oferta, estabelecendo, deste modo, uma forma de delicadeza positiva para com a face negativa do alocutário: na linha de

Hanneke Houtkoop-Streenstra, a oferta busca solicitar ao alocutário a confirmação da realização da atividade ou a negociação da mesma (Almeida, 1998:166). Os atos de oferta são divididos em: "proposta-aceitação de realização imediata", dividida em "sequência iniciativa de oferta" / "resposta-aceitação" / "sequência de fecho e reconhecimento"; e proposta de realização remota, dividida em "sequência iniciativa de convite", "resposta-aceitação", "pedido de confirmação", "confirmação", "reconhecimento da aceitação" (Almeida, 1998: 167). Sendo assim, as sequências são elementares para a aceitação da oferta e para o seu desenvolvimento adequado.

Por ora, a oferta pode vir acompanhada da recusa. Tal reação ameaça a face positiva do locutor, levando-o a abrandar a recusa através de justificações e o pedido de desculpas. As recusas justificadas autorizam o alocutário da oferta a evitar a perda da face positiva do locutor, ou seja, trata-se de delicadeza negativa para com a face positiva. As justificativas das recusas por parte do alocutário tem como efeito levar o locutor a reforçar o ato de oferta com contra-argumentos. A recusa justificada da oferta surge, também, como uma maneira de contestar e retomar a oferta feita (Almeida, 1998:190).

Tanto a oferta quanto a recusa podem vir acompanhadas de sequências inseridas. As mesmas são introduzidas nos discursos para a busca de maiores informações, as quais serão decisivas para a recusa ou aceitação da oferta. As sequências inseridas surgem em forma de pergunta ou asserção e ocorrem, ainda, entre a retoma da oferta e a intervenção de agradecimento.

Um outro ponto de destaque são as estratégias de preparação do sucesso da oferta. Almeida salienta que, nas chamadas "pré-ofertas", o locutor efetua um "inquérito" sobre os desejos do alocutário" (Almeida, 1998:199). A partir daí o outro passa a ter um espaço reduzido ou nulo de possibilidade de recusa da oferta. Em outros casos, o locutor serve-se das pré-ofertas como forma de certificar-se de que possíveis resistências ou uma reação negativa não serão cogitadas. O locutor prepara, assim, o sucesso da sua oferta, evitando prejuízos para a sua face positiva.

2.1.6 Atos híbridos de convite

Um outro ponto essencial a ser discutido neste tópico são as formas de expressar o convite. Ao convidar alguém a fazer algo, o locutor precisa atentar para o alocutário durante a interação como forma de levá-lo a realizar a atividade pretendida.

Segundo Almeida (1998: 56), o ato de oferta e o ato do convite apresentam semelhanças:

"a) ao nível da intervenção iniciativa e da intervenção reactiva;

b) ao nível da organização preferencial;

c) ao nível dos movimentos discursivos de cariz mais marcadamente interactivo" (Almeida, 1998:56)

Tais similaridades podem acarretar dificuldades no âmbito do discernimento e reconhecimento no decorrer do discurso aos aprendizes de Português Língua Não Materna. Em atividades apresentadas nos livros didáticos, o ato de convidar é reduzido a situações formais, como o convite a uma festa de aniversário e casamento e treinado no domínio da comunicação escrita. Além disso, o ato de convite e de oferta estabelecem uma relação mútua, gerando o desdobramento do convite ou a inclusão de uma oferta ao mesmo (Almeida, 1998).

O ato de convite é normalmente realizado de forma indireta e, por vezes, ocorre de forma direta através do uso do verbo " convidar". Observa-se outras formas de realização do ato de convite de forma indireta: por meio de enunciados interrogativos através de um ato literal de pergunta a respeito dos desejos do alocutário (*Querem sobremesa?*, em *Oi Brasil*, 2017:44); realização dos enunciados interrogativos que mostram a "*dimensão volitiva interrogada na forma negativa: "Você não quer ir nadar comigo?"*" (Almeida, 1998:209); com o uso do verbo " gostar" no Imperfeito do Indicativo ou no Condicional (*Gostaria de ir com vocês, mas infelizmente não posso*, em *Gramática Ativa 1*, 2012:54) e com o emprego do verbo "aceitar": *Aceita um cafézinho?*. Há, ainda, casos de realizações do convite por meio de enunciados assertivos que destacam as disponibilidades ou os desejos do locutor do ato de convite (*Queria te convidar para um churrasco lá em casa*).

O convite, seja por meio da comunicação escrita ou oral, pode ser aceito ou recusado. A aceitação do convite pode ocorrer de forma imediata "através de marcadores com valor literal de acordo, retoma afirmativa e abreviada do conteúdo proposicional ou ainda do verbo "aceitar" (Almeida, 1998:211). A aceitação do convite é, geralmente, seguida de um agradecimento. Este último age como forma substitutiva ou implícita da aceitação: "Com muito prazer". Ao receber o convite, o locutor pode reagir a partir de uma pergunta ou asserção, iniciando, assim, sequências inseridas que só levarão à aceitação do ato depois de serem definidas. Após aceitar o convite, o locutor se compromete com a realização do ato e deverá corresponder com as expectativas do convidado, respeitando as normas sociais em benefício do alocutário. Tanto o locutor quanto o alocutário tentam alcançar juntamente uma unanimidade sobre uma ação futura, numa espécie de contrato.

O ato de convite vem, na sua maioria, acompanhado de um agradecimento como expressão de modéstia ou consideração pelo locutor. O agradecimento pode ser destinado tanto ao autor quanto ao objeto do convite. Há, ainda, o "duplo movimento de agradecimento" (Almeida, 1998: 212) em que o alocutário agradece ao locutor pelo convite e o locutor agradece ao alocutário a aceitação do convite (Almeida, 1998: 212). Trata-se, portanto, de estratégias de delicadeza positiva. A declaração da aceitação de um convite pode ser substituída por uma forma de agradecimento

A recusa a um convite compreende uma ameaça à face positiva do locutor, sendo que, o alocutário busca "minimizar esta dimensão negativa" por meio do pedido de desculpas e das justificativas (Almeida, 1998: 212). Há também situações em que o alocutário utiliza-se da recusa como forma de levar o locutor à retoma ou reforço do convite. Almeida explica que uma recusa a um convite é baseada nos custos que um ato representa para o locutor. Somente ao minimizar os custos de tal ato é que o locutor passará a aceitar o convite. É importante salientar que a minimização dos custos do ato de convite está relacionada com aspectos culturais. Em algumas culturas tais minimizações são essenciais para com a face positiva do locutor, em outras culturas não ocorrerão ou dar-se-o em menor frequência.

Vemos, assim, que os atos de convite e de oferta apresentam diversas afinidades tanto nas suas condições de execução (o comprometimento do locutor a realizar um ato futuro

favorável ao alocutário) quanto ao nível da sua estrutura sequencial (aceitar e recusar). Almeida, seguindo a linha de pensamento de Searle, classifica o ato de convite como um ato, sobretudo, diretivo, pois, ao convidar, o locutor pretende levar o alocutário a concretizar uma ação futura; já o ato de oferta é classificado como ato comissivo, pois o locutor, ao oferecer, assegura ao alocutário que "é do interesse dele permitir ao locutor realizar uma acção futura" (Almeida, 1998: 217). Um ponto diferencial é que o ato de convite volta-se para o alocutário e a oferta volta-se para o compromisso do locutor. É, portanto, um desafio aos aprendizes de Português Língua Não Materna diferenciar um ato de outro e utilizá-los no decorrer do ato comunicativo. Isto reforça a necessidade de exemplos e exercícios que englobem um número maior e modificado de atos de oferta e convite. Este ponto abordaremos em outro capítulo deste trabalho.

2.3 Noção de Face

A noção de face é termo apresentado por Erving Goffman que surge no decorrer das interações sociais. No momento de interação, os interlocutores adotam um processo de negociação de suas imagens, o que permite a criação, manutenção ou perda da face. Durante a interação o objetivo é alcançar o equilíbrio entre os interlocutores e, conseqüentemente, seu sucesso. Sendo assim, os participantes tanto prezam pela preservação da sua própria face quanto levam em consideração a face do outro, o que pode levar à preservação, manutenção ou perda da face.

Para Goffman, os falantes, no decorrer da interação, seguem determinadas estratégias que permitirão o equilíbrio da situação entre seus interlocutores e de si. A face não é algo estável, é uma imagem de si mesmo, construída socialmente, que pode alterar-se no decorrer da interação e está sujeita à confirmação do outro. Logo, a mesma é suscetível de ameaça, perda, salvamento. A partir daí, Goffman determina o termo face:

"O termo face pode ser definido como um valor social positivo que a pessoa, através das estratégias de comportamento, reclamam para si através daquilo que os outros presumem ser a linha tomada por ela durante um contato específico. Face é a imagem do eu, uma imagem, que os outros podem adquirir" (Goffman, 2017:10; tradução nossa)⁵.

⁵ Der Terminus Image kann als der positive soziale Wert definiert werden, den man für sich durch die Verhaltensstrategie erwirbt, von der die anderen annehmen, man verfolge sie in einer bestimmten Interaktion. Image ist ein in Termini sozial anerkannter Eigenschaften umschriebenes Selbstbild, - ein Bild, das die anderen übernehmen können. (Goffman, 2017:10).

A face surge da interação social e será modelada de acordo com os padrões sociais da comunidade em que vivem os sujeitos da comunicação, sendo regulada de acordo com a ordem estabelecida dentro de uma determinada sociedade. A partir das reações de conduta do outro é que se irá construir a auto-imagem, prezando pelo equilíbrio interacional sem arriscar sua face e a do outro. Conforme Goffman:

"Podemos dizer que uma pessoa *tem, está com* ou *mantém* a fachada quando a linha que ela efetivamente assume apresenta uma imagem dela que é internamente consistente, que é apoiada por juízos e evidências comunicadas por outros participantes, e que é confirmada por evidências comunicadas por agências impessoais na situação" (Goffman, 2012: 14).

Observa-se, assim, que a face está em relação com o fluxo tomado no decorrer da interação. Para obter a aprovação, o reconhecimento e respeito no cerne de uma sociedade, o sujeito busca manter o que Goffman designa de face positiva. Assim, o sujeito deverá portar-se de acordo com uma "linha de acção que escolheu para si, de modo a não ser posto em causa pelos outros" (Sousa, 2010:9), evitando a perda da face. A manutenção da face⁶ está relacionada ao respeito próprio, o que pode levar o sujeito à renúncia ou ao esforço de determinadas ações.

O esforço em manter a própria face e atentar para a face do outro são as chaves para impedir conflitos e prezar pelo equilíbrio social durante a interação: "O efeito combinado da regra do respeito próprio e da regra da consideração é que a pessoa tende a se conduzir durante um encontro de forma a manter tanto a sua própria fachada quanto às fachadas dos outros participantes" (Goffman, 2012: 19). Há, portanto, uma aceitação recíproca da linha de comportamento dos participantes, mesmo que não sejam avaliadas de forma sincera, como característica fundamental da interação, na tentativa de evitar, assim, a confusão.

Há duas estratégias de proteção da face: as práticas defensivas, que consistem em práticas para salvar a própria face e as práticas protetoras, que buscam salvar a face do outro. Os tipos de preservação da face são o processo de evitação, uma forma de evitar situações delicadas ou conduzi-las através de intermediários (ao demonstrar respeito e delicadeza pelo outro ou a discrição) e o processo corretivo, que consiste em não conseguir evitar "a ocorrência de um evento que é expressamente incompatível com os juízos de valor social que estão sendo

⁶Goffman designa que a manutenção da fachada é uma condição da interação e não seu objetivo

mantidos, e quando o evento é do tipo que é difícil de ignorar, então os participantes provavelmente darão a ele o estatuto autorizado de um incidente [...] e procederão de forma a tentar corrigir os seus efeitos" (Goffman, 2012: 26). A delicadeza verbal surge, assim, como uma forma de manter o equilíbrio entre a manutenção da própria face e da face do outro. Assim, partiremos para a discussão da Delicadeza Linguística.

2.3.1 Definição de Delicadeza Linguística

A delicadeza linguística encontra-se no domínio do campo de estudos da Pragmática Linguística e é entendida, de forma ampla, como determinadas regras sociais e escolhas dos interlocutores para a manutenção do equilíbrio e harmonia no decorrer da interação verbal. O objeto da delicadeza linguística é baseado nos comportamentos socioverbais e nas produções orais e escritas, praticadas no decorrer do discurso.

A delicadeza linguística contempla tanto a atenuação dos comportamentos indelicados quanto a produção e intensificação dos comportamentos delicados. Sendo assim, a finalidade da delicadeza é minimizar as incompatibilidades e possíveis rivalidades entre os interactantes e evitar, ao menos em parte, os conflitos que podem ocorrer no decorrer da interação.

Optamos pelo uso do termo delicadeza, apesar da "polifonia terminológica"⁷ (Batoréo, 2015: 167), pois trata-se de um termo "a designar um domínio de estudo polifacetado que contemple tanto a intencionalidade e a relação interpessoal e social, como as manifestações verbais e não verbais e suas regras de funcionamento" (Carreira, 2014: 29).

Vejamos a seguir as teorias que influenciaram o campo de estudos da delicadeza linguística no discurso.

2.3.2 A contribuição de Brown e Levinson

O conceito de face apresentado por Goffman contribuiu para a continuação e desenvolvimento dos estudos de delicadeza apresentados por Brown e Levinson, cuja obra

⁷ Batoréo explica a polissemia do termo, que difere-se nos estudos anglo-saxônicos (politeness), nos estudos francófonos (politesse), no castelhano (cortesía), no português do Brasil (cortesía) e delicadeza (português europeu).

Politeness - Some Universals in Language Usage (1987) é considerada uma das mais significativas referências nos estudos de delicadeza.

Para Brown e Levinson, os sujeitos de uma sociedade são tidos como agressivos. Desta forma, recorrem às estratégias de delicadeza para evitar possíveis comportamentos agressivos e facilitar a convivência social (Rodrigues, 2003).

Os indivíduos possuem, assim, duas faces: uma face negativa, que consiste no desejo de liberdade das ações e o domínio do conjunto dos territórios do eu, e a face positiva, que consiste no desejo de aceitação pelos outros e que estes compartilhem dos mesmos desejos. Para Kerbrat-Orecchioni (2005), a originalidade do trabalho de Brown e Levinson está no cruzamento dos conceitos trazidos por Searle e Goffman, pois consideram os efeitos que os atos de linguagem podem ter sobre as faces dos falantes. De acordo com Brown e Levinson, há certos atos (verbais e não verbais) que podem ameaçar tanto a face positiva quanto a face negativa dos interlocutores durante a interação, conhecidos como Atos Ameaçadores de Face (AAF) ou Face Threatening (FTA). Exemplos de atos que ameaçam a face negativa são ordens, pedidos, ameaças, promessas ou formas de expressar emoções negativas em relação ao ouvinte, posto que "indicam que o falante poderá não se coibir de impedir a liberdade de acção do seu interlocutor." (Sousa, 2010: 22). Atos como críticas, expressões de desacordo ou a utilização de formas de tratamento inapropriadas são considerados atos ameaçadores da face positiva do ouvinte, pois mostram o desprezo do falante pelos sentimentos do interlocutor e sua não identificação para com os desejos e as ambições do mesmo. As situações resultantes da produção de FTAs podem ser ameaçadoras tanto para a face positiva quanto para a face negativa do ouvinte e, ainda, ameaçar a face do ouvinte e a face do falante.

A delicadeza linguística assume aqui um papel essencial como forma de regular e preservar as faces dos interlocutores no decorrer da interação. A delicadeza busca atenuar, através da evitação, atenuação e/ou reparação possíveis riscos advindos da realização de um FTA. Observa-se que, ao realizar um FTA, o locutor tentará ao máximo minimizar ou atenuar efeitos negativos utilizando-se de estratégias de delicadeza. Isto fará com que os riscos de ameaça ao FTA seja reduzido, obtendo-se o alcance do equilíbrio entre o desejo do locutor atingir um certo objetivo e a vontade de preservar a face do interlocutor.

Para Brown e Levinson (1978), o nível de delicadeza a ser mobilizado durante a realização de um FTA está relacionada a três fatores: a distância social (D) existente entre locutor e alocutário; o poder (P) existente entre o locutor em relação ao alocutário; o grau de imposição do FTA numa determinada cultura. Assim, ao realizar um FTA, a delicadeza elevará quanto maior for a distância entre locutor e alocutário, quanto maior for o poder do alocutário sobre o locutor e quanto maior for o grau de imposição do FTA. Estes fatores variam culturalmente e alguns são transversais a várias culturas. No entanto, suas manifestações formais, geralmente, são particularizadas. Sendo assim, num encontro de falantes de culturas linguísticas diferentes é necessário um cuidado maior com as estratégias de delicadeza para minimizar um FTA. As formas de delicadeza utilizadas e aceites em uma dada cultura podem ser distintas ou inexistentes em outras. Desta forma, poder-se-a evitar situações constrangedoras e de desentendimento ou até mesmo conflitos. Este é um processo de aprendizagem que exige tempo nas aulas de Língua Não Materna e esforço do professor em incentivar e reiterar a importância do uso das estratégias de delicadeza no decorrer da interação.

Para Brown e Levinson, todo o falante tem a intenção de que sua face seja respeitada e protegida. Sendo assim, os autores buscam descrever a forma com que os falantes reagem para calcular o grau de um ato ameaçador, selecionando, assim, a estratégia adequada para proteger seu "território" e sua "face" (Yuqi, 2018: 35). A fim de suavizar as possíveis ameaças, os locutores podem recorrer ao que denominaram Estratégias de Delicadeza:

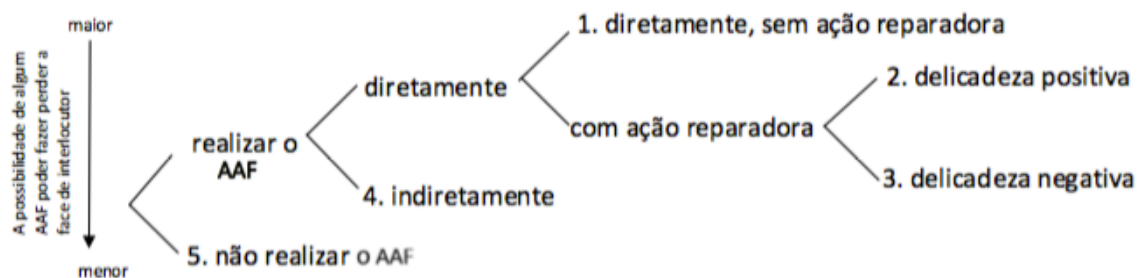


Figura I-1 Estratégias de delicadeza (P. Brown & Levinson, 1978, p. 74, 1987, p. 69)

Quadro 2.2 Estratégias de delicadeza

Todas as estratégias possuem vantagens e desvantagens para o falante, que deve ser apto para avaliar os custos e os benefícios gerados através de tais estratégias. A escolha de uma destas estratégias dependerá dos objetivos dos falantes. Sendo assim, quanto maior for o número dado a uma estratégia (no caso a mais elevada é o número 5), maior será a preservação de face do interlocutor.

A estratégia de realização direta ou em registro é usada em situações onde o falante está mais interessado na realização de um FTA (AAF) do que na preservação da face de seu interlocutor. Segundo Sousa (2010), tal estratégia pode ser interpretada de maneira indelicada, porém é utilizada com frequência em situações emergenciais ou em situações que mostram a relação assimétrica de poder entre os falantes. Pode, também, ser utilizada em situações de delicadeza, como no caso de uma oferta.

A estratégia positiva é denominada super estratégia e pretende "compensar a face positiva do ouvinte, ou seja, a auto-imagem que ele ambiciona para si próprio" (Sousa, 2010: 27). A mesma funciona como uma forma de minimizar ameaças à face de um interlocutor e de procurar "acelerar" as relações sociais, já que busca aproximar o falante e o ouvinte.

A estratégia de delicadeza negativa pretende reparar de forma parcial a ameaça da face negativa do alocutário e também a ameaça da face positiva. Como parte desta estratégia estão o uso de atos e estruturas indiretas, expressões minimizadoras, não constranger o ouvinte. A mesma é baseada em estratégias de evitação, em que o falante busca reconhecer e respeitar a

face negativa do ouvinte, tenta não intervir na sua liberdade de ação (Sousa, 2010:28) e procura ainda não ameaçar a face positiva do alocutário.

No caso dos atos comunicativos de modo não oficial ou fora de registo estamos perante atos com mais de uma intenção comunicativa ou expressões de significado pouco claro. É o caso do uso de formas indiretas ou ambíguas, como metáforas, ironias, tautologias, eufemismo, seguidos de pistas que determinarão sua interpretação dentro de um determinado contexto. Esta estratégia impossibilita a responsabilidade do locutor, já que ao emitir um destes atos ameaçadores, o locutor deixa a responsabilidade de interpretação contextual ao interlocutor.

Tais estratégias procuram minimizar ou diminuir atos de ameaça à face do alocutário. Isto levou os autores a esquematizar quinze estratégias de delicadeza positiva, dez de delicadeza

Estratégias de delicadeza

Delicadeza positiva (P. Brown & Levinson, 1987, p. 102)	1. Perceba o outro
	2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro
	3. Intensifique o interesse pelo outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do alocutário
	4. Use marcas de identidade de grupo
	5. Procure acordo
	6. Evite desacordo
	7. Pressuponha, declare pontos em comum
	8. Faça piadas baseadas em valores e conhecimentos compartilhados
	9. Explícite e antecipe os desejos do alocutário
	10. Ofereça, prometa
	11. Seja otimista
	12. Inclua ambos, o locutor e o ouvinte, na atividade
	13. Dê ou peça razões, explicações
	14. Simule ou explicitamente reciprocidade
	15. Dê o que o alocutário pretende obter, tais como bens, simpatia, compreensão, cooperação, etc.
Delicadeza negativa (P. Brown & Levinson, 1987, p. 131)	1. Seja convencionalmente indireto
	2. Questione, seja evasivo
	3. Seja pessimista
	4. Minimize a imposição
	5. Mostre respeito
	6. Peça desculpas
	7. Impessoalize o locutor e o alocutário. Evite os pronomes "eu" e "tu/você"
	8. Declare o AAF (Ato Ameaçador de Face) como uma regra geral
	9. Nominalize
	10. Vá diretamente como se estivesse a assumir o débito, ou como se não estivesse a endividar o ouvinte
Indiretividade (P. Brown & Levinson, 1987, p. 214)	1. Forneça pistas (cf. Razões para fazer algo; condições para realizar algo)
	2. Dê indicações de associação
	3. Pressuponha
	4. Reduza a importância do ato
	5. Exagere a importância do ato
	6. Use tautologias
	7. Use contradições
	8. Seja irônico
	9. Use metáforas
	10. Faça perguntas retóricas
	11. Seja ambíguo
	12. Seja vago
	13. Faça generalizações
	14. Desloque o alocutário ¹⁰
15. Deixe entender sem concluir, use elipses	

Quadro I-4 As estratégias de delicadeza de Brown & Levinson (P. Brown & Levinson, 1987, pp. 101–227)

Quadro 2.3 Estratégias de delicadeza segundo Brown & Levinson

A teoria de delicadeza de Brown e Levinson é um ponto de partida importante para a compreensão da delicadeza. A escolha de estratégias de delicadeza mais apropriadas num certo contexto depende do conhecimento universal e "dos aspectos sociais e pragmáticos que variam consideravelmente nas diferentes culturas" (Sousa, 2010:29). Observa-se, assim, a importância em conhecer e considerar não apenas o contexto, mas as diferentes culturas dos falantes e suas formas de manifestação de delicadeza.

Estudiosos, porém, propuseram certas revisões de determinadas questões teóricas apresentadas por Brown e Levinson. Tendo em vista que os estudos de estratégias de delicadeza propostos foram baseados na língua e cultura inglesas, é necessário atentar ao conceito de universalidade questionando-o, já que não houve abordagem adequada dos comportamentos discursivos em culturas mais distantes, como, por exemplo, as não-ocidentais (Yuqi, 2018). Além disso, a delicadeza pode emitir distintos valores normativos e significados tidos como "delicado", "indelicado" constituídos no cerne de uma cultura definida (Yuqi, 2018:43). É preciso, assim, certas alterações de conceitos de acordo com os diferentes contextos socioculturais em que serão aplicados.

2.3.4 A teoria de Leech

Uma das teorias que influenciaram os estudos de delicadeza foi o princípio de delicadeza regido por máximas e submáximas, levando em conta o aspecto retórico. A delicadeza para Leech tem como função regular os comportamentos humanos e "to maintain the social equilibrium and the friendly relations which enable us to assume that our interlocutors are being cooperative in the first place." (Leech: 2018:82).

Leech (2018) categoriza quatro tipos de funções ilocutórias relacionadas "com o objectivo social de estabelecer e manter um bom relacionamento" (Rodrigues, 2003:118): competitiva (pedir, perguntar, ordenar, etc.), conviviais (oferecer, agradecer, convidar, parabenizar), colaborativas (informar, instruir, relatar, etc.) e conflitante (ameaçar, acusar, censurar).

Além disso, apresenta seis máximas de cortesia, sendo que cada uma delas é composta por duas submáximas, as quais apresentam custo e benefício do locutor (self) e do alocutário (other) ou um terceiro participante da comunicação: do tato (em atos comissivos; minimiza os custos do alocutário; maximiza o benefício do alocutário), de generosidade (em atos comissivos; minimiza o benefício do locutor; maximiza os custos do locutor), de aprovação (em atos expressivos e assertivos; minimiza o deslouro do alocutário; maximiza o louvor do alocutário), de modéstia (em atos expressivos e assertivos; minimiza o louvor do locutor e maximiza o deslouro do locutor), de acordo (em atos assertivos; minimiza a discordância entre o locutor e o alocutário; maximiza a concordância entre o locutor e o alocutário) e da simpatia (em atos assertivos; minimiza a antipatia entre o locutor e o alocutário; maximiza a simpatia entre o locutor e o alocutário). A importância das máximas pode variar de acordo

com as diferentes culturas, já que em algumas culturas uma máxima pode ser mais valorizada do que a outra.

2.3.5 Teoria de Delicadeza Linguística

Kerbrat-Orecchioni (2005) analisa o discurso levando em conta os aspectos da língua e o contexto social. Para a estudiosa, o trabalho executado por Brown e Levinson apresenta uma concepção negativa e pouco abrangente dos atos de fala durante a interação que necessitam da delicadeza como forma de reduzir danos na comunicação. A delicadeza é essencial não apenas para diminuir a intensidade dos atos ameaçadores, mas também como maneira de valorizar a face do locutor, como é o caso de um elogio ou agradecimento. Sendo assim, Kerbrat-Orecchioni introduz um termo adicional aos FTAs no modelo teórico desenvolvido por Brown e Levinson, o FFA (Face Flattering Act). Neste caso, trata-se de atos verbais ou não verbais que valorizam ou elogiam a face do outro. Por ora, um ato de linguagem pode ser um FFA, um FTA ou a combinação dos dois. A partir daí, surgem duas formas de delicadeza: a delicadeza positiva e a delicadeza negativa: "A polidez negativa, [...] consiste em evitar a produção de um FTA ou em suavizar sua realização por algum procedimento; e a polidez positiva, que consiste em realizar algum FFA, de preferência reforçado" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 89)⁸. A introdução do conceito de FFAs proporciona ao sistema de delicadeza mais equilíbrio e operatividade, além de fornecer mais clareza e coerência para a análise dos atos de discurso (Rodrigues, 2003: 133).

No esquema apresentado por Kerbrat-Orecchioni, as noções de delicadeza positiva e negativa ocupam um lugar de destaque dentro do sistema linguístico, pois ser delicado consiste tanto em atenuar a expressão de um FTA como produzir um FFA. A delicadeza positiva é, portanto, tão importante quanto a delicadeza negativa.

A noção de delicadeza negativa é definida como de natureza abstencionista ou compensatória, pois consiste em evitar a produção de um FTA ou em amenizar sua realização; já a delicadeza positiva é de natureza produtiva e consiste em realizar um FFA para a face negativa ou positiva do alocutário. Sendo assim, é possível reconhecer a diferença

⁸ A edição da referência bibliográfica aqui referida dá preferência ao termo polidez.

entre a delicadeza positiva e a face positiva e a delicadeza negativa e a face negativa. Além da distinção entre estes dois conceitos, Kerbrat-Orecchioni apresenta quatro tipos de estratégias discursivas de delicadeza, sendo possível a relação entre eles: delicadeza negativa para com a face negativa (por exemplo, um pedido de desculpa por violar o "território" do alocutário), delicadeza negativa para com a face positiva (por exemplo, pedido de desculpa por ferir a suscetibilidade do outro ou atenuar uma crítica), delicadeza positiva para com a face negativa (por exemplo, pedido de desculpa acompanhado de um presente ou propor ajuda), delicadeza positiva para com a face positiva (por exemplo, pedido de desculpa acompanhado de um elogio ou fazer um elogio).

Distinguir e classificar as diversas formas de delicadeza nem sempre é tarefa fácil. O contexto, a relação interpessoal, as variadas expressões culturais que definem uma atitude delicada ou indelicada, entre outras, são alguns fatores que determinam a complexidade e contrariedade do princípio de delicadeza. Para Kerbrat-Orecchioni, a delicadeza não só permite manter a harmonia nas relações sociais e reduzir possíveis conflitos entre os interactantes, mas também tem por função preservar e beneficiar a imagem de seus interlocutores durante as interações sociais: "É a essa conciliação, por vezes acrobática, dos interesses do falante e do interlocutor que visa o exercício da polidez" (Kerbrat-Orecchioni, 2006: 101).

Seguindo a linha de Brown e Levinson, Kerbrat-Orecchioni traça "processos linguísticos que, aos níveis da cortesia negativa e da cortesia positiva, o locutor pode utilizar em relação ao seu interlocutor e/ou a si próprio, dentro dos parâmetros dos sistemas de faces e de cortesia" (Rodrigues, 2003: 143). A delicadeza linguística pode ocorrer através de realizações que encontram-se fixas e consensuais, já que seu uso recorrente já passou a ser lexicalizado e gramaticalizado. No entanto, a delicadeza também pode ser efetuada a partir de construções discursivas envolvidas de caráter sutil, em que somente "o contexto e a dinâmica da interação" são capazes de reconhecê-lo, interpretá-lo, aceitá-lo ou rejeitá-lo. Ao apropriar-se do emprego de tais construções, o locutor demonstra possuir competência de delicadeza, ou seja, a capacidade de utilizar-se de processos não verbais, paraverbais e verbais, que ocorrem desde a "tomada de palavra nos turnos de fala, à organização das trocas verbais e sucessão

das intervenções, do tipo de actos de fala às formas mais ou menos formais de cortesia" (Rodrigues, 2003:144).

Quando a interação é situada dentro do quadro de delicadeza verbal, os interactantes atuam com trocas de valorização mútuas das faces positivas, podem se autodegradar, recusar de forma delicada um elogio recebido (por modéstia) e as intervenções dos interactantes são desenvolvidas, evitando os atos diretivos. As práticas de delicadeza nas interações dependem também das relações de distanciamento e de poder existentes ou desenvolvidas entre os participantes da interação. Estes fatores encontram-se na base dos chamados eixos horizontal e vertical, sendo que no primeiro a familiaridade e o distanciamento situam-se de forma simétrica e no segundo situa-se, de forma assimétrica, o poder. No decorrer da interação verbal, os participantes determinam as relações de poder e distanciamento.

Kerbrat-Orecchioni aponta, ainda, para as formas de tratamento, das mais simples às honoríficas, considerando-as como fenômenos inclusivos da estrutura geral da delicadeza. As formas verbais também fazem parte do grupo que compõe os fenômenos e princípios de cortesia, pois é através do uso verbal que os interactantes mostram respeito⁹. Há marcadores verbais que podem contribuir para indicar maior ou menor distanciamento entre os interactantes: as formas de tratamento, escolhas de temas (não tratamento de temas mais íntimos ou pessoais com quem não conhece) e níveis de língua (formais e informais).

A distância entre os interlocutores pode sofrer alteração conforme a aproximação que poderá aumentar durante as interações. No decorrer de uma situação de interação, o locutor poderá utilizar-se de diferentes meios que levarão a manifestar a distância desejada com seu alocutário. Sendo assim, as distâncias sociais podem diminuir conforme os interactantes desenvolvem uma relação interpessoal.

2.3.6 A comunicação verbal e a Delicadeza Linguística

⁹ Rodrigues explica que "respeitar as distâncias" é respeitar "o estatuto social, a idade, o sexo, a profissão, o cargo, a habilitação académica, os gostos, o conhecimento mútuo, a situação, etc., é uma regra do viver socialmente correcto" (2003:153)

A comunicação verbal é a primeira prática linguística que adquirimos desde muito cedo, ainda na fase infantil. Conforme adquirimos a língua materna, passamos a nos comunicar cada vez mais e a exercitar a linguagem a partir da troca de falas e o reconhecimento (ainda que inconsciente) de um emissor e receptor. Inicia-se a produção de diálogos, a constante interação com o outro e a troca de turnos que será desenvolvida pela criança durante os primeiros anos de vida.

A interação se desenrola dentro de um determinado quadro, com determinados participantes, que possuem um laço socioafetivo ou percorrem o mesmo objetivo no decorrer da comunicação, no caso, o interesse em comprar/vender um produto, negociar, entre outros. O grau de delicadeza pode ser alterado de acordo com o contexto em que a comunicação se efetiva e do grau de maior/menor intimidade entre os interlocutores (você/tu no caso de maior intimidade e senhor/senhora na interação formal ou em caso de menor intimidade).

Durante o ato de comunicação, os interlocutores buscam manter o equilíbrio e harmonia comunicacional. Sendo assim, recorrem às estratégias de delicadeza. A delicadeza assume, assim, um papel importante como estratégia discursiva a efetivar o "equilíbrio interlocutivo" (Almeida, 2009: 46) e abrange, ainda, os comportamentos verbais e não verbais, sendo que a cooperação se torna fundamental para o desenvolvimento de uma comunicação salutar. Considerando a fala como uma alocação (Fonseca, 1992), o locutor e o alocutário precisam atentar para seus papéis assumidos durante a interação., No decorrer do processo interacional, o locutor pode produzir FTA's (atenuadores), FFA's (geralmente reforçados) e atos mistos (oferta e convite). Sendo assim, vemos que o trabalho de figuração se torna essencial como maneira de "evitar a ameaça das faces dos interactantes (estratégias de delicadeza negativa) ou de as valorizar (estratégias de delicadeza positiva)" (Almeida, 2009: 46).

Neste caso, os processos de figuração proporcionam as condições necessárias para a atenuação ou mitigação das possíveis ameaças à face dos interlocutores, concebendo um desenvolvimento adequado da interação e determinando as relações interlocutivas (Almeida, 2012: 16).

. No decorrer da comunicação, os interlocutores podem apropriar-se de estratégias discursivas que atuam como forma de reforçar os FFA's ou atenuar os FTA's. Na abertura das interações, as estratégias discursivas predominantes são aquelas que preparam a abertura do tema em questão com a finalidade de "equilíbrio entre as faces" (Almeida, 2005). Entre as estratégias de delicadeza positiva estão as saudações de abertura, humor, o elogio, os votos e estratégias de enquadramento; o auto-elogio e o uso de mitigadores (diminutivo) como forma de modéstia (Almeida, 2012). Às estratégias de delicadeza negativa pertencem as formas de

mitigação (justificação e pedidos de permissão delicados), as trocas reparadoras (como os atos de retificar e os pedidos de desculpa), o uso do léxico "pequeno" e a expressão "um pouco", que colaboram como forma de mitigar a ameaça de um FTA. No fecho da interação há a ocorrência de estratégias de mitigação que serve à estratégia de delicadeza negativa e à evitação da ameaça da face dos interlocutores no decorrer da interação. Entre elas estão: as justificações, os pedidos de desculpa, os minimizadores e as pré-sequências dirigidas para o fecho de forma a manter o equilíbrio da relação entre os interlocutores (Almeida, 2012).

A relação de cooperação na interação pode ser maior ou menor conforme o grau de distanciamento ou proximidade entre os interlocutores no ato de comunicação e interação: quanto maior o distanciamento, maior serão as estratégias de delicadeza aplicadas. Desta forma, os interactantes utilizam-se de FTA's, suavizadores, justificações (para evitar o desacordo), o ato de fala indireto e outros procedimentos. Ao respeitar as regras de delicadeza, os interlocutores colaboram para que a interação funcione de forma adequada.

Os diálogos em aulas de Língua Não Materna são uma atividade lúdica de dramatização de papéis e situações que tentam se aproximar do cotidiano e colaborar para o desenvolvimento da competência comunicativa e o trabalho em grupo. Sendo assim, os papéis interacionais e os papéis discursivos serão adaptados de acordo com a tarefa proposta (no caso de uma compra, por exemplo, um participante será o vendedor e o outro o comprador), proporcionando aos participantes a troca de papéis. Isto contribui para o melhor reconhecimento das relações sociais (simétrica / assimétrica) que envolve a prática do uso de determinados pronomes, modos e tempos verbais e as seleções linguísticas e discursivas assim como de atos de fala apropriados ao contexto em que se desenvolve a interação.

As atividades de dramatização proporcionam a prática e desenvolvimento das estratégias de delicadeza positiva e negativa durante a comunicação. Sendo assim, faz parte do trabalho do professor de português como Língua Não Materna revisar e reforçar estratégias discursivas que busquem garantir a harmonia conversacional e a delicadeza no decorrer da interação: o uso de suavizadores (como "por favor") e de trocas reparadoras (como "desculpe"), dos verbos condicionais (a partir de um certo nível de aprendizagem), perguntas indiretas com o auxílio dos verbos modais, os atos expressivos como forma de agradecimento. As situações experimentadas em diversos contextos também determinam a variedade do grau de maior ou menor delicadeza. Segundo Fávero e Andrade (2015), a oralidade pode ser tratada no ensino de Português como Língua Não Materna a partir do trabalho de gêneros discursivos diversificados, que permitam a observação da língua em seus registros formal e informal em diferentes graus de delicadeza e (in)delicadeza verbais (Fávero & Andrade, 2015: 125).

Além disso, as atividades de comunicação oral, neste caso, os diálogos, contribuem para o trabalho e aperfeiçoamento de formulações linguísticas (como pedidos, desejos, ordens, sugestões, entre outras) de natureza injuntiva que exigem o emprego de estratégias de delicadeza como forma de persuadir o alocutário para a realização do ato e, ao mesmo tempo, de atenuar tal ação verbal (Neto & Gheysens, 2011). Portanto, é importante observar o desenvolvimento das estratégias de delicadeza utilizadas pelos aprendizes ao selecionar certas expressões de acordo com o contexto em que se insere e "reconhecer as motivações pragmáticas que mobilizam a utilização dessas expressões" (Neto & Gheysens, 2011:117).

2.4 A aquisição da Língua

A comunicação verbal é essencial não apenas para a compreensão e transmissão de informações, como também é a chave para o convívio social. A aquisição é entendida como um "processo de apropriação subconsciente de um sistema linguístico, via exposição, sem que para tal seja necessário um mecanismo formal de ensino" (Sim-Sim, 1998: 28). Estes processos exigem a imersão passiva e ativa da criança numa determinada língua de uma comunidade para o desenvolvimento da linguagem. A partir daí, a criança passará a apropriar-se do discurso utilizado no contexto em que cresce. O aumento da socialização, a entrada na escola e a exposição a novos e ampliados contextos contribuirão para o desenvolvimento da linguagem e proporcionarão condições necessárias para o aumento de vocabulário e expressões específicas do grupo ao qual pertence. Adquirir uma língua requer apreender as regras de um sistema de acordo com sua forma, conteúdo e uso da língua:

"No que concerne à forma, as regras adquiridas dizem respeito aos sons e respectivas combinações (fonologia), à formação e estrutura interna das palavras (morfologia) e à organização das palavras em frases (sintaxe). As regras referentes ao conteúdo (semântica) servem o significado das palavras e a interpretação das combinações de palavras. Finalmente, as regras de uso (pragmática) visam a adequação ao contexto de comunicação." (Sim-Sim, 1998:25)

A aquisição da linguagem requer diferenciar a aquisição da Língua Materna, Língua Segunda ou Língua de Herança e Língua Estrangeira¹⁰. No caso deste trabalho, nos ocuparemos da

¹⁰ O falante de herança é caracterizado pela "exposição simultânea mas desequilibrada às duas línguas" (Flores, Melo-Pfeifer, 2014:19). O mesmo adquire a língua materna no ambiente familiar e, ao frequentar o jardim da infância ou pré-escola, passa a adquirir e aumentar o contato com a "língua majoritária." O Português Língua Segunda é caracterizado como a aquisição e aprendizagem da língua durante a infância, adolescência ou na fase adulta. Segundo Leiria, o uso do termo Língua Segunda aplica-se "para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro de fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida" (Leiria, 2004:

aquisição e aprendizagem da Língua Estrangeira, que "pode ser aprendida em espaços fisicamente muitos distantes daqueles em que é falada e, conseqüentemente, com recurso, sobretudo, a ensino formal" (Leiria, 2004: 4). O ensino formal ocorre, em grande maioria, a partir de cursos oferecidos em escolas, escolas de língua, universidades ou aulas particulares, podendo ser ministrado por falantes nativos ou não-nativos. Neste caso, o aprendiz estará exposto a situações de interação formais e tem como apoio de aprendizagem o livro ou materiais didáticos.

Assim, deparamo-nos com os processos de aprendizagem e aquisição que podem interagir e complementar-se (Sim-Sim, 1998: 21), mas são considerados processos diferentes: a aquisição caracteriza-se por procedimentos mais "fluentes e automáticos" e trata-se de um processo natural, caracterizado pela exposição da criança desde bem cedo, enquanto a aprendizagem demanda de "níveis superiores de conscientização na apreensão do conhecimento" (Sim-Sim, 1998: 29). Sendo assim, é importante compreender de que maneira os falantes de uma Língua Não Materna reconhecem os diferentes contextos linguísticos e manifestam estratégias de delicadeza em situações de interação, posto que a competência pragmática já foi adquirida na Língua Materna.

2.4.1 Aquisição da competência pragmática

Para se comunicar em uma determinada língua é preciso não só conhecer suas regras de estrutura e de gramática, como também saber usá-las em diferentes contextos. A comunicação é, assim, regida por uma série de normas que devem ser seguidas para ser bem sucedida. Segundo Sim-Sim, o sucesso para uma boa interação está no estado de harmonia alcançado pelos interlocutores por conta do reconhecimento das intenções de comunicação do outro. Sendo assim, a competência pragmática torna-se a chave para um bom desempenho na comunicação verbal. Além disso, é preciso que os interlocutores saibam interpretar as suas intenções, utilizar-se de formas de tratamento e "aspectos extralinguísticos e prosódicos", como a expressão facial, a postura, os gestos, como também "a entonação, ritmos e pausas no discurso", realizar pedidos, promessas, desejos através dos atos de fala (Sim-Sim, 1998:186). Além do domínio da mesma língua e de suas estruturas, para que uma comunicação seja bem sucedida, é necessário que os participantes reconheçam a intenção do falante e possam

1). A Língua Segunda é frequentemente uma das línguas oficiais e é essencial para a vida social e econômica do país (idem, 2004:1)

interagir com o outro buscando não apenas informar, mas ser claro, verdadeiro e pertinente. Trata-se, neste caso, do Princípio de Cooperação expresso por Grice (1975).

Todo este procedimento é adquirido pelos falantes ao longo da vida. A competência pragmática é um processo que começa cedo na vida da criança, aos três meses de idade. Esta é conhecida como pegar a vez ou a troca de turnos, considerada a capacidade do falante de reconhecer o momento de iniciar, terminar e passar ao outro a possibilidade de se expressar (Sim-Sim, 1998). Este é considerado um processo universal, porém fortemente influenciado pelo contexto em que os diálogos ocorrem.

A partir da entrada escolar, a criança passa a entender que a linguagem é um mecanismo importante no processo interacional e "torna-se um mestre no uso deste instrumento, apercebendo-se da importância de adaptar o diálogo de acordo com o ponto de vista, idade e interesses do parceiro de conversa" (Sim-Sim, 1998:198). Neste caso, a criança, que já domina a estrutura da língua, passa a observar a sua forma, fazendo com que o discurso se torne mais claro e sutil (Sim-Sim, 1998)¹¹. As expressões de delicadeza começam a ser utilizadas, mesmo que de forma menos frequente. Porém, o domínio dos aspectos que caracterizam o discurso mais sutil e delicado demoram para se estabelecer, como é o caso do uso da delicadeza.

Desde o nascimento até a idade escolar, o desenvolvimento interativo da criança propaga-se e as funções comunicativas apuram-se, como no caso do uso dos atos de fala diretivos (ordem, sugestão, pedidos) que tendem a ter um uso indireto com o emprego de atos de fala indiretos (Sim-Sim, 1998).

Os alunos de uma Língua Não Materna precisam de atingir duas fases no desenvolvimento da competência pragmática: estabelecer representações do conhecimento pragmático e obter o controle sobre o processo da informação pragmática (cf. Ferreira, 2016: 26). Este é o desafio dos aprendizes, já que precisam primeiramente de adquirir o conhecimento pragmático, o que leva um determinado tempo, e a controlar o uso de determinadas expressões num determinado contexto. Para uma maior proficiência na Língua Não Materna, como é o caso da compreensão dos enunciados indiretos, os alunos têm que obter tanto "o conhecimento

¹¹ A narração de histórias é uma importante referência para o desenvolvimento da competência pragmática. Ao narrar uma história, a criança passa pela sua primeira experiência em "situação de monólogo" sem que haja um "parceiro de conversação" (Sim-Sim, 1998: 202). Neste caso, o contar e compreender uma história exige um aprimoramento da "capacidade para processar e produzir unidades contínuas de linguagem que respeitem uma estrutura específica de coesão e coerência" e o respeito a relações de tempo e causa que contribuam para um "fluir natural da história" (Sim-Sim, 1998: 202). Com a entrada na escola, o conhecimento da estrutura da narrativa será aprimorado, fazendo com que a capacidade de narrar melhore, com a introdução de pormenores.

pragmático" quanto "a rapidez do processamento dos aspetos pragmáticos" (Ferreira, 2016: 26).

Observamos, portanto, que o conhecimento pragmático é essencial para garantir melhor competência e domínio de estruturas mais complexas da língua alvo, sendo essencial à aprendizagem de uma Língua Não Materna. O uso da linguagem em contexto interacional tem por base o conhecimento pragmático que permite interpretar o que é dito, operando com implicaturas conversacionais e/ou implicando o sentido através do que é dito em contexto. Assim, a competência pragmática está relacionada com a capacidade de produzir e interpretar enunciados adequados aos contextos socioculturais. Deste modo, é fundamental enfatizar a importância da competência pragmática no ensino de Língua Não Materna, que, por vezes, é deixada para trás em prol do ensino da gramática e de pouco trato nas atividades dos livros didáticos. Para garantir um melhor desempenho do conhecimento e competência pragmática, o professor deve selecionar atividades que contribuam para a aprendizagem da língua levando em conta o contexto e que proporcione ao aluno o alcance a situações de uso real e o contato com discursos diversificados e originais (Duarte, 2015: 58).

3. Capítulo III - Metodologia

3.1. Os participantes

Para a realização do presente trabalho selecionamos dois grupos de alunos de Português do Brasil (PB) nos anos de 2019 e 2020. As aulas ocorrem no período noturno na escola de línguas Volkshochschule na cidade de Hamburgo, na Alemanha. Os alunos dos três grupos iniciaram os cursos com aulas presenciais, mas tiveram que aderir às aulas online por conta da pandemia. Os alunos do grupo A1.2/A1.3 possuem, no momento, aulas particulares online¹². Os participantes possuem entre 30 e 76 anos, sendo que os grupos estão divididos entre os níveis A1.2/A1.3, B1/B2. Alguns dos alunos frequentam há mais de cinco anos os cursos.

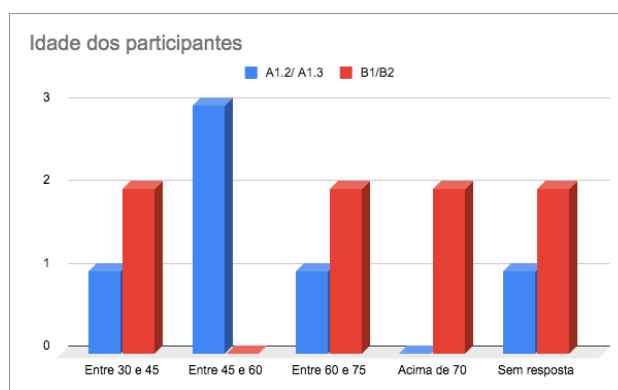


Gráfico 3.1 Representação da idade dos participantes

O tamanho dos grupos varia entre 6 e 11 participantes.

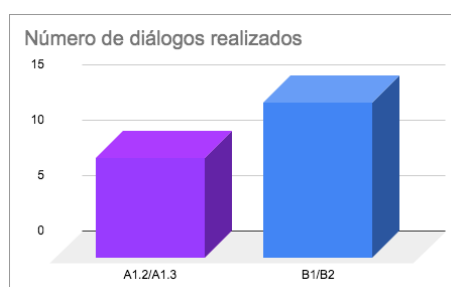


Gráfico 3.2 Representação do número de alunos em cada nível

Como se pode observar no gráfico dois, o número de participantes nos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 não é uniforme. Apesar da classificação dos cursos seguir os níveis de proficiência do

¹² Os alunos do grupo A1.2 / A1.3 começaram o curso iniciante com aulas presenciais, terminando o nível A1.1. Porém, por conta da pandemia de 2020, passaram a ter aulas online.

Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas¹³, os grupos são heterogêneos em termos de proficiência linguística, já que a aplicação de testes de nivelamento na escola não é obrigatória. Deste modo, há participantes no curso B2 que oscilam entre os níveis B1 e A2, há alunos que, por conta da proficiência em outras línguas estrangeiras, tem uma boa proficiência oral, outros com bom domínio gramatical, mas com enormes dificuldades para comunicar de forma espontânea. O material recolhido do grupo B1/B2 foi realizado no ano de 2019 em aulas presenciais e no ano de 2020 em aulas online.

O tempo de aprendizado de cada grupo varia: o grupo A1.2/A1.3 aprende português há um ano e meio; o grupo B1/B2 tem aulas há cinco anos e recebe todo semestre novos alunos. O desempenho na aprendizagem fora da sala de aula é considerável: os alunos buscam realizar com frequência os deveres de casa e participam em eventos culturais brasileiros oferecidos na cidade de Hamburgo.

A fim de conhecer melhor os participantes e delinear um perfil cultural e linguístico dos alunos, elaboramos uma Ficha Sociolinguística que inclui dados gerais sobre os alunos, sobre as línguas que aprenderam e falam, assim como sobre o objetivo e a motivação em aprender o português.

Visto que a realização da pesquisa ocorre sob a condição do anonimato, utilizaremos letras correspondentes às iniciais do nomes mais o nível de cada aluno para a nomeação e diferenciação de cada um. Além disso, cada diálogo será classificado de acordo com o nível do curso e com as iniciais dos devidos participantes.

Por ora, é importante considerar o contexto social em que os participantes se encontram. É importante ressaltar que quatorze alunos responderam à Ficha Sociológica. Três deles não se manifestaram, sendo o motivo desconhecido. A sua maioria é constituída por falantes nativos de alemão, sendo que uma aluna tem como língua materna o italiano e um aluno o albanês.

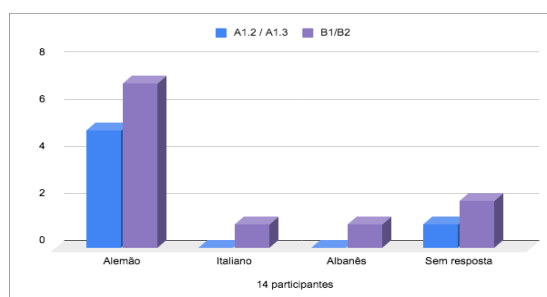


Gráfico 3.3 Representação da Língua Materna dos participantes nos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2

¹³ Concordamos com a afirmação de Osório de que „[...] não podemos esquecer que a documentação define apenas linhas orientadoras e não modelos dogmáticos de ensino que as particularidades dos próprios contextos convocam" (Osório, 2020: 434)

Todos vivem no norte da Alemanha. A maioria fala e ouve o português na sala de aula, que ocorre uma vez por semana com a duração de uma hora e meia. O tempo de aprendizagem dos participantes varia entre um ano e dezenove anos.

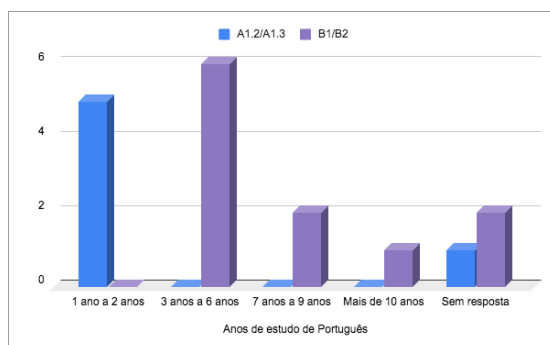


Gráfico 3.4 Representação do tempo de aprendizagem dos participantes dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2

A maioria tem contato com brasileiros no Brasil e com brasileiros na Alemanha e familiares. Porém, como podemos observar no gráfico abaixo, nem todos os participantes falam português em contextos que não seja a sala de aula. Sete alunos têm família no Brasil e três têm parceiros(as) brasileiros (as).

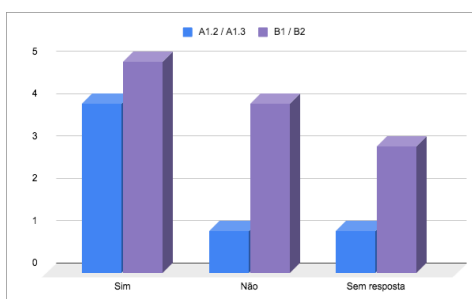


Gráfico 3.5 Representação dos alunos que falam português fora da sala de aula

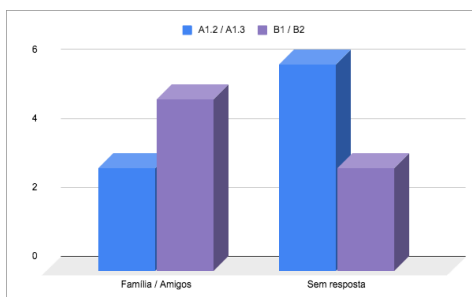


Gráfico 3.6 Representação dos contatos dos participantes com quem falam português

Todos já aprenderam pelo menos uma língua não materna na escola primária/secundária ou escola de línguas e gostam de aprender português. Os motivos pelos quais aprendem a língua portuguesa são variáveis: gostam da cultura e da língua, querem comunicar-se com familiares e amigos no Brasil, cantam num coro brasileiro.

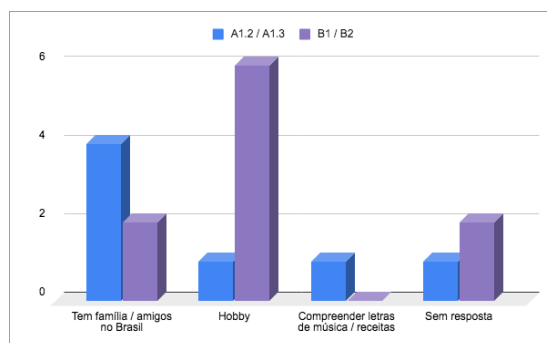


Gráfico 3.7 Representação dos motivos de aprendizagem da Língua Portuguesa

A maioria dos participantes revelou utilizar a Língua Portuguesa em contextos familiares ou entre amigos. Apenas um participante utiliza a língua no contexto do trabalho.

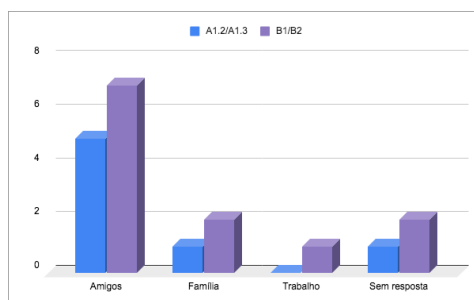


Gráfico 3.8 Contextos em que os participantes utilizam a Língua Portuguesa

Dos alunos entrevistados apenas um revelou sentir-se à vontade para se comunicar em português. A metade dos participantes costuma ouvir música/rádio em português e uma pequena parte costuma ler, comunicar entre si em redes sociais e via Skype/WhatsApp, escrever SMS, WhatsApp e e-mails em português, como podemos verificar no gráfico abaixo:

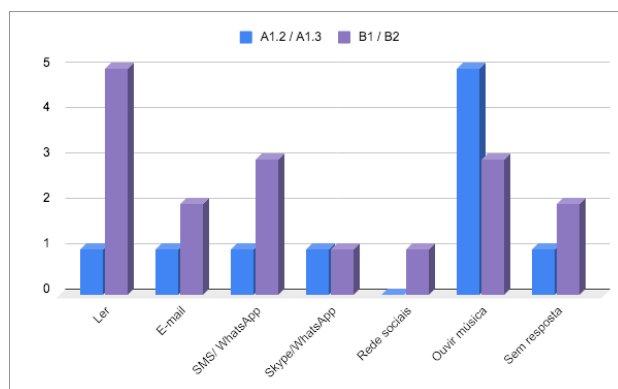


Gráfico 3.9 Representação das atividades para comunicação em português

Em suma, apresentamos um *corpus* com níveis de aprendizagem distintos, que dividimos em A1.2/A1.3 e B1/B2. O tempo de aprendizagem varia nos dois níveis e a maioria dos aprendizes utiliza o português como forma de comunicação entre amigos e familiares. A maioria tem a oportunidade de falar português fora da sala de aula. Porém, costumam usar o português em atividades que envolvem leitura e escrita.

Vejamos, a seguir, o trabalho realizado para a recolha do *corpus* que faz parte deste trabalho.

3.2. Preparação e recolha do *corpus* linguístico

O presente trabalho pretende analisar o desenvolvimento da competência pragmática por aprendizes de Português Língua Não Materna a partir da realização de atos de fala e do uso de estratégias de delicadeza no discurso oral. Consideramos importante a análise dos meios linguísticos que os alunos detêm para a execução dos atos de fala e a capacidade de reconhecer os diferentes contextos, adaptando-os para uma considerável interação verbal.

O *corpus* para a análise do desenvolvimento da competência pragmática dos aprendizes de Português do Brasil como Língua Não Materna será composto por diálogos produzidos pelos alunos em sala de aula. Os diálogos representam situações hipotéticas, porém autênticas e possíveis no dia a dia, consistindo em situações de interação verbal inseridas em um determinado contexto. Além disso, preparamos uma atividade escrita com exercícios que dispunham de diferentes cenários e exigiam o reconhecimento do contexto e das estratégias de delicadeza como forma de analisar o desempenho linguístico relacionados aos atos de fala dos alunos dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2. Solicitamos também a dois falantes nativos do português brasileiro que realizassem a atividade como contraponto do desempenho dos aprendizes de português.

Optamos pela produção oral, pois esta apresenta um desafio para os aprendizes, já que demanda do reconhecimento do contexto e da intenção de comunicação do falante. Além disso, relativamente à produção oral, também exige agilidade e espontaneidade durante a interação, o que é desafiador para os aprendizes pouco expostos ao contexto sociolinguístico fora do ambiente escolar. Para Sim-Sim (1998), produzir diálogos é selecionar expressões linguísticas adequadas "à situação social e à finalidade que temos em mente". Para concluir tais produções de maneira eficaz, o aluno necessita de um período de tempo de aquisição e de aprendizagem previamente concluídos. Deste modo, selecionamos grupos que já concluíssem o nível A1.1 do Quadro de Referência.

Os diálogos constituintes do presente trabalho foram selecionados e adaptados de acordo com o nível dos participantes e do conteúdo tratado em sala de aula, já que os alunos não estão em contato constante com a língua alvo. Os temas escolhidos são de circunstância cotidiana e fazem parte da temática dos livros didáticos utilizados como material de apoio no curso: fazer um pedido num restaurante, pedir uma informação sobre um curso de português ou sobre deveres de casa, ir às compras no Brasil, parabenizar os colegas e professores por uma determinada ocasião, oferecer ajuda à professora ou a um desconhecido, convidar amigos e professores para uma festa de aniversário, para um jantar ou uma ida ao cinema, fazer pedidos a colegas e professores, dar os pêsames. Concebemos, no total, vinte e três diálogos que foram realizados e divididos em cinco partes como podemos observar no diagrama:

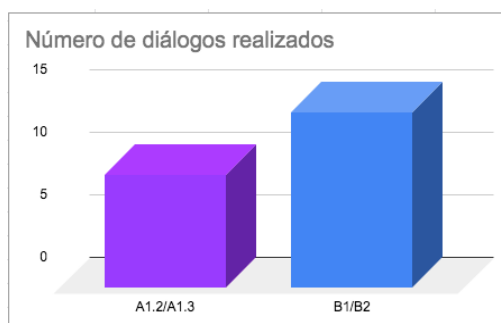


Gráfico 3.10 Número de diálogos realizados de acordo com o nível dos alunos

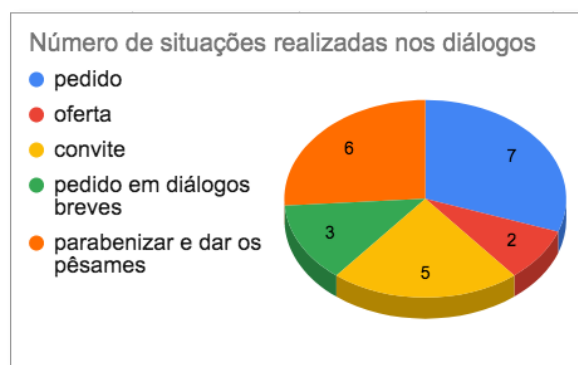


Gráfico 3.11 Representação do número de situações realizadas nos cursos de nível A1.2/1.3 e B1/B2

Formulamos situações correspondentes a três cenários diferentes: diálogos dirigidos a um(a) colega / amigo(a), a um(a) desconhecido(a) ou a um(a) professor(a). O objetivo foi analisar a capacidade dos falantes para diferenciar o contexto e para reconhecer a relação social estabelecida, demonstrando reconhecer que estes dois fatores exigem formas de tratamento e estratégias de delicadeza específicas. Além disso, procuramos elaborar situações que correspondam ao cotidiano vivenciado em sala de aula e fora dele, como no caso de estadia no Brasil.

Primeiramente, pedimos autorização aos alunos dos dois grupos para a execução e gravação dos diálogos, que foram feitos e recolhidos em sala de aula física e virtual. No caso do grupo A1.2/A1.3, trata-se de um grupo de alunos que iniciou o curso na escola e deu continuidade com aulas privadas online. Assim, a recolha do material deste grupo foi feita exclusivamente online. Por questões éticas e jurídicas, preservamos a identidade dos alunos, utilizando apenas iniciais dos nomes para a descrição das falas e a inicial do curso pertencente durante a conversação. Sendo assim, não filmamos os rostos e corpos dos participantes, assim como podiam desligar as câmeras durante a coleta na aula virtual, caso quisessem. Para a análise do *corpus*, utilizamos a transcrição ortográfica e não fizemos qualquer correção gramatical.

A efetivação dos diálogos ocorreu ora em grupos ora com a professora e o procedimento foi o mesmo para todos os participantes. Sendo assim, os alunos foram informados a respeito da finalidade dos diálogos e esclarecemos os passos para a recolha. Cada grupo recebeu uma proposta de diálogo e, em seguida, esclarecemos as possíveis dúvidas e certificamo-nos de que compreenderam o que devia ser feito. Os participantes decidiram quais seriam seus papéis nos diálogos (quem seria o vendedor e o comprador, por exemplo) e a duração da conversação. Por conta do número reduzido de alunos nos grupos foi preciso duplicar a participação dos mesmos na produção dos diálogos. O tempo estipulado para a preparação e decisão dos papéis a serem assumidos foi de cinco minutos e para a conversação de dois a dez minutos. Não permitimos o uso de intervenções alheias, de materiais didáticos, de celulares e de dicionários. Os participantes receberam as devidas instruções antes da realização dos diálogos, com o objetivo de facilitar a compreensão da atividade pretendida:

Diálogo a. Imagine que vai com um(a) amigo(a) a um restaurante no Brasil. Faça um pedido juntamente com o/a colega de acordo com os seguintes passos:

- cumprimentar;

- *pedir o cardápio;*

- *fazer o pedido;*

- *pedir a conta;*

- *agradecer e despedir-se.*

Diálogo b. Imagine que faltou às aulas e precisa fazer as tarefas atrasadas. Peça a um colega de curso para lhe dizer quais foram as tarefas e explicar o que deverá fazer. Siga os passos:

- *cumprimentar;*

- *fazer o pedido;*

- *agradecer e despedir-se.*

Diálogo b. Imagine que trabalha no aeroporto e avista uma pessoa que parece precisar de ajuda. Ofereça ajuda e as devidas informações. Siga os passos:

- *cumprimentar;*

- *oferecer ajuda e informações;*

- *despedir-se.*

Diálogo b. Está frio e seu colega insiste em abrir a janela. Peça a ele para deixar a janela fechada e explique o porquê.

Pretendeu-se que os alunos, num primeiro momento, reconhecessem a situação contextual e utilizassem atos ilocutórios e estratégias de delicadeza para a aceitação/recusa de convites, fazer um pedido, convidar, oferecer, lamentar e expressar um desejo.

Por conta de pouca aplicação de teste de nivelamento na escola e de cursos mais avançados (como C1), os grupos, principalmente dos níveis B1/B2, são compostos por alunos, por vezes, com conhecimentos de língua prévios e forte ligação com o Brasil. Já em outros casos,

há alunos com menos possibilidade de treinamento, sendo que a sala de aula e os materiais de apoios são os principais suportes pedagógicos. É importante esclarecer que as aulas são semanais e tem a duração de 90 minutos. O tempo total de duração de um curso é de 3 meses, com 14 aulas e pausas durante as férias escolares regulares de Hamburgo.

Ao final da recolha dos diálogos, esclarecemos o uso inadequado de lexemas e discutimos as escolhas feitas pelos participantes diante das situações específicas. O distanciamento social foi um ponto que mereceu maior esclarecimento e reflexão.

A atividade escrita aplicada por último foi concebida como forma de verificar a consciência e reflexão dos alunos ao realizar atos de discurso mais ou menos delicados. Desta forma, puderam revisar expressões de delicadeza que podem ser usadas em diferentes situações cotidianas. Realizamos, assim, tarefas diferenciadas para o grupo A1.2/A1.3 e para os grupos B1/B2, pois os alunos iniciantes não apresentam o mesmo nível de proficiência e domínio gramatical que os alunos de nível intermediário. As atividades desenvolvidas para o grupo A1.2/A1.3 são, portanto, controladas e tentamos focar a nossa atenção ao vocabulário e conteúdos gramaticais por eles já estudados.

O grupo A1.2/A1.3 recebeu quatro tarefas. A primeira foi constituída por orações em que os participantes deveriam escolher as alternativas adequadas para situações de interação contextualizadas. Sendo assim, tiveram a possibilidade de selecionar tanto a alternativa de maior grau de delicadeza, a outra de quantificador menor, porém contendo expressões de delicadeza e uma terceira pouco ou não delicada. Empenhamo-nos por desenvolver situações cotidianas variadas e diferenciadas daquelas já expostas nos diálogos com o objetivo de avaliar a capacidade de reconhecimento das formas de delicadeza nos atos ilocutórios apresentados. Apenas duas situações se repetem nas tarefas.

A segunda tarefa reúne atos ilocutórios assertivos, diretivos e expressivos na forma de enunciados curtos. As lacunas devem ser preenchidas com as expressões de delicadeza disponíveis na tabela. Desta maneira, podem revisar e fixar tais expressões, que, por vezes, não são observadas durante a interação ou mesmo em diálogos prontos.

Na tarefa número 3, formulamos sete atos ilocutórios (compromissivo, diretivo, expressivo) e pedimos para que associassem cada um com a coluna ao lado. O objetivo é a interpretação das frases e o reconhecimento da intenção comunicativa. Detemo-nos aos atos ilocutórios já tratados em sala de aula e nas lições do livro didático. A tarefa 4 traz um diálogo com vocabulário acessível. A partir daí deveriam preencher a tabela dividida em proposta, aceitação e recusa. A partir do diálogo, os alunos podem identificar expressões de delicadeza

que podem ser empregadas em situações de proposta/convite, aceitação e recusa, assim como têm a oportunidade de analisar e refletir sobre os verbos de cortesia (gostaria, poderia), as formas de tratamento, nível e grau de formalidade e o objetivo do ato ilocutório.

As tarefas fornecidas para os grupos B1/B2 possuem vocabulário e estrutura gramatical mais elaborados, porém contêm situações de interação já praticadas em sala de aula, ou seja, de conhecimento dos participantes. A primeira tarefa consiste na escolha da alternativa adequada para cada situação. Buscamos apresentar uma série de situações de interação social diversificadas, mais ou menos formais, com as quais pode-se deparar no dia a dia e que vão desde uma conversa com um amigo até um convite ao chefe. Para cada uma das situações, os alunos tiveram a possibilidade de escolher uma de três alternativas: uma frase muito delicada, outra um tanto menos delicada e uma direta e, por vezes, indelicada. Logo, deveriam analisar o contexto de interação, as expressões de delicadeza, as formas de tratamento e o distanciamento social.

A segunda tarefa exigia a reescrita de onze frases, de forma a torná-las o mais delicadas possível. Desta forma, os alunos deveriam trabalhar de forma autônoma, pôr em prática as estratégias de delicadeza adquiridas ao longo da aprendizagem, fazendo com que modifiquem os atos ilocutórios diretivos de forma a diminuir a ameaça da face positiva do falante. Segundo Sousa, este tipo de atividade é importante, pois consiste em fazer "um trabalho de transformação de estruturas linguísticas e, conseqüentemente, dos efeitos comunicativos dos enunciados", permitindo, portanto, "detectar eventuais dificuldades dos aprendentes numa fase ainda inicial, o que permitirá realizar um trabalho de remediação desde cedo" (Sousa, 2010: 53). Logo, vemos a importância da abordagem de exercícios que permitam aos alunos praticar estratégias de delicadeza e interpretar a intenção do falante.

A terceira e última tarefa pedia uma resposta delicada para cada situação apresentada. Neste caso, o trabalho exigia autonomia, porém, o exercício ocorreu de forma controlada, já que as respostas deveriam seguir, de acordo com um exemplo fornecido, a instrução apresentada entre parênteses: aceitar ou recusar. Deste modo, o exercício proporciona aos aprendentes a reflexão sobre a utilização de estratégias de delicadeza negativa de maneira flexível, além de permitir fazer uma maior diferenciação das estratégias usadas para recusar ou aceitar.

4. Capítulo IV- Análise

Iniciamos a análise e discussão dos dados a partir dos diálogos realizados pelos alunos. Em seguida, abordaremos os resultados obtidos das tarefas aplicadas. Num primeiro momento, faremos uma análise global dos diálogos e atentaremos nas escolhas feitas pelos participantes. Dividiremos, portanto, os diálogos que exigem a manifestação de um pedido, de uma oferta, de convite, de lamento e parabenização dos três grupos. Posteriormente, iremos analisar e comparar as tarefas apresentadas pelos alunos.

Os diálogos ocorreram, na sua maioria, de forma positiva. Os alunos não apenas puderam rever conteúdos, como também puderam escolher livremente os papéis na dramatização, identificar o contexto e as estratégias de delicadeza mais bem ajustadas às situações apresentadas. Segundo Sousa (2010), as atividades de produção oral contextualizadas são uma ótima maneira de incentivar o desenvolvimento das capacidades pragmáticas e de delicadeza dos aprendentes de Português Língua Não Materna: "Estas actividades permitem reproduzir, tanto quanto possível, situações de interação real, ajudando assim os alunos a ganhar mais confiança e traquejo para lidarem com situações análogas." (Sousa, 2010: 45).

Em alguns casos, observamos a dificuldade de alguns participantes em produzir discursos adequados e de acordo com o nível de aprendizagem referente ao Quadro Europeu de Aprendizagem e constatamos a dificuldade que os alunos têm na dramatização de situações cotidianas de maneira espontânea. Houve, ainda, casos em que os participantes se estendiam na conversação, principalmente nos grupos iniciantes, e passaram a ter dificuldades com o vocabulário. Isto levou alguns deles a usar do conhecimento de outras línguas (como o espanhol e o francês) para prosseguir a conversação. No entanto, a maioria realizou a tarefa de modo satisfatório.

4.1 Ato de pedido

Começaremos com a descrição do primeiro cenário: "fazer pedidos". Para tal, apresentamos diversos cenários: fazer compras, fazer um pedido no restaurante, pedir informações a um colega, a uma funcionária de escola, à professora. O pedido é um ato ilocutório diretivo, ou seja, o locutor tem por objetivo levar o interlocutor a realizar uma ação. Segundo Arim, o pedido deve apresentar certas características: que haja uma relação simétrica ou de subalternidade do locutor para com o alocutário; que o pedido seja expresso de forma direta; que sejam usadas formas de delicadeza, como "se faz favor", "por favor", o Imperfeito de cortesia, diminutivos, verbos modais (Arim, 2008: 1).

O primeiro cenário foi "fazer compras". Os participantes tiveram a liberdade de escolher o que gostariam de comprar, para quem e onde seria a compra. Deveriam formular pedidos e atentar nas estratégias de delicadeza e no grau de formalidade, pois trata-se de uma situação assimétrica entre o comprador e o vendedor. As formas de tratamento são um ponto de dificuldade no aprendizado de português, já que há o uso diferenciado das variantes brasileira e portuguesa e da variedade formal e informal. O uso das formas de tratamento está relacionado também com a relação social entre locutor e alocutário do discurso, principalmente no trato de locutores do sexo feminino (Duarte, 2011: 86): por vezes deve-se tratar "Senhora", em outras ocasiões pode-se dirigir-se ao outro por "Dona". Assim, as formas de tratamento exprimem as relações sociais e são fundamentais para regular a relação interpessoal, já que o emprego inadequado do pronome de tratamento pode levar à ameaça da face do interlocutor. A forma de tratamento deve se ajustar ao "destinatário e à finalidade do acto discursivo" (Duarte, 2010: 41).

Segundo Silva, as relações simétrica e assimétrica são decisivas para a escolha da forma de tratamento: "Caso prevaleçam as relações assimétricas, o indivíduo em posição inferior empregará a forma o "senhor", enquanto o indivíduo em posição superior, a forma "você". Caso prevaleçam as relações simétricas, haverá o emprego recíproco da forma "você", sinalizando marcas de intimidade/familiaridade, ou o emprego recíproco da forma "senhor", configurando relações marcadas pela deferência" (Silva, 2008: 161). Em alguns casos, isto não ocorre no português brasileiro, sendo que o pronome de tratamento "você" é utilizado como forma de minimizar as diferenças entre os interlocutores, procurando uma proximidade com o outro: "com o tratamento simétrico e informal, desfaz-se qualquer diferença" (Silva, 2008: 186), procurando preservar a face positiva do falante. No entanto, o uso difundido do uso do pronome "você" no português brasileiro em diversos tipos de interação acarreta dificuldades para os aprendizes que não conseguem perceber a relação do pronome de tratamento com o papel social do interlocutor. Assim, consideram, na escala de formalidade, o uso de "senhor/senhora" para os falantes mais de idade e o uso de "você" para todos os outros ramos sociais, inclusive desconhecidos e àqueles referentes ao mundo do trabalho. A simplificação dos materiais didáticos também colabora para a associação do emprego do pronome "você" ao português brasileiro e o emprego de senhor/senhora ao português europeu¹⁴.

¹⁴ No livro didático utilizado em sala de aula "*Oi Brasil*" há na primeira lição o seguinte adendo: "*Tu wird in einigen Gegenden Brasiliens verwendet. Die allgemein verwendete Anrede wird mit *você* formuliert: Onde *você* mora? Die formelle Anrede für ältere und für sozial höher gestellte Personen lautet: *Bom dia, D. (dona) Teresa;**

Nos exercícios desenvolvidos, dois grupos realizaram o diálogo em que deveriam fazer compras: o grupo A1.2/A1.3 (duas vezes) e o grupo B1/B2. O grupo A1.2/A1.3 apresentou duas situações diferentes: a primeira dupla decidiu-se por trocar uma camiseta e a segunda decidiu-se pela compra de acessórios. No primeiro caso, a aluna K(A1) (compradora) expressou de melhor forma o nível de distanciamento e o grau de formalidade com a forma de tratamento nominal "senhor". Mesmo perante uma situação de negociação do preço que demonstrou certa irritabilidade por falta de resposta adequada à pergunta, a aluna demonstrou respeito e utilizou apenas duas vezes verbos conjugados na segunda pessoa do singular – "podes, (você) tem". O aluno N(A1), ao contrário, optou pelo emprego da segunda pessoa do singular - "você" - e uma única vez empregou a forma de tratamento nominal "senhora", porém de forma irônica por conta da tentativa de negociação que a colega desenvolveu: "Ah, senhora nós não temos happy hour aqui." O mesmo cenário foi dramatizado pelo grupo A1.2/A1.3, porém com outras participantes. A aluna G(A1) recorreu, logo no início, à forma de tratamento "senhora". Porém a aluna S(A1) continuou a conversação, utilizando a segunda pessoa do singular como forma de tratamento - "você" -, tornando, assim, a forma recorrente durante todo o diálogo. Note-se que o pronome "você" ocorre regularmente no Português do Brasil (PB), por vezes em situações de interação que exigiriam a assimetria por conta da relação pouco próxima dos interlocutores. Embora seja considerada em Portugal como pouco delicada, no Brasil a forma pronominalizada "você" é mais comum em situações informais, contrastando com a forma pronominalizada "senhor" nas situações formais. Os pronomes de tratamento dependem da forma como a sociedade se organiza, sendo que, em alguma delas, o emprego de certos pronomes (no caso, "você") funciona como uma maneira de valorizar "as habilidades e realizações de seu interlocutor, empregando marcas de identidade que assinalam a proximidade" (Silva, 2008: 185). Isto poderia explicar o uso preferencial do pronome "você", buscando desfazer diferença de estatuto social e salientar a igualdade e reciprocidade do tratamento entre os interlocutores (Duarte, 2011: 88). No entanto é preciso reconhecer a importância da diferenciação simétrica e assimétrica ao empregar os pronomes de tratamento como forma de evitar a ameaça de face do interlocutor e conduzir os aprendizes a aplicá-los em situações que exigem sua adequação na interação. Verificamos uma certa dificuldade dos alunos em perceber o grau de distanciamento e as relações simétricas e assimétricas nestes exemplos. Em dois casos, S(A1) atenuou a informalidade,

como vai a senhora? Boa noite, Sr. (senhor) Antônio; o senhor vai bem? " Tu é usado em algumas partes do Brasil. A forma de tratamento geral é formulada a partir do pronome você: Onde você mora? A forma de tratamento formal para pessoas mais velhas ou de posição social superior é: Bom dia, D. (dona) Teresa; como vai a senhora? Boa noite, Sr. (senhor) Antônio; o senhor vai bem?" (Tradução nossa).

usando o verbo "querer" na forma do Imperfeito de cortesia "queria", que constitui uma fórmula de delicadeza característica dos contextos formais. O grupo B2, por sua vez, prosseguiu o diálogo sem qualquer diferenciação de grau de distanciamento e de formalidade com o emprego de "você" ou o pronome oblíquo "te" ("Eu te vendo") tanto no papel de vendedor, quanto no de comprador. Segundo Duarte (2011), a dificuldade dos alunos em selecionar as formas de tratamento adequadas às escolhas discursivas estão relacionadas com a competência lexical, ou seja, quanto maior for a exposição dos aprendizes a *inputs* linguísticos diversificados maior será o alargamento e aprofundamento dos conhecimentos do aluno na área lexical. Sendo assim, a dificuldade dos alunos aqui exposta pode ser justificativa pela falta de tal exercício em sala de aula que ofereça tais *inputs* e a pouca abordagem temática nos materiais didáticos.

O cenário do diálogo 1 ("Fazer um pedido no restaurante") propunha a ida a um restaurante. Os alunos deveriam, primeiramente, cumprimentar, pedir o cardápio, fazer o pedido, pedir a conta, agradecer e despedir-se. O grupo A1.2/A1.3 foi o único a realizá-lo e decidiram-se por dramatizar uma cena em que uma das participantes era a garçonete e a outra a cliente. É importante ressaltar que uma das participantes teve imensa dificuldade em compreender os enunciados produzidos e formular frases de estrutura gramatical compreensiva. Por vezes, respondeu com vocábulos soltos, o que levou a outra participante a esforçar-se para ser compreendida a partir de gestos e reformulação de diversas frases. Neste caso, o grau de formalidade e o distanciamento não ocorreram, sendo que as duas participantes optaram pelo uso de "você" ou do verbo modal "poder" conjugado na segunda pessoa do singular em frases interrogativas - "(Você) Me pode trazer conta, por favor?", "Pode perguntar?" - no decorrer da conversação.

Os diálogos dezenove e vinte e dois apresentam situações parecidas, porém exigem diferentes graus de formalidade e distanciamento por conta da mudança de alocutário: no primeiro caso, o aluno teria de cumprimentar e pedir as tarefas atrasadas e suas explicações a um colega de curso; no segundo caso, o aluno teria que fazer o mesmo pedido à professora. Por fim, foi pedido que agradecessem e se despedissem. O grupo B1/B2 foi o único a realizar os dois diálogos com os mesmos participantes. Ao pedir as tarefas e explicações ao colega de curso, o sujeito R(B2) formulou o pedido primeiramente através de uma oração declarativa "eu quero saber o que vocês fizeram", passando, logo depois, a um pedido de forma indireta com o uso do conector "talvez" e a tentativa (sem sucesso) do uso no Subjuntivo "talvez você pode me dizer." Como o aluno W(B2) não reagiu, respondeu à pergunta rapidamente, R(B2) reformulou o pedido através de frases interrogativas, sendo que a pergunta, neste caso, é

"uma tentativa por parte de um locutor de obter uma resposta (que consiste na informação desejada)" do alocutário (Rodrigues, 1998:22), como podemos observar na interação seguinte:

Exemplo 1: Diálogo 19 (B2), participantes W(B2), R(B2): Imagine que faltou às aulas e precisa fazer as tarefas atrasadas. Peça a um colega de curso para lhe dizer quais foram as tarefas e explicar o que deve fazer¹⁵.

R: Sim, sim, mas o que foi o assunto que vocês falaram?,

W: Nós falamos sobre reclamações.

R: Ja.

W: Sim.

R: E reclamações sobre o que?"

Os alunos optaram pelo uso da forma de tratamento menos formal – "você, W" (nome do colega abreviado) - o que, neste caso, revela a relação simétrica e familiar de colegas de curso. Já no diálogo vinte e dois, deveriam atentar no distanciamento e grau de formalidade por estarmos perante um pedido dirigido à professora, o que não ocorreu. O aluno W(B2) iniciou o diálogo com a forma de cumprimento e o uso do vocativo "Bom dia, professora", em seguida, formula um enunciado assertivo de forma indireta, explicando o motivo do pedido - "Estou muito triste, mas perdi a aula passada e agora não sei como, que são as tarefas para a próxima aula"-, partindo depois para a formulação do pedido de forma interrogativa com o uso da segunda pessoa do singular e o verbo modal: "Você pode me explicar?" A aluna R(B2) também opta pelo uso de "você" durante todo o diálogo. Embora os alunos do nível B2 já tivessem presente o domínio da necessidade de uso diferenciado de fórmulas de tratamento e de uso do Imperfeito de cortesia e do Futuro do Pretérito em contextos formais com a clara distinção hierárquica entre os interlocutores, verificamos que isto não foi possível nos diálogos propostos.

No diálogo quinze, grupo B1/B2, deveriam ligar em uma escola de línguas, cumprimentar, apresentar-se, pedir informações sobre um curso de português e despedir-se. O diálogo foi feito pelo grupo B1/B2 uma única vez. Embora o diálogo já tenha sido exercitado em sala de aula em outra ocasião, os alunos D(B1) e V(B1) não reconheceram o grau de formalidade e

¹⁵ As atividades orais encontram-se no anexo. Para tornar a leitura mais fluente, deixamos os passos da atividade nos exemplos. Estes encontram-se devidamente explicados nos anexos.

de distanciamento exigidos, posto que se trata de uma relação assimétrica (secretária - interessado no curso). A aluna V(B1), que representou a secretária, iniciou a conversação sem fazer a sua apresentação com o nome, tendo apenas mencionado o nome da escola. O aluno D(B1), por sua vez, não se apresenta e faz o pedido por meio de uma frase declarativa e de forma indireta: "Ah bom, eu entendo estudar português na Volkshochschule Hamburgo e eu eu tenho ähm algumas perguntas." Em seguida, a aluna V(B1) reage de forma a focar o enunciado para si com uma pergunta interrogativa e o uso do pronome da segunda pessoa do singular "você", forma não cerimoniosa e informal de tratamento: "Sim, qual perguntas você tem?" O uso da segunda pessoa do singular prevaleceu no decorrer da conversação. A participante V(B1), no entanto, despede-se e agradece a D(B1) usando a forma de tratamento "senhor": "Muito obrigada, senhor", mostrando, ao final da interação, que reconhece o grau de distanciamento e a relação assimétrica exigidos no contexto e adequando-os ao fechamento do diálogo. As informações solicitadas neste exercício (horário do curso, preço, número de alunos por curso, etc.) foram esclarecidas, mas de forma extremamente direta e informal.

Os diálogos treze, dezesseis e vinte e um são compostos de cenários cotidianos que ocorrem, por vezes, em sala de aula e exigem maior conhecimento de vocabulário. Por isso, foram realizados apenas pelos alunos dos grupos B1 e B2. Os alunos deveriam formular pedidos aos colegas, mostrando certa irritação com as situações criadas: pedir ao colega para parar de conversar durante a aula; pedir ao colega para parar de reagir às ligações de celular; pedir ao colega para fechar a janela e explicar o porquê. Como as interações ocorreram entre os colegas, as formas de tratamento foram a segunda pessoa do singular - "você" - combinadas com os nomes dos participantes.

Exemplo 2: Diálogo 16 (B1), participantes V(B1), D(B1): Imagine que precisa se concentrar nas leituras durante a aula de português e seu colega não para de conversar. Peça para falar mais baixo.

"V: Oh, D, por favor, eu não posso concentrar porque você está conversando com W. Por favor, um pouco mais ähm hum se es possível falar um pouco menos alto, por favor."

A realização de pedidos pode ocorrer de forma indireta através da "formulação de uma pergunta" ou de perguntas que "estão orientadas para as condições que dizem respeito ao interlocutor" (Carvalho, 2013: 20). Sendo assim, os pedidos indiretos surgem como uma

pergunta com a intenção de interrogar as condições, capacidade e vontade do alocutário para realizar certas ações e que está de acordo com "um distanciamento necessário à proteção da face negativa do interlocutor" (Carvalho, 2013: 21). Os tempos e modos verbais, no caso, o modo condicional ou o Pretérito Imperfeito do Indicativo são considerados mais delicados do que o Presente do Indicativo.

Ao formular pedidos indiretos, o locutor pode recorrer a "estratégias de cortesia negativa" que estão "voltadas para as condições do locutor": o locutor demonstra suas necessidades, utilizando-se de asserções com o verbo "precisar", na primeira pessoa do Presente ou Pretérito Imperfeito do Indicativo, acompanhadas ou não da expressão de delicadeza "por favor"; o locutor demonstra seus desejos a partir de asserções realizadas com os verbos "querer" e "gostar" no Presente ou Pretérito Imperfeito do Indicativo ou no modo condicional (Carvalho, 2013: 21).

Nos diálogos feitos pelos grupos A1.2/A1.3 e B1/B2 observamos a formulação de um pedido feito a partir do uso do verbo "querer" ou "gostar", demonstrando, assim, o pedido indireto realizado através de uma asserção que incide, no seu conteúdo proposicional, nos desejos do locutor. Com efeito, na linha de J. Searle (1982), Almeida (2016) refere que "os atos diretivos podem ser realizados indiretamente interrogando os desejos do alocutário para que este ato se faça", mas "não podemos interrogar as *intenções* do locutor, isto é, só podemos realizar asserções sobre os aspetos que relevam da intenção que o locutor tem de realizar o ato" (Almeida, 2016: 8-9).

Os verbos foram conjugados tanto no modo condicional como na primeira pessoa do Presente do Indicativo. O gráfico abaixo mostra a preferência dos grupos A1.2/A1.3 e B1/B2 pelo uso do verbo "querer" ao formular pedidos de forma indireta com a asserção voltada para os desejos do locutor:

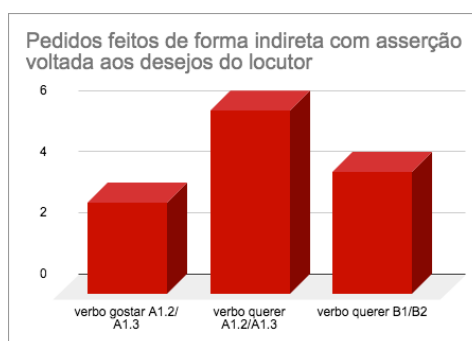


Gráfico 4.1 Representação do emprego dos verbos *gostar* e *querer* na elaboração dos atos de pedido

Atentemos nos exemplos de realização do ato de pedido com o uso do verbo "gostar" em asserções que incidem nos desejos do locutor:

Exemplo 3: Diálogo 5 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), G(A1): Imagine que está num restaurante no Brasil. Faça um pedido cumprindo com o cenário apresentado:

"C: Para eu pedir gostaria ãh ver o cardápio, por favor.

G: Sim."

"Ãhm como prato principal gostaria de tomar o peixe assado com batatas cozidas. Você tem hoje?

G: Não.

C: Ah.

G: Hoje não temos."

"C: Sim, muito bem. Obrigada. Se sobremesa ãh ãh ãh gostaria de una pequenina mousse de manga.

G: Sim.

C: Com creme também?

G: Mousse de manga.

C: Sim. Sim é tudo por esse momento.

G: Eu trago.

C: Obrigada."

Atentemos no uso do pedido com o verbo "querer":

Exemplo 4: Diálogo 1 (A1.2/A1.3), participantes N(A1), K(A1): Encontra-se no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"K: Bom dia, ãh, desculpe senhor, eu compro comprei essa camiseta semana passada e aqui. E atualmente ãh é um pouco... é pra minha irmã e minha irmã é mais grande (risos).

N Ah!

K: E quero, quero trocar esta camiseta em uma taile... mais grande taile? Mais grande se é possible. Sim, tem uma outra camiseta?

N: Sim."

Diálogo 2 (A1.2/A1.3), participantes S(A1), G(A1): Encontra-se no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"G: Eu vejo as brincas e os brincos e colores colares.

S: Que cor você queria?

G: Uhum, queria querio, quero (estudante se desculpa) colares äh ou você tem colares äh curtos?

S: Sim, sim. Tenhos [...]

G: Estes brincos muito bom. Ähm, ähm (pausa). Quero ver colares ähm ähm vermelho."

Diálogo 4 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), G(A1): Imagine que vai a um restaurante no Brasil. Faça um pedido (de acordo com os passos indicados):

"G: Ah, perfecto (longa pausa).

C: Mais tenho mais sedo que fome. Por isso queria pedir una bebida. Um chope."

Diálogo 17 (B2), participantes B(B2), N(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"N: Também. Com o que eu posso ajudar?

B: Ah, tá bom. É. Eu quero comprar muitos presentes para minha família que mora lá na Alemanha."

"N: Tá, ah, então. Você quer levar presentes pra Alemanha agora.

B: Sim, sim, eu tenho um grande família.

N: Oh, que bom.

B: Mas eu quero comprar chocolate, eu acho.

N: Chocolate, tá, tá."

"B: Eu quero comprar o que você acha? Um vestido muito bonito, muito legal.

N: Tá, tá. Também temos feito aqui em Brasil, äh, uns vestidos, äh, estão pra lá. Você quer ver?"

Diálogo 19 (B2), participantes R(B2), W(B2): Imagine que faltou às aulas e precisa fazer as tarefas atrasadas. Peça a um colega de curso para lhe dizer quais foram as tarefas e explicar o que deve fazer.

"R: Ah, aqui é a R.

W: Ah, que bom!

R: (Risos) Você me conhece da aula de português.

W: Ah, sim, sim me lembro R., me lembro.

R: (Risos) Mas eu não estive lá na última vez na aula porque eu não... eu tinha que fazer uma visita e eu não sei... eu quero saber o que vocês fizeram nessa...nesse dia porque eu também quero fazer os, as tarefas e talvez você pode me dizer."

Observemos o uso do verbo "tomar" nos exemplos seguintes. Verificamos que o participante do sexo feminino fez o uso do verbo "tomar" como forma de realizar o pedido, que, neste caso, consideramos como uma asserção que informa sobre as vontades do locutor:

Exemplo 5: Diálogo 4 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), G(A1): Imagine que está num restaurante no Brasil. Faça um pedido (de acordo com os passos indicados anteriormente):

"C: Como entrada vou tomar uma ãh uma sopa de legumes. Ah, que legumes são? Na sopa?

"C: É perfeito, eu vou tomar una sopa de legumes."

Observamos também a ocorrência de atos de pedido que foram realizados de forma direta, sem o uso de qualquer verbo, somente através da estratégia de delicadeza "por favor", servindo como um atenuador que diminuirá a ameaça de face negativa do alocutário:

Exemplo 6: Diálogo 1 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), N(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"K: Äh (risos) ãh número ãh em quarenta, por favor."

"K: E ähm, amarelo, por favor."

Diálogo 4 (A1.2/A1.3), participantes G(A1), C(A1): Imagine que está num restaurante no Brasil. Faça um pedido:

"G: Um chope.

C: Um chope.

G: Sim.

C: Por favor"

Houve, ainda, exemplos em que o locutor realiza um pedido com uma oração interrogativa e o uso do verbo "poder" no Presente do Indicativo e com o uso na segunda pessoa do singular (uso informal e familiar), desejando que o alocutário, a partir da pergunta, realize algo para o locutor (Rodrigues, 1998: 23) e procurando saber se o interlocutor é capaz de realizar o ato, protegendo, assim, a face negativa do outro:

Exemplo 7: Diálogo 1 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), N(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"K: (risos) Podes mostrar-me as as camisetas que tem?"

Também ocorrem produções orais com asserções que incidem na capacidade de realização do ato e que constituem pedidos indiretos que se podem realizar em contextos informais:

Exemplo 8: Diálogo 2 (A1.2/A1.3), participantes G(A1), S(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para a sua família.

"G: Eu gosto, me gosto marrom uhum.

S: Uhum, okay (pausa) são 22 reais.

G: Oh, 22? Hum, sim, okay. Vou legar äh. Posso pagar com äh cartão?

S: Não problema. Äh äh isso.

G: Okay, okay. Obrigada.

S: De nada. Até logo.

G: Até logo."

Atentemos no uso de "você" informal com a fórmula de delicadeza "por favor", em que o locutor questiona o alocutário se é capaz de realizar o ato de pedido através do uso do verbo "poder":

Exemplo 9: Diálogo 4 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), G(A1): Imagine que está num restaurante no Brasil. Faça um pedido:

"C: Você me pode trazer ãh o cardápio, por favor?"

G: Ah, uma entrada?

C: Æh, não ãhn por favor me pode trazer o cardápio? Para eu pedir gostaria ãh ver o cardápio, por favor.

G: Sim."

"C: Hum, me pode trazer o sal, por favor?"

G: Sim, eu trago sol a sal."

"C: É muito bom, a comida é deliciosa.

G: Ah!

C: Sim, então (a aluna faz gesto de que terminou de comer). Pronto. Me pode trazer a conta, por favor?

G: Sim."

Observa-se que, nas últimas intervenções do diálogo 4, a participante C(A1) recorreu em todos os atos de pedido ao verbo "poder" com a expressão de delicadeza "por favor". O uso das formas de delicadeza, no caso "por favor", funciona como uma maneira de diminuir a forma impositiva de um ato ilocutório diretivo (Brown & Levinson, 1987), como é o pedido.

Nos diálogos realizados pelo grupo B1/B2, apresentamos cenários, que deveriam dramatizar atos de pedidos breves. O grupo deu preferência pelo uso de asserções. No primeiro caso, a participante explicitou, logo no início do diálogo, uma asserção apontando a dificuldade de o locutor realizar um ato de discurso, tendo optado antes pela realização de uma oração condicional: "Se és possível falar um pouco menos alto, por favor." Optou-se pelo uso constante de estratégias de delicadeza "por favor" e do mitigador "um pouco" com a

finalidade de diminuir aspectos desagradáveis e a ameaça do pedido, como podemos também constatar no seguinte diálogo produzido, oralmente, pelos alunos:

Exemplo 10: Diálogo 13 (B1), participantes V(B1), D(B1): Imagine que precisa se concentrar nas leituras durante a aula de português e o seu colega não para de conversar. Peça para falar mais baixo.

"V: Oh, D. por favor, eu não posso concentrar porque você está conversando com W. Por favor, um pouco mais ãh hum (pequena pausa) se és possível falar um pouco menos alto, por favor.

D: Desculpe eu não soube que você ãh que minha palavra com W stören, stören (atrapalhar em alemão) você. Eu quero (fala em alemão "ich möchte) eu quero ãh falar um pouco (faz gesto de mais baixo) alto.

V: Muito obrigado, querido. Está muito agradável para você.

D: Ah, de nada, de nada."

O aluno D(B1), por sua vez, reage ao pedido com as devidas desculpas, como uma estratégia de mitigação que serve à estratégia negativa e evita a ameaça da face do locutor: "Desculpe eu não soube que você ãh que minha palavra com W stören (atrapalhar em alemão) você." Em seguida, V(B1) agradece usando a expressão de delicadeza com o intensificador "muito" e o ato expressivo de agradecimento "muito obrigado". Além disso, V(B1) manifesta a forma de tratamento "querido" e um ato de elogio "muito agradável para você", o que demonstra intimidade entre os mesmos, constituindo uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário que permite estabelecer o equilíbrio interacional. Anteriormente, este aluno já tinha usado pré-sequências de pedido – "por favor, eu não posso concentrar..."- e a fórmula de delicadeza "por favor" que suavizam o pedido e minimizam a imposição de um ato ilocutório diretivo (Brown & Levinson, 1987).

Atentemos agora no uso que a aluna V(B1) faz das fórmulas de delicadeza - "por favor"- e do uso de uma declaração de forma indireta para formular o pedido:

Exemplo 11: Diálogo 16 (B1), participantes V(B1), D(B1): Seu colega ao lado recebe ligações no celular e tem de sair da sala para atendê-las. Isso o incomoda. Peça a ele para desligar o celular ou colocá-lo no modo silencioso.

"V: Oh, por favor, D.

D: ah, ah (faz som de quem não ouviu a colega).

D: Por favor. Isto é uma aula de português e não de de celular. Por favor, D. Não posso concentrar.

D: Mas minha mulher tem problemas de...

V: D, em sua idade? (risos) Quantos anos tem? 18?"

O aluno D(B1) tenta justificar a ação e é interrompido com uma pergunta retórica de V(B1), que conta com toque irônico, o que ameaçaria a face positiva do alocutário, sendo uma estratégia de delicadeza negativa para com a face positiva do alocutário: "D, em sua idade? Quantos anos tem? 18?"

A situação provocou risos entre os participantes, já que D(B1) confundiu dezoito com oito. Por fim, D(B1) utiliza atos expressivos de pedido de desculpa com o uso do verbo no Subjuntivo-(exemplo, sem sucesso) como estratégia de delicadeza: "Desculpe que eu atende meu celular, mas eu quero parar" (no caso, deveria estar antes "Desculpe, que eu atenda meu celular.") e V(B1) termina com outro ato expressivo de agradecimento: "Muito obrigada, D". A aceitação do pedido de desculpas mostra uma reação positiva, o que segundo Kerbrat-Orecchioni demonstra que "o ofendido revela ao ofensor que ele considera como efetivamente reparado o dano que acaba de sofrer", aceitando a "reparação" e concedendo o "perdão" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 149). Desta forma, o equilíbrio do ritual na interação pode restabelecer-se.

No cenário vinte e um, um dos participantes deveria pedir ao outro para fechar a janela e dizer o porquê. A participante N(B2) faz um pedido à colega, começando com um cumprimento - "Boa noite, R" - e justificando sua ação:

Exemplo 12: Diálogo 21 (B2), participantes N(B2), R(B2): Está frio e seu colega insiste em abrir a janela. Peça a ele para deixar a janela fechada e explique o porquê.

"N: Eu vi que você abri todas as janelas. Ah, eu estou com frio hoje e acho que estou também um pouco resfriada. Estou com um resfriado."

Em seguida, faz um pedido à colega, de forma indireta, através do uso do verbo no Imperfeito do Subjuntivo, com o uso de uma oração condicional como estratégia de delicadeza negativa (de evitação da ameaça) e mostra-se sensível às necessidades do seu alocutário, demonstrando saber os motivos pelos quais este último abriu a janela. O pedido é reforçado no final com a expressão de delicadeza "por favor":

Exemplo 13: "N: Será possível que você fechasse as janelas, ähm, ähm. Depois de cinco minutos eu sei que você quer cambiar o aire, o ar na aula, trocar o aire, o ar. Mas se seria possível que você trocasse as janelas em cinco minutos, por favor?"

Vemos, assim, um exemplo de ocorrência reiterada de estratégias que minimizam a ameaça de face negativa do alocutário e atenuam a força ilocutória de um ato diretivo. A opção por formulações indiretas é uma estratégia para proteger o espaço de ação do interlocutor: "Given an inherently face-threatening act, such as requesting, the degree of indirectness by which it is expressed will count as an indicator of the effort invested in minimizing the threat, which in turn equals politeness" (Blum-Kulka, 1987: 140). Observa-se que as participantes se esforçaram por manter o equilíbrio ritual na interação, justificando seus atos e considerando os desejos, conseguindo, ao final, satisfação dos dois lados. Esta estratégia de delicadeza negativa para com a face negativa do alocutário mostra que as alunas já detêm uma maior proficiência da língua portuguesa.

Assim, de acordo com os atos de pedido produzidos nos diálogos analisados, podemos verificar no gráfico abaixo que as frases interrogativas são utilizadas com maior frequência, seguidas das orações declarativa e da forma indireta nos diálogos produzidos pelos estudantes do nível B1/B2. A grande maioria dos pedidos foi aceite, sendo que apenas um foi recusado de forma direta.

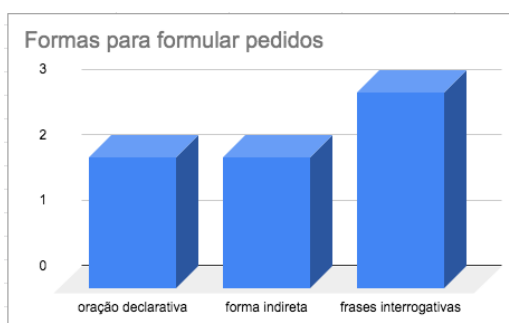


Gráfico 4.2 Representação do número de fórmulas do ato de pedido

4.2. Atos de oferta

Para a realização do ato de oferta criamos um cenário em que um participante deveria oferecer ajuda a um desconhecido no aeroporto com dificuldades para encontrar sua linha aérea (diálogo 11). O diálogo foi realizado somente pelo grupo B1/B2. Uma vez que estamos perante uma situação em que se encontram presentes dois desconhecidos na interação, os alunos V(B1) e K(B1) iniciaram o diálogo respeitando o grau de formalidade e distanciamento através da forma de tratamento nominal "senhor" e "senhora" em saudações de abertura da interação: "Bom dia, senhor" / "Bom dia a senhora." No entanto, houve mudança na forma de tratamento no decorrer da conversação ora com o emprego do pronome "você", ora com o emprego de "senhor" e "senhora". Antes de oferecer ajuda, a aluna V(B1), primeiramente, verifica as dificuldades do colega a partir de uma asserção com o uso do mitigador "um pouco" e o adjetivo "perdido": "Me parece que você esteja um pouco perdido." O alocutário, por sua vez, afirma estar com problemas e explica os motivos com uma asserção:

Exemplo 1: Diálogo 11 (B1), participantes V(B1), K(B1): Imagine que trabalha no aeroporto e avista uma pessoa que parece precisar de ajuda. Ofereça ajuda e as devidas informações.

"K: Sim, você tem razão, ähm, eu infelizmente, infelizmente eu esquece minha ticket na minha mala.

V: Oh, que coisa.

K: E também, ähm, eu não posso encontrar minha mulher porque (risos) é nossa lua de mel."

Em seguida, V(B1) emprega um ato de oferta realizado a partir de uma frase hipotética com o uso de "talvez" e o Presente do Subjuntivo, o que segundo Almeida (1998) constitui um uso frequente em enunciados interrogativos que surgem ligados a enunciados condicionais (explícitos ou implícitos) que remetem para a dimensão volitiva do alocutário: "se assim quiser/ se assim desejar":

Exemplo 2: "V: Puxa, o senhor, hum. Eu (pausa) o meu nome é V. e eu trabalho aqui (risos) na aeroporto e talvez eu posso / ähm eu possa ähm ajudar você?"

Os enunciados condicionais, como vemos no exemplo acima, denotam maior grau de delicadeza e comportam um sentido convencional (Almeida, 1998). A participante V(B1) percebe as possíveis dificuldades de K(B1) e, a partir da realização da oração condicional, atenua uma potencial ameaça à face negativa do alocutário, no caso: conheço o aeroporto e disponho-me a ajudar (asserção de condição). Neste caso, a oferta é seguida de aceitação imediata e de um ato de pedido indireto realizado através de enunciados na forma interrogativa com o verbo "poder", já que K(B1) possui o conhecimento de que V(B1) trabalha no aeroporto:

Exemplo 3: "K: Sim, você pode me acompanhar ähm (pausa) ähm a (pausa) depósito de bagagem?"

A interação é fechada com a aceitação do pedido, seguida de repetição deste último com o uso do verbo modal "poder". Verificamos também o uso de fórmulas de delicadeza e de atos expressivos de agradecimento como estratégias de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor que realizou a ato de oferta:

Exemplo 4:

"V: Sim, sim, vamos.

K: Pode?

V: Com prazer.

K: Muito bom, obrigado. Isso muito importante para mim."

Observamos, no decorrer dos diálogos, atos de oferta formulados em situações diversas como ao fazer compras, oferta de bolo numa festa de aniversário e oferta de ajuda diante de um acontecimento delicado, como o falecimento de um amigo. Verificamos os seguintes atos de oferta: aqueles realizados a partir de enunciados interrogativos que, segundo Almeida (1998), incidem em aspectos relacionados com a percepção por parte do locutor de "dificuldades" ou "carências" por parte do alocutário:

Exemplo 5: Diálogo 2 (A1.2/ A1.3), participantes G(A1), S(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"S: Bom dia, posso ajudar?"

G: Desculpe? (aluna não entende a pergunta)

S: Posso ajudar? Ajuda, ajuda, posso ajudar?"

G: Momento no primeiro quero ver.

S: Sim"

Diálogo 17 (B2), participantes B(B2), N(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"N: Também. Com o que eu posso ajudar?"

B: Ah, tá bom. É. Eu quero comprar muitos presentes para minha família que mora lá na Alemanha"

Diálogo 18 (B2), participantes D(B2), N(B2): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: Esta sexta-feira. Você quer que eu eu acompanho a você? Prá lá como para dar-te uma mão, para te dar uma mão.

D: Sim, sim, se você poder, sim.

N: Sim.

D: Seria muito gen... muito gentil de su parte."

"N: Você precisa algo mais? ou precisa outra ajuda, você quer fazer uma coisa para divertir ou?"

D: Ou?"

N: Não sei, não sei. é como quero estar esperando a a seu desejos ou sus necessidades.

D: Não, você é muito gentil, mas eu quero ficar perto de seu família e perguntar se eles, se a família precisa de algo, mas se você pode me acompanhar aos funerais ah, e..."

No último exemplo, o aluno D(B2) recusa a oferta, preparando-a com um ato de elogio e de uma justificativa, evitando, assim, a perda da face positiva do locutor. Esta sequência discursiva de elogio e de justificação que implica uma recusa da oferta constitui uma delicadeza negativa para com a face positiva do locutor, contribuindo para o abrandamento da recusa.

Outros atos de oferta foram realizados de forma indireta a partir de enunciados interrogativos. Sendo assim, estes incidem na dimensão volitiva a partir do ângulo do receptor e usam a forma interrogativa através do verbo "querer" (Almeida, 1998:174):

Exemplo 6: Diálogo 17 (B2), participantes B(B2), N(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"N: Você quer provar?

B: Äh.

N: O chocolate?

B: Só um piquino.

N: Um pouquinho sim, sim, sim.

B: Um piquino pedaço."

"B: Eu quero comprar o que você acha? Um vestido muito bonito, muito legal.

N: Tá, tá. Também temos feito aqui em Brasil, äh, uns vestidos, äh, estão pra lá. Você quer ver?

B: Aham, mas é muito caro.

N: Não, não, não, uns 200 reais, (pausa pequena) mas estão feitos de mulheres de aqui, que todo está reglementado a produção. Todo, como estamos vendo que toda a gente que está na cadeira, cadenda de produção está pagando bom.

B: Gente!

N: Sim.

B: É muito bom, né mas você tem uma coisa com um preço mais, mais barato ou não?

N: Hã, hum, deixa, me deixa ver um segundo sim. Aqui, aqui temos um, é mais como uma camisa. Você quer uma camisa também para sua esposa?

B: Hum

N: Não, vestido.

B: Vestido.

N: Okay. Tá, tá, tá bom.

B: Eu acho melhor né?"

No primeiro exemplo, observa-se que o ato de oferta é seguido de aceitação a partir do uso do diminutivo "um piquinho", "um pouquinho". O uso do atenuador na interação verbal demonstra uma estratégia de delicadeza negativa para com a face positiva do alocutário.

Nos próximos exemplos, o ato de oferta é feito, mas a aceitação só ocorre depois da negociação do preço do produto. Isto faz com que o locutor N(A1) retome a oferta propondo um preço melhor, o que faz com que a oferta seja aceita:

Exemplo 7: Diálogo 1 (A1.2/A1.3), participantes N(A1), K(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"K: Mas quero saber se ãh levo as duas camisetas ãh de reduzir um pouco o preço ãh.

N: ãh

K: Dois ou três camisetas pra precio de 2, de 2 camisetas.

N: Ah, senhora nós não temos happy hour.

K: Oh (surpresa)!

N: Mas, mas quando você você compra as duas camisetas e o vestido.

K: Uhum.

N: Eu vou procurar procurar procura um preço muito bom.

K: Okay, okay. Quanto custa todas as duas, as duas ãh camisetas e um vestido azul?

N: Sim, ãh olha, ãh uma camiseta custa ãh 100 reais, ãh, o vestido custa ãh 80 reais. Só duas 80 reais e pra você ãh duzentos e três.

K: 200? E... duzentos duzentos e ...

N: Três sim.

K: Ah, okay, okay. Vou levar todo"

Nesta situação, verificamos sequências inseridas e uma proposta de realização remota que contribuirão para a aceitação da oferta. A condição para que K(A1) leve as duas camisetas é a redução do preço (K1), N(A1) hesita, sem dar uma resposta concreta, o que faz com que K(A1) faça uma proposta de compra (três camisetas pelo preço de duas) (K2). N(A1) (no

caso, o vendedor) reage com uma asserção que ameaça a face positiva do alocutário: "Ah, senhora nós não temos happy hour" (N3). K(A1) age de maneira surpresa, pois não esperava tal reação. N(A1) retoma a proposta de negociação e expande a oferta com um preço melhor na compra de duas camisetas e um vestido (N4). K(A1) pergunta pelo preço para se certificar se obteve sucesso na negociação (K5). N(A1) retoma a oferta (N6) e K(A1) a aceita, alcançando o objetivo da negociação da compra. Sendo assim, o desfecho da conversação só foi possível depois das sequências inseridas (K1-K2-N3-N4-K5-N6) que "preparam o desenvolvimento adequado do acto" (Almeida, 1998:194) e é essencial para a aceitação da oferta.

Observemos agora o seguinte exemplo realizado pelos estudantes:

Exemplo 8: Diálogo 2 (A1.2/A1.3), participantes S(A1), G(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"S: Você queria os colares de azul?"

G: Não, não quero este brincos."

Neste último exemplo, a oferta é realizada de forma indireta, com um enunciado interrogativo, em que a dimensão volitiva por parte do receptor (no exemplo o vendedor) é questionada a partir do uso do verbo no Imperfeito de cortesia "queria". Para nossa surpresa, a oferta é recusada de forma imediata. Esta é uma reação ameaçadora da face positiva do locutor, pois verificamos que o participante responsável pela recusa não utilizou quaisquer mitigadores a fim de suavizar a recusa.

O último exemplo é o da oferta feita de forma indireta e a recusa é realizada, contendo agradecimento e justificção. No exemplo, há a ocorrência do par oferta-recusa com o uso de mitigadores com o objetivo de suavizar a recusa. Segundo Almeida, o uso de recusas justificadas "permitem ao alocutário da oferta evitar a perda da face positiva do locutor, constituindo uma delicadeza negativa para com a face positiva deste último" (Almeida, 1998: 33):

Exemplo 9: Diálogo 10 (B1), participantes V(B1), D(B1): Imagine que fez uma festa de aniversário e trouxe um bolo, salgadinhos, doces e bebidas para todos os colegas de

trabalho. Ofereça os pratos e bebidas a eles. O colega deve agradecer e aceitar ou recusar as comidas e bebidas.

"V: Foi uma festa muito grande com a família e com os amigos e amigas e com muito coisas para comer e beber. E hoje eu tenho algumas coisas para vocês também. Ah bolos.

D: Muito obrigado. Mas eu não pode comer ah, bolo hoje porque eu eu sou a dieta."

Em seguida, o participante reage invocando a não necessidade da recusa com um ato de elogio, como manifestação de apreço pelo alocutário: "Oh, D, que coisa. Não precisa isso." O participante, como forma de amortecer o ato de recusa da oferta, recorre a um pedido, demonstrando consideração pela atitude da colega que divide com a turma as guloseimas e bebidas do aniversário: "Mas eu gosto de beber uma caipirinha. Você tem?"

Os atos de oferta foram realizados, na maioria dos casos, através de enunciados interrogativos seguidos dos atos de oferta realizados de forma indireta ou a partir de frases hipotéticas. Eis os resultados:

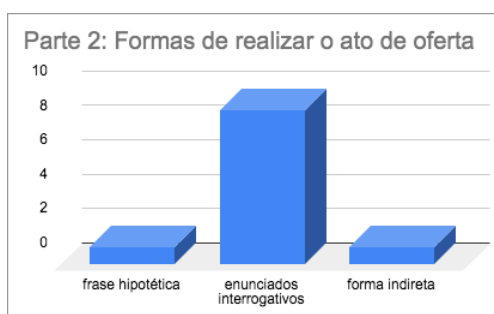


Gráfico 4.3 Representação do número de fórmulas de elaboração do ato de oferta

4.3. Atos de convite

Seguidamente, analisaremos os atos de convite. Começaremos com os diálogos realizados pelo grupo de nível A1.2/ A1.3. Almeida afirma que os atos de oferta e de convite se assemelham, sendo que "o convite se desdobra em e/ou inclui uma oferta" (Almeida, 1998: 208), acentuando o estabelecimento de uma forte relação entre estes atos. O ato de convite realiza-se, regularmente, de forma indireta. A ocorrência do verbo "convidar" como performativo é mais comum em situações formais e em comunicação escrita, como no caso de convites de eventos, de casamento, de festas, etc. O uso do verbo "convidar" pode ocorrer,

ainda, em enunciados assertivos referentes às disponibilidades e aos desejos do locutor do convite. No *corpus* recolhido observamos, porém, o emprego do verbo "convidar" em diversos exemplos:

Exemplo 1: Diálogo 5 (A1.2 /A1.3), participantes K(A1), S(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide seus amigos e suas amigas do curso de português para participar.

"K: Bom dia S!

S: Bom dia K. Tudo bem?

K: Sim, tudo bem. Obrigada. Vou fazer a festa a próxima semana porque é meu aniversário e quero convidar-te ähm na minha casa. Tem tempo próxima semana?

S: Você tem aniversário?

K: Sim, sim.

S: Maravilha!

K: Sim e quero convidar-te a minha festa.

S: Ah, muito obrigada!

K: Pode vir na minha casa?

S: Sim, sim. Eu tenho tempo.

K: Ah maravilhoso!"

Nesta sequência, os participantes iniciam a interação cumprimentando-se a partir dos primeiros nomes, já que se trata aqui de colegas de curso que se conhecem há algum tempo. Sendo assim, o distanciamento e o grau de formalidade foram devidamente considerados. Antes de realizar o ato de convite, a participante K(A1) justifica, a partir de uma asserção, o motivo da comemoração (o aniversário) e assinala o desejo de convidá-la para a festa: "quero convidá-la ähm na minha casa." Em seguida, utiliza-se de um enunciado interrogativo com valor literal de pergunta como forma de verificar a disponibilidade de realizar determinada ação: caso S(A1) esteja muito ocupada na próxima semana, não poderá participar da festa. S(A1) reage com um enunciado interrogativo, certificando-se do motivo do convite e utiliza um ato expressivo como estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor. A partir daí, a participante K(A1) reforça o convite com uma asserção que apresenta o verbo "querer" no Presente do Indicativo, apresentando a dimensão volitiva e o desejo do locutor do ato de convite. Como os participantes são alunos do nível A1.2/A1.3, ainda não dominam as

fórmulas de delicadeza dos verbos no Imperfeito de cortesia e do Subjuntivo, sendo que só podem recorrer ao Presente do Indicativo. Há, novamente, o uso do verbo "convidar". O convite é seguido de um agradecimento "Ah, muito obrigada", que, segundo Almeida (1998), demonstra apreço por aquele que convida e também pelo objeto do convite (o aniversário). Como a aceitação do convite não ocorreu de forma imediata, o locutor K(A1) volta a reforçar a pergunta, desta vez quer saber se alocutário tem disponibilidade de ir à sua casa. Sendo assim, o par convite-aceitação ocorre de forma implícita a partir da asserção "ter tempo":

Exemplo 2:

"K: Pode vir na minha casa?"

S: Sim, sim, tenho tempo.

K: Ah, maravilhoso!"

Vemos ainda que o locutor K(A1) agradece a aceitação do convite a partir de um ato expressivo de elogio e o reforço da realização de agradecimento como "muito obrigada" /"Estou muito feliz", que se repetem no final, mostrando o duplo movimento de agradecimento no ato de convite: "de um lado, o L2 agradece o convite; do outro, o L1 agradece o facto de o seu convite ter sido aceite" (Almeida, 1998: 212):

Exemplo 3

"S: Próxima semana.

K: Sim, a próxima semana. Estou muito feliz que você pode vir na minha casa. Tchau.

S: Também, muito obrigada. Tchau"

Em uma nova sequência, a tarefa foi convidar a professora para uma festa de aniversário. A conversação inicia-se com cumprimentos de saudação (dar os bons dias) e agradecimentos (obrigada), sendo que a aluna trata a professora por "Madame" (no caso decidiram que seria a professora de francês) e, ao realizar o ato de convite, faz a tentativa do uso do verbo "convidar" (no caso utiliza "invitar") com o pronome oblíquo "lhe". Sendo assim, podemos dizer que o grau de formalidade e o distanciamento foram utilizados no primeiro enunciado e considerando o uso das formas pronominais do Português do Brasil. Em seguida K(A1) (a professora convidada) interrompe a outra participante C(A1), corrigindo-a sobre a forma de tratamento e indicando o uso do pronome "você", passando a oferecer informalidade à interação.

Antes de realizar o ato de convite, C(A1) realiza uma asserção como forma de preparar o alocutário para o ato ilocutório, que é seguido de um ato expressivo de elogio "Que linda, maravilhosa", revelando um ato de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor:

Exemplo 4: Diálogo 6 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), K(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

"C: É meu aniversário semana próxima.

K: Ah, puxa. Que linda, maravilhosa. Em que dia?

C: A terceira feira e gostaria de convidar lhe / se.

K: A você.

C: A você a festa de aniversário.

K: Quer convidar-me? É muito simpático, C. Obrigada. E a que hora, a que hora a festa começa?"

Observa-se que o ato de convite é realizado com o verbo "gostar" conjugado no condicional, incidindo na dimensão volitiva e contribuindo para a manutenção da delicadeza. Por sua vez, K(A1) reage com surpresa através de uma pergunta que constitui um pedido de confirmação ("Quer convidar-me?") e agradece utilizando-se de dois atos expressivos – o elogio e o agradecimento –, manifestando uma estratégia discursiva de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário.

Por vezes, o locutor, depois de receber um ato de convite, pode reagir com uma pergunta que "inicia uma sequência inserida" referindo-se "às circunstâncias de realização desse acto" (Almeida, 1998: 214) que devem ser primeiramente definidas para que ocorra a aceitação do convite. Há, pois, uma "dimensão de contrato" (Almeida, 1998: 215) com o alocutário, fazendo com que locutor e alocutário cheguem a um acordo acerca de uma ação futura satisfatória para todos os membros da interação. Assim, observamos, no exemplo abaixo, a aceitação do convite após uma justificação e o pedido da convidada feito através de uma oração impessoal e o mitigador "um pouco" para chegar depois do horário determinado, constituindo um exemplo de realização de uma sequência inserida que prepara a aceitação final do convite:

Exemplo 5: Diálogo 6 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), C(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

"C: A festa começa, começa às oito horas.

K: Às oito?

C: da noite.

K: Puxa, tenho que trabalhar às 8. É possível de vir um pouco mais tarde?

C: Sim, sim. Não problema.

K: Okay."

Vemos, deste modo, que o acordo entre os interactantes (possibilidade de chegar mais tarde) ocorreu adequadamente. O locutor C(A1) se compromete, pois, a realizar a ação futura (esperar pela chegada tardia do convidado), seguindo as regras sociais, ou seja, deve estar preparado para a chegada do convidado no horário determinado e tratá-lo como os outros participantes.

Ao despedir-se, a participante K(A1) (a professora convidada) agradece através de um ato expressivo que demonstra também sua aceitação:

Exemplo 6

"C: Okay. Até logo. Até semana passada (semana que vem).

K: Estou muito feliz. Até logo"

No diálogo três, o aluno deveria convidar a professora para jantar com a família dele em casa. O diálogo inicia-se com os devidos cumprimentos, saudações e perguntas sobre o bem-estar de ambos como forma de abertura da interação. Em seguida, o locutor N1(A1) realiza o ato de convite através do uso do verbo "querer" e do pronome "você", tratando a professora de forma mais familiar e próxima, sem ser indelicado:

Exemplo 7: Diálogo 3 (A1.2/A1.3), participantes N1(A1), Professora: Convide seu professor para jantar na sua casa com a família.

"N: Muito bom. É. Você quer comer com minha família hoje na tarde?

P: Hoje, ah, olha que legal. Sim, por que não?

N: Ah, obrigada.

P: Muito obrigada pelo convite!"

Observa-se que a realização do convite foi feita de forma indireta através de um ato literal de pergunta acerca dos desejos do alocutário. A aceitação do convite é seguida de um ato de agradecimento do locutor e depois do alocutário, mostrando o "duplo movimento de agradecimento": o alocutário agradece o convite e o locutor agradece o facto de o alocutário aceitar o convite (Almeida, 1998: 212). O agradecimento do convite ocorre também no final do diálogo: "Muito obrigada pelo convite."

No próximo exemplo, os alunos do grupo B1/B2 receberam a tarefa de convidar um colega de curso para ver um filme brasileiro. Depois de se cumprimentarem, o locutor D(B1) utiliza-se de uma asserção como forma de preparação para o ato de convite, que ocorre logo em seguida:

Exemplo 8: Diálogo 12 (B1), participantes D(B1), T(B1): Está passando um filme brasileiro no cinema alemão. Convide seu amigo com quem pratica TANDEM para ir com você.

"D: Ah (pausa), há um filme hã hã para vita brasileira na cinema Lurup. Você (kommen) você vem? Comigo? É filme, é sobre äh muitas, sobre pessoas que fazem um compô por (für) por segurança na vida porque vida brasileira é muito perigosa. Muito interessante...o filme."

Observa-se que o locutor concebe o ato de convite com um enunciado interrogativo. O locutor D(B1) continua a asserção a respeito do conteúdo a ser tratado no filme com o uso de um ato expressivo como forma de convencer o alocutário a acompanhá-lo. O participante T(B1) agradece ao convite como forma de declarar seu apreço e valorizar o convite, justificando a importância do filme e o interesse pelo tema:

Exemplo 9

"T: Äh, äh, obrigado para convida. Äh, äh o filme é muito interessante para mim porque eu me interesse muito nas pessoas brasileiras.

D: Isso eu sei.

T: E o, a situação política no Brasil me interesse muito.

D: Mas?

T: Eu ãh, eu ãh tenho pouco tempo por ir ãh, ãh, no cinema.

D: Às duas horas.

T: Eu ãh não tem de ver na minha calendário ãh ãh que eu tenho eu tenho tempo.

D: No filme passa na sexta-feira.

T: Sexta-feira?

D: Próxima sexta-feira. Você tem tempo?

T: ãh, ãh, sim, sim.

D: Eu espero.

T: Sim, sim.

D: Sim, sim. Muito bom!"

O convite, no entanto, é primeiramente recusado de forma indireta com a justificativa de não ter tempo, representando uma ameaça para a face positiva do locutor do convite: "Eu ãh, eu ãh tenho pouco tempo por ir ãh, ãh, no cinema." O participante T(B1) justifica a recusa a partir do minimizador "pouco" em segmento "pouco tempo" como forma de "minimizar" a "dimensão negativa" (Almeida, 1998: 212). O participante D(B1) não reconhece a recusa, levando T(B1) a analisar novamente os critérios do convite. O convite é reforçado de forma indireta e através de um enunciado interrogativo, levando a um acordo entre o locutor e o alocutário e manifestando, assim, sua aceitação: "Ah, ah, sim, sim", "Sim, sim, muito bom." Assim, D(B1) agradece a aceitação do convite a partir do uso de atos expressivos como estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário e manifestando-os como forma de agradecimento: "Bom que você (kommen) vem comigo no filme. Ah, oh, muito bom, muito bom." No entanto, o participante D(B1) exhibe uma asserção que pode ameaçar a face positiva do convidado: "Mas você paga mesmo, né?". A asserção não corresponde ao fato de o convite ser "um acto em benefício do alocutário" (Almeida, 1998: 211) e do locutor não corresponder assim às expectativas do alocutário posto que "quem convida fica no dever de mais tarde responder às expectativas do convidado, respeitando as normas sociais que o levam a assumir o estatuto de "servidor" daquele que aceita o convite e fica no dever de realizar ofertas em benefício do alocutário" (Almeida, 1998: 215). O participante T(B1) reage utilizando a expressão "interessante", o que gera os risos de ambas as partes.

Por fim, os participantes do grupo B1/B2 realizaram um diálogo em que um colega deveria convidar o outro para passar o ano novo em sua casa. O uso do nome próprio e do pronome

de segunda pessoa do singular "você" mostra um menor grau de formalidade e de pouco distanciamento próprio de colegas de curso.

Neste exemplo, observa-se que a participante R(B2) realiza uma pré-sequência com uma série de perguntas indiretas como forma de certificar-se, primeiramente, da disponibilidade e dos desejos do colega antes de manifestar o convite:

Exemplo 10: Diálogo 23 (B2), participantes R(B2), W(B2): Seu amigo está só em casa no fim do ano. Convide-o para passar as festas de ano na sua casa.

"Mas agora temos o inverno e o tempo de mudar o ano, o réveillon eu queria perguntar, eu quis perguntar a você o que você está fazendo nesta noite de de do velho do ano velho?"

W: Eu quase esqueci, o ano o ano vai acabar? Não é possível não. Acho acho que temos 10 dias. Eu tenho muitas coisas para fazer.

R: Sim, mas o que você quer fazer neste dia de réveillon?"

Como não ocorreu uma resposta à pergunta, a participante R(B2) realiza o ato de convite indireto por meio de um enunciado assertivo, com o uso de frases condicionais e os verbos "querer" e "convidar". Tais enunciados assertivos revelam os desejos do locutor:

Exemplo 11

"W: Quando é este dia? Daqui a 10 dias ou quando?"

R: Mais ou menos. Só quero se você não tem nada pra fazer ou não sei o que fazer, eu quero ähm convidar sim eu quero convidar você pra aqui. Nós fazemos uma pequena festinha com comida e se você tem vontade você pode chegar aqui."

A ocorrência do mitigador "pequena festinha" revela modéstia. Estas fórmulas ao serviço do princípio da modéstia "visam não valorizar demasiado a face positiva do próprio locutor que produz atos de autoelogio" (Almeida, 2012: 21).

O participante W(B2) agradece ao convite com o uso de um ato de elogio, que substitui, neste caso, a aceitação e é uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor: "Oh, é muito muito amável R." Em seguida, W(B2) faz uma asserção que não recusa diretamente o convite, mas surge como uma dúvida a respeito das datas da comemoração que pode ameaçar a face positiva do locutor do convite: "mas eu eu eu ähm eu está com medo de que nós nós temos diferentes datas para réveillon." Depois de esclarecerem as datas, o

participante W(B2) agradece novamente ao convite com o uso do ato expressivo "muito obrigado para convite" e aceita-o de forma imediata: "Eu vou para você" (Eu irei para sua casa comemorar com vocês). Após a aceitação do convite, o locutor ainda produz dois atos de oferta com enunciados interrogativos que servem para se certificar sobre os desejos do alocutário a respeito de sua contribuição para a festa:

Exemplo 12

"W: Ah sim ah sim então muito obrigada para convite. Eu vou para você e o que eu posso levar? Um um um uma garrafa de vinho, dois ou três ou um pouco comida? O que você quer? Ou flores?"

A aceitação da oferta ocorre por meio de uma frase condicional: "R: Sim, não sei. Se você quer pode levar uma coisa pra beber. Comida temos aqui." A oferta do participante W(B2) e a aceitação de R(B2) ocorrem seguida de risos, que funcionam como "sinais antiorientadores" da ameaça da face positiva" do alocutário (Almeida, 2012: 21):

Exemplo 13

"W: Uma e duas garrafas de cachaça.

R: Sim... Ou dois (risos)."

No caso dos atos de convite, verificamos uma variedade maior nas formulações utilizadas nos dois cursos pelos alunos de Português como Língua Não Materna. Vejamos os resultados no seguinte gráfico:

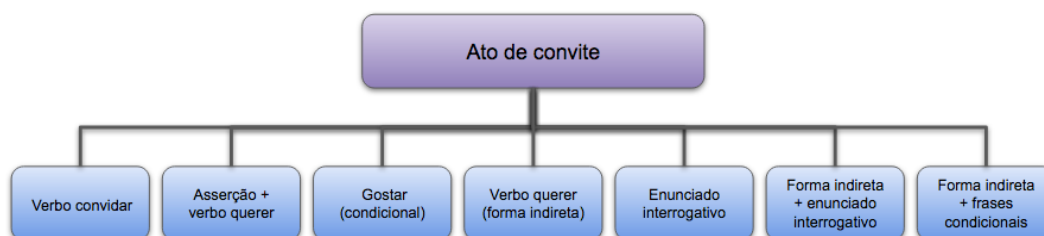


Gráfico 4.4 Representação das formulações do ato de convite

Um relevante aspecto observável é a tendência do emprego frequente dos verbos, principalmente do verbo "convidar", nas formulações do ato de convite no grupo de nível

A1.2/A1.3. O grupo B1/B2 preferiu, na maioria dos casos, o uso de formas indiretas, de enunciados interrogativos e de frases condicionais.

4.4. Atos expressivos

Por fim, analisaremos os atos expressivos utilizados nas seguintes situações: parabenizar, dar os pêsames e agradecer.

Para a análise da formulação de atos de agradecimento, apresentamos a seguinte situação aos participantes: o colega faz aniversário e trouxe bolo e bebidas para a sala de aula. Dê os parabéns e agradeça. Este diálogo foi realizado apenas uma vez pelo grupo B1/B2. Segundo Kerbrat-Orecchioni, o ato de agradecimento é um "ato pelo qual um locutor acusa recebimento de um "presente" qualquer, testemunhando seu reconhecimento ao responsável por este presente" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 140). Como tratava-se da comemoração de uma data festiva (aniversário), a primeira forma de agradecimento ocorreu após o ato expressivo de parabenização de forma direta, obedecendo-se às regras de simpatia:

Exemplo 1: Diálogo 10 (B1), participantes V(B1), D(B1): Imagine que fez aniversário e trouxe um bolo, salgadinhos, doces e bebidas para todos os colegas de trabalho. Ofereça os pratos e bebidas a eles. O colega deve parabenizar, agradecer, aceitar ou recusar as comidas e bebidas.

"D: Oh, V, parabéns por você!

V: Oh, obrigada querido D."

No próximo exemplo, temos, primeiramente, um ato de oferta seguido de um ato de agradecimento direto, em que o locutor reconhece a ação benevolente do alocutário e o "presente" a ser lhe oferecido:

Exemplo 2: "V: Foi uma festa muito grande com a família e com os amigos e amigas e com muito coisas para comer e beber. E hoje eu tenho algumas coisas para vocês também. Ah bolos.

D: Muito obrigado. Mas eu não pode comer ah, bolo hoje porque eu eu sou a dieta."

A recusa do ato de oferta é seguida por uma justificação que minimiza a ameaça da face positiva do locutor.

Em seguida, observa-se uma situação de interação em que o locutor D(B1) faz um pedido: quer algo para beber e mostra-se insatisfeito pela falta de café. O alocutário V(B1) tenta reparar a refutação utilizando um pedido de desculpa como estratégia de delicadeza negativa para com a face positiva do locutor, o que funciona como uma forma de restabelecer a harmonia, o "equilíbrio social" na interação":

Exemplo 3:

"D: Oh, oh, oh, risos (faz um barulho como sinal de insatisfação). E um pouco de café ?

V: Tão pouco. Desculpe (riso) tão pouco café.

D: Não café? Okay.

V: És muito tarde e com café eu não posso dormir e, por isso, eu não trago..."

Além de desculpar-se, V(B1) ainda justifica a falta da bebida, atenuando uma possível ameaça e agindo como função reparadora do dano que pode causar ao alocutário a falta de café. Isto faz com que o participante D(B1) aceite as desculpas, restabelecendo o "equilíbrio ritual" (Kerbrat- Orecchioni, 2005: 151), e agradeça a colega pelo gesto, neste caso, reconhecido e também seguido de um elogio, que focaliza o "presente" dado. Trata-se de uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor que realizou a oferta efetuada de maneira reforçada (Almeida, 1998), como podemos observar no exemplo abaixo:

Exemplo 4: "D: Okay, okay. Muito obrigado para o bebido. Muito, muito delicioso!"

No final do diálogo, ocorrem ainda mais dois agradecimentos: na primeira situação o participante V(B1) pretende comemorar o aniversário de 70 anos e convidar o colega para a comemoração com a promessa de que, da próxima vez, terá caipirinha e gelo (como desejou o colega). O agradecimento é feito de forma direta, também manifestado de maneira reforçada por meio da expressão "muito obrigado", que demonstra gratidão. O participante V(B1) reage também com um agradecimento, com o uso de "Obrigada".

Exemplo 5:

"V: Próxima vez o aniversário de 70.

D: Ah, okay.

V: Mais 3 anos e, isso caso eu tenho também gelo para o, a caipirinha.

D: Ah, okay, muito obrigado!

V: Obrigada, D!"

Verificamos o uso do agradecimento no decorrer dos outros diálogos realizados pelos alunos. Vejamos a seguir as situações de interação em que houve a manifestação do ato de agradecimento.

Nas situações de compra e venda, como no caso do cenário em que fazem compras no Brasil, observamos o uso do agradecimento nos grupos de nível tanto A1.2/A1.3 quanto B1/B2:

Exemplo 6: Diálogo 1 (A1.2/1.3), participantes K(A1)/ N(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"N: Três sim.

K: Ah, okay, okay. Vou levar todo.

N: Tá bom (risos).

K: E muito bem. E muito obrigado, senhor.

N: Obrigado você!"

Diálogo 2 (A1.2/1.3), participantes G(A1)/S(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"G: Oh, 22? Hum, sim, okay. Vou legar ãh. Posso pagar com ãh cartão?

S: Não problema. ãh ãh isso.

G: Okay, okay. Obrigada.

S: De nada. Até logo.

G: Até logo."

Diálogo 17 (B2), participantes B(B2), N(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"B: Pode pagar com cartão de crédito?

N: Ah, cartão com crédito, ouviu, ouviu. Tá.

B: É legal, mas eu tenho um cartão internacionais

N: Está bem, tá bom.

B: Ah, sim. Aqui?

N: Aqui é. Muito obrigada. Então ãh, ãh, um bom viagem.

B: Muito obrigada!

N: Pra Alemanha e muitos saludos deste nosso povo brasileiro prá lá. Tchau, tchau"

Nos três exemplos, observa-se que o ato de agradecimento foi realizado de forma direta. Nos exemplos 1 e 3, a realização direta é reforçada pelo uso do intensificador "muito". No exemplo número 2, a realização direta do agradecimento é retribuída com uma reação positiva a partir do uso da expressão "De nada", que segundo Kerbrat-Orecchioni trata-se de "um encadeamento aparentemente negativo" que "constitui, de fato, uma aceitação polida" de agradecimento (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 149). Todos os atos de agradecimento ocorreram no fechamento da interação. Observa-se, ainda, que os diálogos ocorreram perante um cenário que envolve uma "relação comercial" (idem, 2005:156). Kerbrat-Orecchioni explica que este tipo de relação é considerada como "mutuamente devedora", em que ambas as partes são beneficiadas no final da negociação, ainda que o principal beneficiado seja o comerciante. Vemos, assim, no exemplo número 1, que o agradecimento do vendedor "Obrigada você", produzido em retribuição (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 156), constitui um comportamento que está ligado às convenções sociais:

" [...] o cliente é obrigado a fornecer, em troca do produto, não apenas uma contrapartida em espécie, mas, além disso, aquela espécie de remuneração simbólica que o agradecimento constitui: é que a entrega de um produto, ainda que não gratuito, é considerada, em nossa sociedade, como uma forma de "doação", que demanda em troca uma contradoação" (e não um puro simples "acerto de contas" (Kerbrat-Orecchioni, 2005:156).

Observamos o uso do agradecimento em todas as interações que envolviam o ato de convite. Em sua maioria, o ato de agradecimento é realizado de forma direta e reforçado pelo intensificador "muito" ou é feito de forma elíptica:

Exemplo 7: Diálogo 5 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), S(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide seus amigos e suas amigas do curso de português para participar.

"K: Sim e quero convidar-te a minha festa.

S: Ah, muito obrigada!"

Diálogo 12 (B1), participantes D(B1), T(B1): Está passando um filme brasileiro no cinema alemão. Convide seu amigo com quem pratica TANDEM para ir com você.

"T: Obrigada para convite!"

Diálogo 23 (B2), participantes R(B2), W(B2): Seu amigo está só em casa no fim do ano. Convide-o para passar as festas de ano na sua casa.

"R: Agora nós estamos na Alemanha.

W: Ah, ah sim então muito obrigada para convite!"

Há, em alguns casos, atos de agradecimento feitos antes ou depois de um elogio, que implicam uma asserção que está focalizada no que é agradecido (Kerbrat-Orecchioni, 2005):

Exemplo 8: Diálogo 6 (A1.2/A1.3), participantes C(A1) /K(A1): Imagina que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

"K: Quer convidar-me? É muito simpático, C. Obrigada"

Diálogo 23 (B2), participantes R(B2), W(B2): Seu amigo está só em casa no fim do ano. Convide-o para passar as festas de ano na sua casa.

"R: Nós fazemos uma pequena festinha.

W: Oh, é muito muito amável R."

Nos exemplos a seguir, manifesta-se uma asserção que está focalizada no locutor que agradece, demonstrando alegria e gratidão pela aceitação do convite:

Exemplo 9: Diálogo 5 (A1.2/A1.3), participantes S(A1), K(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide seus amigos e suas amigas do curso de português para participar.

"K: Okay, äh.

S: Próxima semana.

K: Sim, a próxima semana. Estou muito feliz que você pode ver na minha casa. Tchau.

S: Também, muito obrigada. Tchau."

Diálogo 6 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), C(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

"C: Okay. Até logo. Até semana passada.

K: Estou muito feliz. Até logo"

Diálogo 12 (B1), participantes D(B1), T(B1): Está passando um filme brasileiro no cinema alemão. Convide seu amigo com quem pratica TANDEM para ir com você

"D: Bom que você (kommen) vem comigo no filme. Ah, oh, muito bom, muito bom!"

O autor do convite pode também agradecer a aceitação do convite ao convidado que, por sua vez, retribui com um agradecimento, num movimento inverso na troca do agradecimento na interação: presente (A) / aceitação (B) / agradecimento (A) / agradecimento (B).

Exemplo 10: Diálogo 3 (A1.2/A1.3), participantes N1(A1), Professora: Convide seu professor para jantar na sua casa com a família.

"N: Muito bom. É. Você quer comer com minha família hoje na tarde?"

P: Hoje, ah, olha que legal. Sim, por que não?

N: Ah, obrigada.

P: Muito obrigada pelo convite"

Já neste exemplo, a reação ao agradecimento segue o seguinte esquema: presente de L1 (no caso, o convite para a festa); agradecimento por parte de L2; reação ao agradecimento por parte de L1: agradecimento de L2:

Exemplo 11: Diálogo 9 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), S(A1): Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"K: E vamos festar com todas as colegas.

S: Sim, posso.

K: Tá bom?

S: Sim, muito obrigada.

K: Muito obrigada"

Durante as realizações de interações que envolviam o ato de pedido, verificamos que, após sua realização, todos os participantes agradeceram de forma direta reforçada pelo intensificador "muito" ou de forma direta elíptica:

Exemplo 12: Diálogo 4, A1.2/A1.3, participantes C(A1), G(A1): Imagine que vai a um restaurante no Brasil. Faça um pedido de acordo com os passos indicados:

"C: Ah, prefiero, preferia batatas, é possível?

G: É possible.

C: Sim, muito bem. Obrigada."

"G: Eu trago a sopa primeiro. A próxima carne de frango com legumes.

C: E com batatas tambien. Sim? Obrigada. (faz o som de quem está comendo)"

"C: 10% como sempre ou não? Eu sou alemão, não sei (risos). Pode perguntar (risos).

G: Muito obrigada.

C: Até logo.

G: Até logo"

Diálogo 15 (B1), participantes D(B1), V(B1): Imagine que se interessa por um curso de Português na escola Volkshochschule. Ligue para a escola e peça as informações que precisa sobre o curso.

"D: 19? Eu estou aposentado eu vai, vou na cama sete horas.

(Risos)

V: Oh, desculpe!

D: Okay, muito obrigado. Eu penso, eu vou pensar

V: Muito obrigado, senhor!"

Diálogo 9 (A1.2/A1.3), participantes S(A1), K(A1): Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"K: É possível que você diga a toda a gente que de vir aqui para fazer a festa juntos?

S: Sim, posso. Muito obrigada!"

Em dois diálogos realizados (pedido para o colega falar mais baixo e pedido para não falar no celular durante a aula), a reação do agradecimento foi acionada após o pedido de desculpas:

Exemplo 13: Diálogo 16 (B1) participantes V(B1), D(B1): Seu colega ao lado recebe ligações no celular e tem de sair da sala para atendê-las. Isso o incomoda. Peça a ele para desligar o celular ou colocá-lo no modo silencioso.

"D: (faz de conta que termina a conversa) Desculpe que eu atendo meu celular, mas eu quero parar.

V: Muito obrigada, D.

D: Okay.

Diálogo 13 (B1) participantes V(B1), D(B1): Imagine que precisa se concentrar nas leituras durante a aula de português e seu colega não para de conversar. Peça para falar mais baixo.

"D: Desculpe eu não soube que você äh que minha palavra com W stören, stören (atrapalhar em alemão) você. Eu quero (fala em alemão "ich möchte") eu quero äh falar um pouco (faz gesto de mais baixo) alto. ("Eu quero falar mais baixo")

V: Muito obrigado, querido. Está muito agradável para você.

D: Ah, de nada, de nada. Eu gosto que você se concentre na sua leitura."

Neste caso, o ato de agradecimento é seguido, no primeiro exemplo de um desejo ("eu quero parar") e no segundo exemplo de uma justificativa seguida de um desejo ("eu não soube que

minha palavra com W atrapalha você"/ "eu quero falar mais baixo"). Sendo assim, o pedido de desculpa diminui a culpa do alocutário causado pelas conversas no celular e com o amigo na sala de aula. A justificativa atenua a responsabilidade do falante pelo ato cometido constituindo trocas discursivas que funcionam como estratégia discursiva de proteção da face do falante. No segundo exemplo, segue-se um elogio ("Está muito agradável para você" / "Muito gentil da sua parte") que focaliza o agradecido ou sua atitude. Observamos, ainda, o uso da "aceitação polida" (Kerbrat-Orecchioni, 2005) do agradecimento como reação positiva do agradecimento: "de nada". Este repete-se em mais um diálogo, após o pedido de informação sobre a aula de português:

Exemplo 14: Diálogo 22 (B2) participantes W(B2), R(B2): Imagine que faltou às aulas e precisa pedir as tarefas atrasadas e distribuídas. Peça para sua professora as tarefas distribuídas nos últimos dias e as devidas explicações.

"R: Então sabe agora o que é pra fazer, não?"

W: Obrigado, obrigado.

R: De nada sim de nada. Tchau até a próxima aula."

Os agradecimentos podem ser observados nos exemplos que envolvem as felicitações e as condolências como uma estratégia de delicadeza positiva: trata-se de um "FFA que reage a um FFA precedente" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 150). Vejamos primeiramente os agradecimentos depois das felicitações pelo aniversário e por um novo emprego:

Exemplo 15: Diálogo 8 (A1.2/A1.3), participantes S(A1), N(A1): Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"S: Olá N, feliz aniversário pra você!"

N: Obrigado, obrigado. Tudo bem?"

Diálogo 9 (A1.2/A1.3), participantes S(A1), K(A1): Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"S: Feliz aniversário!"

K: Muito obrigada!"

S: Tudo de bom e muito saúde!

K: Oh, muito obrigada. Preciso muito a saúde (risos)."

Diálogo 14 (B1), participantes V(B1), D(B1): Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"V: Você tem aniversário hoje?

D: Sim, hoje é meu aniversário.

V: Parabéns pra você!

D: Muito obrigada!"

Diálogo 20 (B2), participantes R(B2), H(B2): Sua colega chega à aula de português com uma boa notícia: conseguiu um novo emprego em uma firma brasileira. Parabenize-a e pergunte como será o novo trabalho.

"H: Que legal! Meus parabéns!

R: Ja, obrigada. Tchau!"

Neste exemplo, os atos expressivos de parabenização e agradecimento ocorreram no fechamento da interação como forma de despedida.

Nas interações a seguir observa-se o ato de agradecimento diante de uma situação de pesar:

Exemplo 16: Diálogo 7 (A1.2/A1.3), participantes N(A1), K(A1): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: É sim, que pena.

K: Muito obrigado pelos pêsames. E estou feliz que tu sentes comigo e tuda família. Muito obrigada!

N: Obrigada você, tchau."

Observa-se que o ato de agradecimento ocorre de forma direta através do intensificador "muito" e é repetido duas vezes. A asserção focaliza o agradecedor mostrando reconhecer sua

generosidade e seus sentimentos. O último ato de agradecimento neste exemplo não pôde ser ordenado, já que não consideramos adequado neste contexto.

Exemplo 17: Diálogo 18 (B2), participantes N(B2), D(B2): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: Esta sexta-feira. Você quer que eu eu acompanho a você? prá lá como para dar-te uma mão, para te dar uma mão.

D: Sim, sim, se você poder, sim.

N: Sim.

D: Seria muito gen... muito gentil de su parte."

Neste exemplo, o agradecimento é indireto e feito depois do ato de oferta que corresponde, neste caso, à aceitação da oferta. Observa-se que o agradecimento focaliza o agradecido manifestando um elogio: "muito gentil". No próximo exemplo verificamos que o ato de agradecimento focaliza-se no "próprio presente" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 146), ou seja, a companhia da colega:

Exemplo 19:

"D: Não, você é muito gentil, mas eu quero ficar perto de seu família e perguntar se eles, se a família precisa de algo, mas se você pode me acompanhar aos funerais ãh, e...

N: Tá, me parece muito bom e então ãh, ãh a gente se vê a sexta-feira e te acompanho.

D: Sim, é ótimo!"

Segundo Almeida, manifestar explicitamente o agradecimento é estabelecer uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor que realizou uma oferta. Constitui uma maneira de "retribuir simbolicamente a generosidade do acto" (Almeida, 1998: 25), como observamos neste exemplo:

Exemplo 20: Diálogo 11 (B1), participantes V(B1), K(B1): Imagine que trabalha no aeroporto e avista uma pessoa que parece precisar de ajuda. Ofereça ajuda e as devidas informações.

"K: Sim, você pode me acompanhar ãh (pausa) ãh a (pausa) depósito de bagagem.

V: Sim, sim, vamos.

K: Pode?

V: Com prazer!

K: Muito bom, obrigado. Isso muito importante para mim."

Vemos que a asserção expressa gratidão pela ajuda oferecida e aceite.

Houve três situações de interação, em que o agradecimento ocorre depois do enunciado "Tudo bem?". Esta sequência refere-se ao estado de saúde do interlocutor (saúde física e psicológica) e trata-se de uma "sequência de abertura da interação, geralmente logo depois da troca de saudação" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 128):

Exemplo 21: Diálogo 5 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), S(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide seus amigos e suas amigas do curso de português para participar.

"K: Bom dia S!

S: Bom dia K. Tudo bem?

K: Sim, tudo bem. Obrigada."

Diálogo 6 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), K(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

"C: Boa tarde!

K: Boa tarde, C!

C: Boa tarde Madame C (falam Bonjour em francês). Tudo bem?

K: Sim. Obrigada muito bem!"

Diálogo 17 (B2), participantes N(B2), B(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"B: (faz barulho de campainha) Ding- Dong. Oi boa tarde!

N: Oi, boa tarde.

B: Äh...

N: Tudo bem?

B: Tudo, muito obrigado. E você?

N: Também."

A resposta à pergunta "Tudo bem?" pode vir acompanhada de um agradecimento (neste caso "obrigada" nos três exemplos), segundo o qual o destinatário "aceita o "presente" que a pergunta feita sobre a sua saúde representa" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 133). Verificamos, assim, que o ato de agradecimento, em geral, ocorreu em diversas ocasiões no decorrer dos diálogos tanto nos grupos de nível A1.2/A1.3 quanto nos grupos B1/B2:

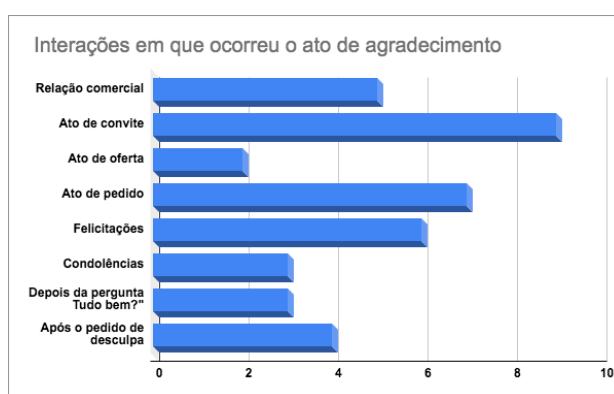


Gráfico 4.5 Representação das formas de interação com ocorrências do ato de agradecimento

Como podemos observar, foram nos atos de convite em que o ato de agradecimento foi utilizado com mais frequência. Isto mostra que a maioria dos participantes reconhece a importância do agradecimento como estratégia de delicadeza positiva, em que o alocutário se sente na obrigação de agradecer ao convite.

Para a realização de atos expressivos selecionamos dois cenários: dar os pêsames pelo falecimento de alguém e parabenizar. O primeiro e o segundo cenários foram realizados pelos grupos A1.2/A1.3 e B1/B2. No caso do cenário em que deveriam dar os pêsames, observamos certa dificuldade dos participantes, já que são pouco confrontados com tal situação em língua não materna. Segundo Palrilha, o ato expressivo de condoer-se mostra a solidariedade com alguém que foi vítima de uma situação desagradável ou dolorosa. O falante compartilha com o destinatário sua dor, que tenta, por sua vez, abrandá-la:

"O falante é o observador que reage a algo a que assistiu; o paciente é o destinatário. O agente pode não estar identificado, não existir, pode inclusivamente ser irrelevante: eu solidarizo-me com alguém que foi vítima de um roubo, sendo absolutamente irrelevante quem roubou. Para além da

função social da partilha, também há a de tentar abrandar a dor do destinatário, pois a tristeza precisa de companhia" (Palilha, 2009:43)

As formas mais comuns de condoer-se com alguém são "(Os) meus sentimentos", "Meus pêsames", "Sinto muito", "Lamento muito". Nos dois exemplos dos diálogos realizados pelos participantes observamos mudança de entonação e gesticulação durante a dramatização. No diálogo realizado pelo grupo A1.2/A1.3, o participante N(A1) saúda a colega com a pergunta "Tudo bem?". A resposta com uma asserção com conteúdo axiológico negativo, ameaça a face positiva do locutor logo no início da interação:

Exemplo 22: Diálogo 7 (A1.2/A1.3), participantes N(A1), K(A1): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: Oi K, tudo bem?"

K: Não, não, não estou bem, porque um amigo meu ähm foi morto / fui morto (pausa) morreu antes uma semana.

N: Oh!"

Este tipo de resposta é classificada como marcada ou não preferida, em que só ocorre se houver razões para tal, como é o caso do exemplo, "sendo que a mais frequente dessas razões é o desejo de contar suas mazelas a outrem" (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 131). O interlocutor, ao saber da notícia desagradável, reage demonstrando sua emoção e espanto através da interjeição "oh", já que não é comum iniciar a abertura de uma conversação sem reagir à saudação e respondê-la. Com efeito, as interjeições demonstram que o locutor foi surpreendido pela resposta do alocutário¹⁶. Já o participante D(B2) (grupo B1/B2) reage de forma positiva à pergunta "Tudo bem?", porém é confrontado com uma asserção da colega que o leva a revelar o problema. A mesma também reage através de uma interjeição que demonstra espanto e surpresa:

¹⁶ As interjeições servem para que o locutor manifeste ou represente um sentimento. Sobre este assunto, cf. Cunha e Cintra (1984).

Exemplo 23: Diálogo 18 (B2), participantes D(B2), N(B2): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: Oi, tudo bem?

D: Sim.

N: Sim? Mas a sua cara fica um pouco triste

D: Sim. Você lembra do meu amigo João?

N: João, ah sim.

D: Sim? Lamentavelmente ele faleceu

N: Ai, no"

O advérbio "lamentavelmente" é considerado como avaliativo e exprime "o estado psicológico do falante relativamente ao conteúdo proposicional do enunciado" (Palrilha, 2009: 100). Servindo como modificador em posição pré-verbal, indica os sentimentos do locutor.

Observamos que o ato de condolência é expresso, nos dois exemplos, por meio das expressões "Meus pêsames" (grupo A1.2/A1.3, participante N(A1)) e "ai que pena, amigo" (grupo B1/B2, N(B2)). O participante N(A1), numa tentativa de confortar o locutor e abrandar a sua dor, reage aos motivos da morte com a asserção: "Sim, às vezes a morte é relaxa." No decorrer do diálogo expressa seus sentimentos com os atos expressivos "É muito triste" e "É sim, que pena", posto que a participante K(A1) utiliza-se de diversos adjetivos semanticamente negativos acompanhados do intensificador "muito" para exprimir a gravidade da situação e da doença: "muito doente", "muito, muito agressivo", "muito triste", "muito, muito duro." No diálogo do grupo B2 não há a ocorrência frequente de tais adjetivos e o intensificador. Constatamos em apenas uma asserção o uso do adjetivo e do intensificador como forma de descrever a notícia de pesar: "mas a notícia foi muito chocante." No final, a participante do grupo A1.2/A1.3 K(A1) agradece ao colega pelos pêsames, como já analisados nos atos de agradecimento, o que mostra uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor: "Muito obrigada pelos pêsames." No diálogo realizado pelo grupo B1/B2 há um ato de oferta da participante N(B2), seguido de um ato de agradecimento do colega, reforçado pelo intensificador "muito", o que constitui uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário: "muito gentil de sua parte."

Observa-se que "lamentar, dar os pêsames e/ ou expressar as condolências" são situações às quais os participantes tanto do nível A1.2/A1.3 quanto B1/B2 são pouco expostos na Língua Não Materna. Os alunos, no entanto, se solidarizam com a dor do outro, como podemos observar na mudança da entonação, gesticulação, uso de interjeições de espanto e advérbios, indicando os sentimentos. Houve a tentativa de confortar e abrandar a dor do locutor a partir do uso de expressões performativas ("Meus pêsames", "ai que pena") e atos de oferta como forma de solidariedade e empatia.

Nos cenários em que deveriam parabenizar o colega pelo aniversário e por uma vaga de emprego, constatamos que os participantes em todos os níveis não tiveram dificuldades em expressar-se. O ato de "congratular" "consiste na expressão de satisfação pelo desfecho de uma situação e realiza-se através da felicitação do outro" (Palrilha, 2009: 41). As expressões que são responsáveis pela realização do ato expressivo são: "Parabéns!; Meus parabéns!; Estou muito feliz/contente por você!; Maravilha!; Estou orgulhosa(o) de você", entre outras. Vejamos os exemplos extraídos dos diálogos realizados pelo grupo A1.2 /A1.3:

Exemplo 24: Diálogo 8 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), S(A1): Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"S: Olá N, feliz aniversário pra você!

N: Obrigado, obrigado. Tudo bem?"

Diálogo 9 (A1.2/A1.3), participantes K(A1), S(A1): Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"S: Oi K!

K: Oi S!

S: Feliz aniversário!

K: Muito obrigada!

S: Tudo de bom e muito saúde!

K: Oh, muito obrigada. Preciso muito a saúde (risos).

S: Sim, sim. Você tem um plano de celebrar?"

Os dois diálogos foram realizados pelas mesmas participantes. Observa-se que nos dois cenários o tratamento é informal, embora um seja dirigido à colega e o outro à chefe, com o

uso do pronome "você". As participantes não atentaram para o grau de formalidade que a situação exige (parabenizar a chefe).

Os exemplos seguintes foram realizados pelo grupo B1 e deveriam desejar feliz aniversário à /ao colega:

Exemplo 25: Diálogo 14 (B1), participantes V(B1), D(B1): Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"V: Oi D.

D: Oi V.

V: Você tem aniversário hoje?

D: Sim, hoje é meu aniversário.

V: Parabéns pra você!

D: Muito obrigada!

V: Muitos felizes e uma bom dia com a família. O que ...?

D: Muito prazer."

Verificamos que, tanto no nível A1.2/A1.3 quanto no nível B1/B2, o ato expressivo de parabenização foi realizado com sucesso. Os participantes usaram as expressões "feliz aniversário" e "Parabéns pra você", além de proferirem desejos, convencionalmente expressos em tal ocasião e já aprendidos em sala de aula: "Tudo de bom e saúde"; "Muitos felizes e uma bom dia com a família"¹⁷. Os atos expressivos foram devidamente respondidos com um ato de agradecimento, "Obrigado, obrigado" / "Muito obrigada", cumprindo às regras de modéstia, simpatia e respeito pelo outro.

No último exemplo, o cenário pede para dar os parabéns ao colega pelo novo emprego:

Exemplo 26: Diálogo 20 (B2), participantes R(B2), H(B2): Sua colega chega à aula de português com uma boa notícia: conseguiu um novo emprego em uma firma brasileira. Parabenize-a e pergunte como será o novo trabalho.

"H: Oi R., tudo bem?

¹⁷ "Muitas felicidades e um bom dia com a família"

R: Sim, muito bem. Eu estou aqui hoje de noite, mas eu tenho um novo emprego aqui na no Hamburgo, numa firma brasileira.

H: Ah, que legal”

“H: Que legal! Meus parabéns!

R: Ja, obrigada. Tchau!"

Neste caso, o participante, ao receber a notícia do novo emprego da colega, emprega uma interjeição com valor de alegria, que expressa seu sentimento de felicitação com relação ao alocutário e é orientada para a face positiva do alocutário, valorizando-a. Em seguida manifesta o ato expressivo de congratulação. A participante reage com um ato de agradecimento.

Observa-se que os participantes não apresentaram dificuldades em identificar as situações de interação que exigem os atos expressivos. As expressões de felicitação e condolência foram as mais diversificadas. Podemos observar no diagrama abaixo os atos expressivos utilizados nos diálogos analisados:

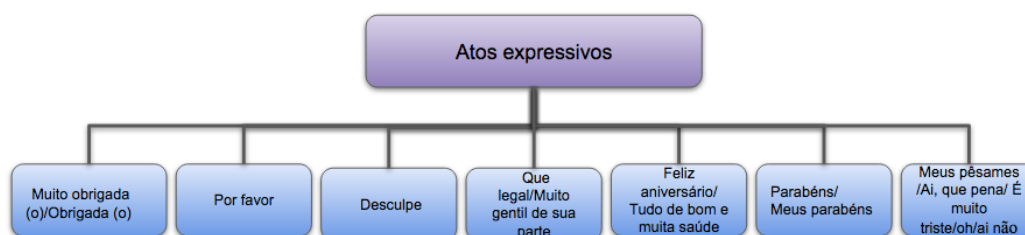


Gráfico 4.6 Representação dos atos expressivos produzidos nos diálogos

Entre as fórmulas rotinizadas mais frequentes, verificamos que o ato de agradecimento foi o mais empregado, seguido da estratégia de delicadeza "por favor". Os grupos de nível A1.2/A1.3 utilizaram, no total, um número maior de atos expressivos.

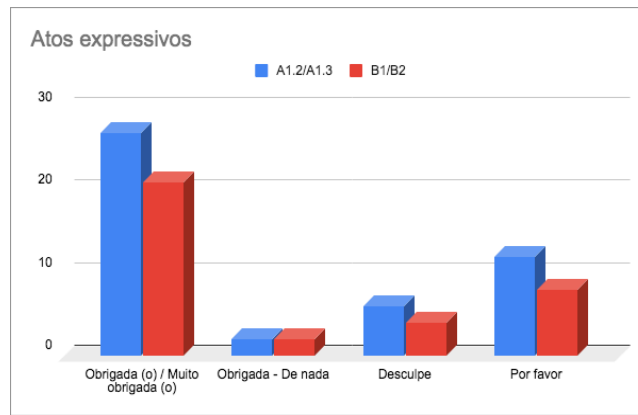


Gráfico 4.7 Representação geral dos atos expressivos utilizados nos diálogos dos grupos A1.2/ A1.3 e B1/B2

A "aceitação-polida" do agradecimento como reação positiva, no entanto, não foi empregada com frequência, embora seja uma das primeiras expressões apresentadas e repetidas tanto nos diálogos descritos nos livros didáticos quanto nas interações realizadas em sala de aula. Assim também ocorreu com o uso da estratégia de delicadeza "por favor", omitida em ocasiões essenciais. O emprego da estratégia de delicadeza "desculpe" foi usado como forma de desculpar-se por determinado comportamento, com valor de pergunta "como?" e pela incapacidade de realizar um determinado pedido ou desejo do outro.

4.5. Análise das atividades escritas

Como parte complementar da análise, elaboramos atividades de elicitación do discurso de forma escrita, com diferentes cenários, para avaliar o reconhecimento/desempenho linguístico dos alunos em relação aos atos de fala referidos neste estudo e ao grau maior ou menor de delicadeza durante a realização dos atos. Por tratar-se de grupos com proficiências diferentes, esforçamo-nos em elaborar atividades conforme o vocabulário e as estruturas gramaticais já adquiridas nos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 do Português do Brasil. Além disso, as atividades foram realizadas por dois falantes nativos brasileiros como forma de comparação para o estudo, que foram classificados como falante nativo 1 / falante nativo 2.

Os objetivos dos estímulos das atividades são: reconhecer os contextos variados de interação e refletir sobre o uso das formas de delicadeza em cada um deles, assim como reconhecer os diferentes níveis de estatuto social, rever expressões de delicadeza, converter frases indelicadas em delicadas e verificar as estratégias selecionadas para a produção de atos de fala de recusa e aceitação.

Por limitações de tempo e a alteração do método de aprendizagem, no caso a mudança da aula presencial para a aula online, as atividades foram enviadas por e-mail e realizadas como trabalho de casa. A maioria dos participantes efetuou de forma satisfatória as atividades propostas, porém três alunos (um do nível A1.2/A1.3 e dois do nível B1/B2) não reagiram aos e-mails remetidos. Por conta da heterogeneidade do grupo B1/B2, aplicamos os mesmos exercícios.

Na primeira atividade dos grupos B1/B2, selecionamos uma situação cotidiana e alternativas para cada uma. As situações exigiam o reconhecimento do ato de oferta, do ato de pedido e do ato de convite e suas formas devidas de recusa, além da identificação do grau de formalidade e distanciamento. Na atividade do grupo A1.2/A1.3, houve a possibilidade da escolha de mais de uma alternativa, numa escala da resposta mais delicada à menos delicada. As situações de interação selecionadas foram, por vezes, semelhantes àquelas experienciadas nos diálogos: identificar o ato de pedido, o ato de convite, o ato de oferta e suas devidas recusas, agradecer, parabenizar a chefe e a colega de curso, reconhecer o grau de formalidade e distanciamento.

Atividade A1.2/A1.3:

1. Escolha a/ as alternativa(s) correta(s) para cada situação:

1. Você quer trocar uma camiseta na loja. O que diz à vendedora / ao vendedor?
 - (b) Boa tarde. Comprei esta camiseta e ela está apertada. Poderia trocá-la por uma maior?
 - (c) Oi. Quero trocar esta camiseta por uma maior. Vocês têm camisetas maiores?
 - (a) Boa tarde. Comprei esta camiseta na semana passada, mas ela está apertada. Queria trocá-la por uma camiseta maior. Seria possível?

Como resposta, oferecemos três opções, sendo que a última alternativa seria a mais delicada. O pedido é feito de forma indireta com uma justificativa do motivo da troca e evidenciando o desejo do locutor com os verbos conjugados no Imperfeito de cortesia e no Futuro do Pretérito. Haveria que atentar para o grau de distanciamento, pois se trata de um desconhecido (vendedor/vendedora). Os alunos, assim como os falantes nativos, realizaram de forma adequada esta atividade e selecionaram as alternativas mais delicadas nas situações de interação propostas. Porém ainda houve certa dificuldade em reconhecer o grau de formalidade na seguinte atividade em que deveriam expressar um ato expressivo:

e. Sua chefe faz aniversário. Como reage?

(1) Senhora P, meus parabéns! Tudo de bom e muitas felicidades!

(3) Parabéns!

(2) Meus parabéns a você! Tudo de bom e muitas felicidades!

Dois participantes optaram pela primeira e última alternativas e o falante nativo 2 optou pela última alternativa, sendo que a forma de tratamento "você" não seria a mais adequada, pois se refere a um tratamento informal e deveriam parabenizar a chefe, ou seja, manter o grau de distanciamento e formalidade. No caso dos falantes nativos, isto pode ser explicado pelo uso comum do pronome "você" no Português Brasileiro, mesmo em situações de distanciamento e/ou a relação profissional próxima entre o participante e o/a chefe com maior grau de proximidade, procurando uma forma de tratamento social igualitária. Já os alunos de Português Língua Não Materna optam pelas alternativas mais extensas e delicadas, sem reconhecer o pronome de tratamento adequado e também pouco utilizado em contextos escritos em sala de aula e nos livros didáticos.

Na seguinte atividade, a maioria dos participantes do grupo B1/B2 e os falantes nativos efetuaram-na satisfatoriamente, reconhecendo o ato de oferta mais delicado na atividade, que é recusado. Atentaram para a forma mais delicada de suavizar a recusa, ou seja, através do agradecimento e da justificativa.

Atividade B1/B2:

1. Escolha a alternativa adequada para cada situação abaixo.

1. A vizinha A oferece café para a vizinha B. A vizinha B não gosta de café. Como a vizinha B reage:

a. Não, obrigada.

b. Muito obrigada, está com um cheiro muito bom. Mas infelizmente não posso tomar café.

c. Sim, vou tomar um pouquinho.

No entanto, a metade dos participantes selecionou na seguinte atividade mais de uma alternativa: a alternativa adequada (a) e a alternativa possível (b), não sendo considerada a mais delicada. Os falantes nativos selecionaram a alternativa (a):

7. O professor precisa dar um importante aviso e os alunos não param de falar. Como ele deve reagir?

- a. Por favor, poderiam fazer um pouco de silêncio para que eu possa dar uma informação importante.
- b. Por favor, façam um pouco de silêncio. Tenho algo importante para falar.
- c. Fiquem quietos! Tenho algo importante para falar.

Na alternativa (a) há um pedido indireto que denota uma pergunta sobre a capacidade do alocutário de realização do ato de pedido. O ato de pedido é iniciado com a expressão "por favor" e o verbo "poder" conjugado no Futuro do Pretérito. Dois participantes selecionaram a alternativa menos delicada (c) com um enunciado no imperativo. O mesmo ocorreu na atividade de número quatro em que quatro participantes selecionaram a alternativa (a), sendo que a alternativa mais delicada seria a letra (b): um pedido indireto que evidencia o desejo do locutor a partir do uso do verbo "gostar" no Futuro do Pretérito como forma de diminuir a ameaça à face do alocutário. Os falantes nativos, no entanto, foram unânimes na escolha: letra (b).

4. O professor de uma escola dirige-se a um aluno.

- a. Fez a sua tarefa?
- b. Mário, gostaria de saber se conseguiu fazer suas tarefas ontem.
- c. Mário, o que foi que você fez ontem à tarde?

Trata-se, neste caso, de uma interação em sala de aula em que a relação assimétrica entre professor e aluno geralmente ocorre, já que o professor é responsável por coordenar uma série de atividades pedagógicas e extracurriculares dos aprendizes e manter a organização do grupo. Além disso, em diversas culturas a posição social do professor está ligada com a relação de poder sobre os alunos. No entanto, é esperado que proceda de forma respeitosa com os alunos, utilizando-se de estratégias de delicadeza positiva para com a face negativa do alocutário, buscando manter o equilíbrio e a harmonia nas relações interpessoais, essenciais na interação do contexto de sala de aula.

Na atividade número dez, os alunos deveriam reconhecer a recusa do ato de pedido. A alternativa mais adequada seria a letra (c), em que o locutor recorre a uma frase interrogativa seguida de uma justificativa, atenuando a ameaça de face do interlocutor. A metade dos

alunos e um falante nativo optaram pela alternativa (b), considerada uma resposta possível, porém não a mais delicada:

10. Você está levando alguns amigos a uma festa e um deles pede para apanhar um amigo que mora do outro lado da cidade. O que você diz?

a. Ah, não. É muito fora de mão.

b. Desculpe, fica um pouco fora de mão para mim.

c. Será que ele não poderia vir de ônibus? Não gostaria de me atrasar.

Neste exemplo, trata-se de uma situação amistosa e simétrica, em que é possível reagir ao pedido com um pedido de desculpas e uma justificacão. Esta reacão pode ser, no entanto, uma ameacaa para com a face positiva do locutor. Na opçãoo (c) trata-se de uma forma indireta de recusa acompanhada de uma proposta e do desejo do alocutário, que não gostaria de se atrasar.

A partir do exercíccio de número dois há uma variaçãoo na concepçãoo das atividades por conta do nível de aprendizagem dos alunos. Sendo assim, analisaremos, primeiramente, as atividades realizadas pelo grupo de nível A1.2/A1.3.

O segundo exercíccio do grupo de nível A1.2/A1.3 consistia em completar um diálogoo com palavras expostas em um quadro. O exercíccio correu bem e os alunos, assim como os falantes nativos, conseguiram identificar as expressões de delicadeza adequadas a cada uma das situaçãooes apresentadas:

d. Senhora, poderia, **por gentileza** me dizer que horas são?

O terceiro exercíccio era composto por enunciados com vocabulário conhecido e situaçãooes de interaçãoo já aprendidas e dramatizadas em sala de aula: "Puxa! Que blusa linda!". Além disso, criamos uma coluna que continha o ato de fala correspondente a cada um dos enunciados: elogio, ordem, pedido, agradecimento, recusa, aceitaçãoo. O objetivo foi de relacionar o enunciado e seu significado e conscientizar¹⁸ os alunos a respeito das funções que cada um dos enunciados desempenha. O desempenho dos alunos foi satisfatório. Apenas duas alunas optaram por duas alternativas não adequadas aos enunciados. No entanto, um dos falantes nativos não reconheceu o ato de pedido "Márcia, vamos tomar um sorvete juntas?", classificando-o como aceitaçãoo.

¹⁸ Escolhemos o termo conscientizar por ser a grafia mais comum no Brasil.

O exercício número quatro apresentou um pequeno diálogo em que duas amigas combinam um encontro para ir ao cinema. Ao final, deveriam preencher uma tabela dividida em proposta, aceitação e recusa. Os alunos teriam que analisar os enunciados utilizados na interação verbal e as diferentes intenções de comunicação. Houve uma certa dificuldade em identificar certas frases do diálogo relacionadas à proposta. Uma participante reconheceu apenas uma frase de proposta, os outros reconheceram a maioria, mas não todas. Um dos falantes nativos não reconheceu uma proposta, uma recusa e duas formas de aceitação. No entanto, os alunos de português realizaram as tabelas de recusa e aceitação com sucesso. Vemos, assim, a importância em conscientizar os aprendizes sobre as diferentes formas de manifestação dos atos de fala e questioná-las a partir de situações contextualizadas.

Ao final, analisaremos os dois exercícios realizados pelo grupo B1/B2. No exercício de número dois, o aluno deveria reescrever onze frases empregando formas delicadas de expressão de acordo com exemplos fornecidos. Esforçamo-nos em apresentar atos de fala que consentiam em recusa de um convite/de uma oferta, em fazer um pedido, dar uma ordem, ou seja, atos de fala que podem vir a ameaçar a face positiva do locutário. Embora esta espécie de exercício seja raramente apresentada em livros didáticos e efetuada com pouca frequência de forma escrita e oral em sala de aula, os alunos a realizaram sem grandes dificuldades. Todos os alunos e os falantes nativos utilizaram estratégias de delicadeza para a recusa de ofertas e convites, como "sinto muito", "infelizmente", "lamento", "me desculpe", "Me perdoe", "desculpe". Uma grande parte usou o verbo modal "poder" na negação e a maioria empregou as recusas justificadas e propostas como forma de evitar a perda da face positiva do locutor. Os falantes nativos, no entanto, recusaram fazendo uma justificativa, mas não aderiram à proposta. Uma explicação para um maior número de propostas dos alunos de português é a influência dos exemplos apresentados no início da atividade:

Exemplo 1: a) Tenho de trabalhar, por isso não vou com vocês.

"Desculpe, infelizmente tenho muito trabalho e pouco tempo, por isso não posso ir com vocês ao cinema hoje. O que acha de marcarmos um outro dia para nos encontrarmos?"

Falante nativo (1): "Sinto muito, mas tenho que trabalhar e por isso não poderei ir com vocês."

Falante nativo (2): "Me perdoe, mas estou atrasado para o trabalho, depois nos falamos."

Nas frases em que deveriam transformar uma ordem em um pedido, a maioria dos aprendentes (e também os falantes nativos) selecionou o Futuro do Pretérito e o Presente do Indicativo dos verbos "poder", "querer", "gostar" e, em alguns casos, o verbo "ser" no Futuro do Pretérito, juntamente com o Imperfeito do Subjuntivo e realizou as estratégias de delicadeza "desculpe" e "por favor", como podemos observar no seguinte exemplo:

Exemplo 2: j. Traga-me um café.

"Poderia me trazer um café?"

"Por favor, você pode me trazer um café?"

"Garçom, poderia me trazer um café, por favor?"

(falante nativo 1): "Você poderia me trazer um café por favor?"

(falante nativo 2): "Por favor, poderia me trazer uma xícara de café?"

h. Faça as tarefas agora.

"Seria melhor se você fizesse as tarefas agora."

"Mario, gostaria que você fizesse as suas tarefas agora."

"Desculpe, mas você tem fazer as tarefas agora. Poderíamos discutir sobre suas problemas depois a prova."

(falante nativo 2): "Por favor, poderia executar essas tarefas, assim que possível, pois são urgentes."

Os pedidos foram feitos através de uma oração interrogativa ou declarativa e de forma indireta.

O exercício número três consistia em dar uma resposta, seguindo o exemplo, de acordo com a situação expressa entre parênteses e pedia para ser o mais delicado possível:

Exemplo: Queremos viajar no fim de semana. Você quer vir conosco?

(recusar) Muito obrigada pelo convite! Que amável da parte de vocês. Eu adoraria viajar neste fim de semana, mas já tenho algo programado. Mesmo assim muito obrigada!

(aceitar) Muito obrigada pelo convite! Fico feliz que tenham pensado em mim. Eu gostaria muito de viajar com vocês no fim de semana.

A atividade correu bem, embora a metade dos participantes tenha repetido na letra (a) as formas de recusa apresentadas no exemplo. Este tipo de atividade é pouco treinada em sala de aula, sendo que muitos aprendizes apresentam dificuldades em recusar pedidos, convites e ofertas utilizando-se de estratégias de delicadeza. Desta forma, o objetivo desta atividade é conscientizar os alunos da necessidade de tais estratégias e observar quais formas de delicadeza já foram adquiridas nestes contextos.

No âmbito da análise da recusa de atos de pedido e convite, observamos o uso de atos expressivos e estratégias de delicadeza tanto nos exemplos dos alunos quanto dos falantes nativos, por vezes intensificados com "muito", como "muito obrigada", "sinto muito", "lamento muito", também "desculpe", "obrigada por sua confiança", "que pena", "infelizmente", "Que legal que você vai viajar", "que bom, ótimo", "Esse é uma boa ideia", "Obrigada pela transmissão da esta tarefa honorífica." Houve, ainda, o emprego do verbo modal "poder" com a forma de negação "não + infelizmente" e do verbo "gostar" na forma condicional com a preposição "mas": "Infelizmente não posso ajudar"; "Desculpe, gostaria de ajudar a você, mas não sé como funciona o computador." A maioria recusou os pedidos e o convite justificando-os ou propondo ajuda e uma solução viável para o problema: "Oí gente, normalmente eu é muito bom com as tecnicas modernas. Eu gostaria ajudar de vocês, mas esse computador da biblioteca eu não sais. Eu posso telefonar com o técnico, quem tem saber o solução"; "Obrigado por sua confiança. Eu gostaria de fazer isso por você, mas sinto muito que eu não possa ajudar você, porque eu também não estarei lá na próxima semana." Um falante nativo também optou pela proposta: "Infelizmente não sei, vamos conversar na recepção talvez possam te ajudar."

No caso da aceitação dos pedidos e do convite, percebemos que não houve dificuldades por parte dos aprendizes e dos falantes nativos. Todos utilizaram atos expressivos após aceitar um enunciado e estratégias de delicadeza. Além disso, alguns dos participantes expressaram a importância da realização do ato acompanhado dos desejos do alocutário, como podemos observar no seguinte exemplo:

Exemplo 3: e. Vai chover amanhã. Poderia me levar de carro ao trabalho?

"Claro que sim, fico muito feliz de te levar de carro ao trabalho."

"É claro que eu te levo de carro. Eu não quero que você fique molhado e pegue um resfriado."

"Obvio vou te levar de carro ao trabalho com muito prazer. Gostaria de proteger sua beleza da chuvarada."¹⁹

Em outros casos, os participantes aceitaram o pedido e reagiram com uma pergunta que também envolve os desejos do locutor:

Exemplo 4: e. Vai chover amanhã. Poderia me levar de carro ao trabalho?

"Posso. Onde devo busca-lo"

"Sim, claro, não tem problema. A que hora você quer que eu recolha da sua casa?"

(falante nativo 2): "Mas é claro, é só me dizer o horário que passo aí pra te pegar."

Listamos, ainda, alguns exemplos das estratégias de delicadeza positiva e atos expressivos utilizados para a aceitação dos pedidos: "sem problemas", "Fico feliz que possa trocar para você", "Gosto muito", "Que bom, ótimo", "com prazer", "com muito prazer".

A aceitação do convite foi feita tanto de forma imediata quanto a partir de um ato de agradecimento, o que demonstra a manifestação de delicadeza positiva e exprime uma "atitude de modéstia" (Almeida, 1998:212) da parte do alocutário, como forma de recompensar a generosidade do ato:

Exemplo 5: Amanhã o tempo estará bom. Vamos passar o dia na praia? (aceitar)

"Boa ideia, vamos"

¹⁹ Reproduzimos as frases escritas sem correção gramatical ou colocação de acentos.

"Muito obrigada pelo convite! Que bom que você pensou em mim. Eu adoraria ir à praia com você."

(falante nativo 2): "Claro, vamos sim, é sempre um prazer estar com você! Vamos só nós ou levaremos mais alguém?"

O falante nativo 1, no entanto, optou por uma aceitação direta, sem o uso de agradecimentos, apenas o verbo no Futuro do Pretérito:

(falante nativo 1): "Sim, adoraria."

Além do uso de atos expressivos em todos os exemplos da aceitação do convite, houve o emprego dos verbos "gostar" e "adorar" na forma condicional: "Muito obrigada pelo convite! Fico feliz que tenham pensado em mim. Eu gostaria muito de passar o dia na praia juntos."

A recusa do convite deveria ser expressa no início da atividade na letra (a):

Exemplo 6: a. Vou fazer uma festa para comemorar meu aniversário no fim de semana. Você tem tempo? (recusar)

No entanto, observamos que a maioria dos alunos seguiu o exemplo repetindo-o ou utilizando-se das mesmas formas de agradecimento e de recusa com as mesmas justificativas ou com justificativas um tanto modificadas. Apenas dois alunos responderam de maneira um tanto diferenciada do exemplo fornecido:

Exemplo 7: "Que bom, ótimo. Quatos são os dias dos anos da sua vida? Devemos encontrarnos na proxima semana porque no fim de semana ja ganhou uma viagem para Paris."

"Muito obrigada pelo convite! Fico feliz que tenha pensado em mim depois tanto tempo longo. Infelizmente não posso vir porque no mesmo tempo tenho de seguir uma outra convite que ja confirme e que não posso cancelar. Tomara que encontremos em breve."

O falante nativo 2 recusou o convite utilizando o agradecimento + a recusa, como estratégia de mitigação e ameaça da face do locutor, uma justificativa e um ato expressivo de parabenização:

(falante nativo 2): "Agradeço o convite, mas infelizmente não poderei vir, tenho compromisso. Mas meus parabéns antecipado e muita saúde e paz!"

O falante nativo 1 optou pela expressão "Poxa, que pena" como substituta da recusa e uma justificativa, como forma de minimizar a dimensão negativa e o constrangimento da recusa e diminuir a ameaça da face positiva do locutor do convite:

(falante nativo 1): "Poxa, que pena! Justamente nesse dia tenho um casamento para ir."

Por falta de tempo, as atividades foram realizadas como dever de casa, o que proporcionou aos alunos mais tempo para avaliar as respostas oferecidas. Apesar de os alunos terem mostrado estar motivados no decorrer das atividades e de as terem executado de forma bastante satisfatória, a maioria considerou o nível dos exercícios difícil. Um fator que explicaria tal dificuldade é a escassez de tais exercícios nos livros didáticos e pouca abordagem da diferenciação do contexto de interação e as estratégias de delicadeza positiva e negativa que podem ser aplicadas. As dificuldades encontradas pelos alunos de PLNM estão relacionadas com o reconhecimento das formas de tratamento nas interações que exigem o diferenciamento das relações simétricas e assimétricas com a preferência pelo pronome "você". Em poucos casos, houve por parte dos alunos a escolha de enunciados no imperativo em situações assimétricas, como a do professor-aluno. Tanto os falantes nativos quanto os alunos de PLNM mostraram dificuldades em identificar as formas de proposta nos exercícios, sendo que o trabalho de reconhecimento do ato de fala ao contexto situacional deve ser reforçado. Na atividade escrita, houve grande influência dos exemplos apresentados e os alunos de nível B1/B2, em sua maioria, reproduziram as formas de delicadeza e até mesmo os enunciados já apresentados no texto de instrução, dificultando a análise da recusa e da aceitação dos atos de pedido e de convite.

Ainda assim, não obstante estas limitações, o resultado obtido constitui um contributo para a análise e reflexão sobre as atividades na aula de PLNM. Os objetivos traçados na pesquisa foram alcançados e contribuimos para o desenvolvimento do conhecimento explícito acerca das realizações linguísticas em contexto de uso. Um programa de investigação-ação que tenha em consideração a linguagem ancorada em contexto de uso implica um maior desenvolvimento das competências pragmáticas e uma conscientização das estratégias de delicadeza adequadas a cada contexto.

5. Capítulo V – Resultados e Conclusão

No geral, a realização dos diálogos ocorreu de forma satisfatória. Os interlocutores, tanto nas atividades orais quanto escritas, têm consciência da importância do princípio de delicadeza na comunicação, o que faz com que utilizem formas indiretas e de atenuação da ameaça da face dos interlocutores. Há, ainda, para alguns participantes uma certa dificuldade em realizar diálogos de maneira espontânea e que dramatizem situações cotidianas. Em alguns casos, a compreensão da estrutura gramatical e sintática não foi possível. Para o último capítulo do presente trabalho, fizemos um apanhado global das formas com que os alunos efetuaram os atos de fala e as devidas expressões de delicadeza utilizadas.

Com relação ao ato de pedido, verificamos que os participantes dos dois grupos (A1.2/A1.3 e B1/B2) conseguem realizá-lo. No caso do grupo A1.2/A1.3, o pedido foi feito, em sua maioria, de forma indireta através do uso dos verbos "gostar", "querer", "poder" e, em um caso, "tomar", o que mostra a tentativa de proteger a face dos alocutários. O pedido ocorreu por meio do verbo "poder + oração interrogativa", conjugado no Presente do Indicativo e por meio do verbo "querer" tanto no Presente do Indicativo quanto no modo condicional, sendo que houve prioridade ao primeiro caso. O verbo "gostar" foi usado no modo condicional e o verbo "tomar" no Presente do Indicativo. Em outras ocasiões, os participantes optaram pela formulação do ato de pedido através de uma frase elíptica e a estratégia de delicadeza "por favor". O grupo B1/B2 teve mais dificuldades em formular os pedidos, já que, em alguns casos, alargaram-se demasiadamente nos diálogos, realizando, assim, poucos atos de pedido. Os pedidos realizados ocorreram de forma indireta com o uso dos verbos "querer" e "poder" no Presente do Indicativo e de frases declarativas e, em poucos casos, com o uso das frases interrogativas. Houve apenas uma ocasião em que o pedido foi realizado com o verbo modal "poder" juntamente com a estratégia de delicadeza "por favor".

O grupo B1/B2 foi o único a encenar os pedidos breves. Houve preferência pelo uso de pedidos indiretos realizados através de asserções com justificações dos atos de fala e o uso constante da estratégia de delicadeza "por favor" e o mitigador "um pouco". Sendo assim, observamos a preocupação dos alunos em formular atos de pedido mais delicados mediante situações de interação que possam ameaçar a face negativa do alocutário, desencadeando o desequilíbrio na relação social. Do mesmo modo, percebemos nas reações dos alocutários o emprego dos pedidos de desculpa, desencadeando, assim o agradecimento do locutor como forma de reparar e reestabelecer o equilíbrio ritual na interação. Em apenas um caso ocorreu o ato de pedido de forma indireta com o uso do Imperfeito do Subjuntivo. Esperávamos que os alunos dos níveis B1/B2 recorressem ao uso do Subjuntivo, posto que já aprenderam e

treinaram tal forma diversas vezes mediante cenários semelhantes em sala de aula e por se tratarem de formulações hipotéticas mais delicadas. No entanto, foi-nos possível perceber que os alunos, em geral, consideram que o ato de pedido deve ser acompanhado de fórmulas de delicadeza.

Os participantes conseguiram efetuar atos de oferta tanto na atividade proposta quanto em interações surgidas em outros diálogos. Desta forma, observamos que os alunos dominam o ato de oferta, principalmente quando se trata de oferecer ajuda em ocasiões mais delicadas. Os atos de oferta foram realizados a partir de enunciados condicionais e interrogativos e, algumas vezes, de forma indireta a partir de enunciados interrogativos através do verbo "querer", mostrando a dimensão volitiva. Nos casos em que a oferta foi recusada, os participantes, na maioria das vezes, utilizaram-se das formas indiretas acompanhadas de um agradecimento ou elogio juntamente com justificativas. Sendo assim, observamos que os alunos compreendem a importância da percepção das carências do alocutário ao empregar o ato de oferta e da suavização do ato, como forma de diminuir a ameaça da face positiva do outro. Ocorreu apenas um caso de recusa da oferta, provocando a retoma da mesma com uma nova proposta, a qual foi aceita. A aceitação das ofertas foi feita de forma imediata com o uso de estratégias de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário e atos de agradecimento.

Os atos de convite foram devidamente realizados pelos dois grupos: A1.2/A1.3, B1/B2. Os participantes efetuaram o convite de forma indireta com enunciados interrogativos, assertivos e frases condicionais. A maioria dos alunos preferiu o uso do verbo "convidar", que é usado frequentemente em produções de atos de fala semelhantes na língua alemã, ou "gostar" no modo condicional + o verbo "convidar". Foi-nos possível verificar que os alunos empregaram a justificação do convite ou pré-sequências com perguntas indiretas como forma de preparar o alocutário para o ato e certificar-se da disponibilidade e desejos dos mesmos. Deste modo, buscam realizar atos, em que reconhecem a necessidade de não impor tal ação e orientá-la para o alocutário. Houve a aceitação do convite em todos os diálogos com o emprego do ato de agradecimento tanto do alocutário quanto do locutor e a realização de atos expressivos, como os elogios. Na maioria dos casos, o grau de distanciamento e formalidade foi considerado, já que as interações foram feitas entre colegas. Em apenas um caso, deveriam ter mais atenção a este aspecto de maior formalidade, o que não ocorreu.

Os atos expressivo foram realizados com sucesso. Os participantes reagiram, em diversas situações, de forma delicada através do uso constante do agradecimento e do elogio. Nas relações comerciais, no caso, as atividades em que deveriam dramatizar uma compra,

verificamos o ato de agradecimento de forma direta através do uso de "obrigada" e "muito obrigada" no fechamento da interação em todos os níveis. Nos atos de pedido e de oferta, verificamos a manifestação dos agradecimentos de forma direta ou de forma direta elíptica, seguidos também de um elogio e do pedido de desculpa. Em todos os atos de convite ocorreu o agradecimento ao autor do convite. Sucederam, ainda, asserções que mostram gratidão ao autor do convite. Nos exemplos em que deveriam parabenizar o colega, os alunos de todos os níveis conseguiram realizar o ato expressivo sem dificuldades, utilizando asserções como: "Parabéns pra você"; "Meus parabéns"; "Feliz aniversário pra você". Nas situações de condolência, os alunos agradeceram pelos pêsames de forma direta: "Muito obrigada pelos pêsames." Ocorreu com frequência o uso de atos expressivos que demonstram a solidariedade com o outro, reconhecendo-lhe os sentimentos: "Muito triste", "Ai que pena", "Sinto muito", "Lamento muito". Nos dois casos em que deveriam realizar o ato expressivo de condolência percebemos um certo desconforto dos alunos, posto que tal situação é raramente tematizada em sala de aula em livros didáticos e tratada com certo distanciamento no país de origem da maioria dos participantes.

Nas sequências de abertura dos diálogos, a pergunta de saudação "tudo bem?" foi feita com frequência, apontando para o conhecimento dos participantes das regras de simpatia e de sua importância para a sequência de abertura de uma interação social. Servem, ainda, para certificar-se do bem-estar do interlocutor.

Nas atividades escritas realizadas pelos dois grupos, verificamos um melhor desempenho e poucas dificuldades no reconhecimento dos contextos e no uso das estratégias de delicadeza. As atividades de reescrita de orações em contextos diferenciados e já treinadas nas interações orais simuladas foram uma maneira de avaliar a compreensão oral e escrita das formas de delicadeza, verificar se os níveis de proficiência dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 se diferenciam. A tarefa de eliciação voltada para o treinamento da competência pragmática nas produções escritas dos alunos de PLNM possibilita a comparação com as tarefas executadas pelos falantes nativos, que só puderam realizá-las de forma escrita. Os objetivos das atividades de reescritura foram verificar o uso de estratégias de delicadeza a partir de fórmulas de delicadeza, uso do Imperfeito de cortesia e do condicional em pedidos, o uso indireto de atos de discurso como a oferta, o convite, assim como o uso de formas de tratamento nominais em situações de maior distanciamento social / maior formalidade e o emprego de pronomes mais comuns no Português Brasileiro, como é o caso de "você". Os alunos, assim como os falantes nativos, conseguiram adequar as frases e as situações aos atos de fala. O grupo A1.2/A1.3 identificou os atos de fala de acordo com os contextos

situacionais apresentados, sendo que alguns dos obstáculos foram o reconhecimento do grau de formalidade e, em poucos casos, do uso da proposta em um dado contexto. Verificamos que os falantes nativos, em poucos casos, não optaram pelas asserções mais delicadas.

O grupo B1/B2 recebeu atividades em que teria que reescrever enunciados de forma delicada e recusar/aceitar de maneira delicada outros enunciados propostos em uma determinada situação. Os falantes nativos e a maioria dos participantes não apresentaram problemas com o uso de estratégias de delicadeza, utilizando atos expressivos (como "desculpe" e "por favor"), Imperfeito de cortesia e o Futuro do Pretérito principalmente ao recusar um pedido ou convite. Além disso, as recusas foram acompanhadas de justificações e propostas. O falante nativo 1 optou pelo uso de asserções compactas, preferindo aceitar e recusar as ofertas e pedidos com o uso de verbos no Futuro do Pretérito e atos expressivos com o uso de "infelizmente" (seguidos de atos de recusa), de expressões como "Claro" e "com todo prazer" (sequências de aceitação) em diversas situações.

Mesmo dispondo de um *corpus* restrito, pudemos observar que os participantes conseguiram realizar diversos atos de fala, principalmente atos expressivos e os atos de convite, de forma direta e indireta. Ocorreu o emprego de expressões de delicadeza, tanto do locutor quanto do alocutário, principalmente no decorrer dos atos de convite e dos atos expressivos, assim como nas formas de recusa. Nos cenários que envolviam os negócios (fazer compras e fazer um pedido no restaurante), verificamos maior uso da estratégia de delicadeza "por favor" no nível A1.2/A1.3. Já o pedido de desculpa, como delicadeza negativa, foi efetuado com maior frequência pelo grupo B1/B2, mostrando compreender sua importância para a tentativa de restabelecer a harmonia na interação (Carreira, 1994). O agradecimento, empregado pelos dois níveis em grande parte dos atos de fala realizados, ocorreu pelo uso de "obrigada(o)", "muito obrigada(o)" e em diversas vezes no fechamento dos diálogos antes da formulação da recusa. Os participantes agradeceram no início da interação, principalmente depois dos atos expressivos de parabenizar e das saudações, que aponta para o conhecimento das regras sociais de simpatia e modéstia. Desta forma, foi possível constatar que os alunos de todos os níveis aqui analisados consideram que os atos de fala devem ser revestidos de formas de delicadeza, as quais recorreram em grande parte dos atos de fala.

Verificamos que os participantes dos diferentes níveis não dominam a distinção entre o contexto formal e informal e a identificação do grau de formalidade e distanciamento, muito embora tenha havido algumas tentativas. Os participantes deram preferência ao emprego do pronome "você" nas produções orais e escrita, mostrando que a competência lexical dos alunos precisa ser ainda alargada para que possam adequar apropriadamente as formas de

tratamento aos diversos contextos orais e escritos, reagir a cada situação de acordo com as normas sociais e culturais exigidas no português padrão e informal. Já os falantes nativos utilizaram o pronome "você" e "pessoal" (em apenas um caso) em algumas ocasiões de reescrita das frases nos atos de pedido, sendo que se trata de uma maneira de espelhar as mudanças sociais em que o interlocutor é visto como de forma igualitária. A ocorrência dos atos de forma indireta deu-se, sobretudo, nos atos de pedido, de convite e na recusa da oferta. Com relação à performance dos níveis de proficiência concluímos a manifestação de estruturas frásicas e gramaticais mais simples e a conjugação do verbo no indicativo, pois foram pouco confrontados com o Futuro do Pretérito e o Imperfeito de cortesia. Os alunos de nível B1/B2 produziram enunciados orais, na grande maioria, com estruturas simples e semelhantes aos alunos de nível A1.2/A1.3 e, em outros casos, um tanto mais elaborados, dando preferência ao uso do Presente do Indicativo. Em poucos casos recorreram ao uso do modo Subjuntivo, embora trate-se de um conteúdo aprendido e tematizado frequentemente em sala de aula. Não observamos, no entanto, o aumento de proficiência nos níveis mais avançados quanto ao uso de estratégias de delicadeza no decorrer dos atos de fala. Nas atividades escritas, houve o predomínio do Futuro do Pretérito nas formulações dos falantes nativos e do Futuro do Pretérito e do Presente do Indicativo nas formulações dos alunos de PLNM. Raramente utilizaram as formas do Subjuntivo e os casos do uso de expressões linguísticas mais formais com o verbo "ser" no futuro + o verbo "poder" no modo condicional ocorreram por influência dos exemplos apresentados.

Ainda que as horas de aula de português não sejam tantas e os alunos tenham, em geral, poucas oportunidades de se comunicar em português fora da sala de aula, ficamos satisfeitos com os diálogos e as atividades realizadas. Alcançamos os objetivos traçados e consideramos o trabalho de dramatização de situações cotidianas uma oportunidade adequada de observar as expressões de delicadeza adquiridas e as dificuldades apresentadas pelos aprendizes nos contextos diversos. Concordamos com Sim-Sim (1998) quando afirma que o discurso sutil e delicado necessita de mais tempo para se estabelecer, principalmente quando os alunos não são expostos diretamente à língua Não Materna. Isto só ocorrerá com o aprimoramento do conhecimento pragmático tanto na Língua Materna quanto na Língua Não Materna.

O professor tem a oportunidade de contribuir para a melhor adequação e aprendizagem das expressões de delicadeza e de atos de fala, levando em conta a relação de poder e a distância social para com o território do outro, desde os níveis mais elementares de proficiência linguística que os alunos têm. Cabe ao professor, como „embaixador“ da língua e „da respetiva cultura“ (Osório, 2020: 432), sensibilizar e conscientizar os alunos para a

necessidade da delicadeza linguística no cotidiano e abordar aspectos pragmáticos, que contribuam para uma maior e melhor produção e compreensão de enunciados que estejam ajustados ao contexto social da interação desempenhada. Além disso, tais aspectos contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa que devem ser tratadas de forma contínua e em todos os níveis, mesmo em cursos iniciantes, no caso, A1.1.

Esperamos, com o presente trabalho, apresentar um contributo para os estudos pragmáticos em Português Língua Não Materna, demonstrando que as teorias sobre os atos de fala e a delicadeza linguística contribuem para uma importante reflexão sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula. Como diz o poeta castelhano Antonio Machado, "o caminho faz-se caminhando"²⁰ e, por isso, pensamos que este trabalho de pesquisa está aberto para novas pesquisas e novas inspirações.

²⁰ Trata-se de uma estrofe de «Proverbios y cantares» do livro «Campos de Castilla»: “Caminante, son tus huellas/el camino y nada más;/caminante, no hay camino,/se hace camino al andar./ Al andar se hace el camino,/y al volver la vista atrás/se ve la senda que nunca/se ha de volver a pisar./ Caminante no hay camino/ sino estelas en la mar”.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Carla Aurélia de (1998). "O acto ilocutório de oferta em português"..” In: *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*. FONSECA, Joaquim (org.). Tomo III. Porto: Porto Editora, pp. 157-221. [Consult. 22 Set. 2020]. Disponível em: http://elearning.uab.pt/pluginfile.php/419588/mod_label/intro/AOP.pdf

ALMEIDA, Carla Aurélia de (2009). "Processos de figuração e manutenção da ordem interaccional: estratégias de mitigação no quadro do sistema de delicadeza desenvolvido pelos participantes de programas de rádio específicos." In: FIÉIS, Alexandra & COUTINHO, A. (orgs.) (2009). *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp. 43-60. [Consult. 20 Ago. 2020]. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6276/1/Carla_Almeida_APL_2009_versa%cc%83o%20pre%cc%81-publicada.pdf.

ALMEIDA, Carla Aurélia de (2012). "Interação discursiva: a ato ilocutório de convite / proposta em contexto de ensino/aprendizagem online." In: *Investigação e Variantes Curriculares no Ensino Online. Desafios da Interculturalidade na Era Tecnológica*. RIBEIRO, José da Silva; AIRES, Maria Luísa Lebres (org.). CEMRI: Universidade Aberta. [Consult. 20 Abr. 2020]. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3575>.

Almeida, Carla Aurélia de (2016). "“Conselho de amigo, aviso do céu”": contributos para a análise semântico-pragmática dos atos ilocutórios de conselho e de aviso em confronto com o de ameaça." *Revista da Associação Portuguesa de Linguística 2*: 1-29.
http://dx.doi.org/10.21747/9789898648884/enalp31a1; disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/article/view/1534/1340>

ARIM, Eva (2008). "Análise de actos ilocutórios directivos: o pedido e a ordem." In: MATEUS, Maria Helena Mira. et al. (orgs.). *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 01 Ago. 2020]. Disponível em: http://www.iltec.pt/divling/_pdfs/cd2_actos-ilocutorios_analise.pdf

AUSTIN, John L. (1962). *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz (2015). Recensão Crítica a *Isabel Roboredo Seara (dir. e coord.) Cortesia: Olhares e (Re)Invenções*. Edição: Lisboa: Isabel Roboredo Seara e Chiado Editora. In: *Revista de Estudos Linguísticos*, vol.10., p. 167-174.

BLUM-KULKA, Shoshana (1987). "Indirectness and politeness in requests: Same or different?" In *Journal of Pragmatics* 1, p. 131-146.

BROWN, Penelope & LEVINSON, Stephen (1987). *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.

CARREIRA, Maria Helena Araújo (1994). "Pedido de desculpa e delicadeza: para o estudo dos seus processos linguísticos em português." In: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 105-116. [Consult. em: 15 Set. 2020]. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1994-9.pdf>

CARREIRA, Maria Helena Araújo (2014). "Cortesia e proxémica: abordagem semânticopragmática." In: SEARA, Isabel Roboredo (org.). *Cortesia: Olhares e (Re)Invenções*. Lisboa: Isabel Roboredo Seara e Chiado Editora, p. 27-46.

CARVALHO, Marlene Vieira Agostinho (2013). *Cortesia e indireção: a expressão do pedido em Português Europeu Contemporâneo. Uma leitura das produções de alunos com Português como L2*. Coimbra. [Consult. 25 Ago. 2020]. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/35813>. Dissertação de Mestrado.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2ª. edição.

DUARTE, Isabel (2015). "Textos orais: análise da conversa informal e ensino do Português Língua Estrangeira." In: *Todas as Letras Y*. São Paulo, v. 17, n.1, pp:56-72. [Consult. 15 Abr. 2020]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78734>.

DUARTE, Isabel (2010). "Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna." In: BRITO, Ana Maria (org.) *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, pp. 133-146.

DUARTE, Isabel (2011). "Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso." In: *Matraga*, vol. 18, nº28, Rio de Janeiro, UERJ, pp. 84-101.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. (2015). "Cortesia verbal e ensino de língua: reflexões sobre competência comunicativa, jogo interpessoal e normatividade." In: *Filologia E Linguística Portuguesa*, 17(1), 101-129. [Consult. 28 Fev. 2021]. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p101-129>

FERREIRA, Sandra Maria da Conceição (2016). *Português Língua de Herança no contexto plurilingue na Finlândia: aspetos de aquisição/aprendizagem da competência pragmática e expressão de delicadeza*. Lisboa: Universidade Aberta. [Consult. 28 Jun. 2020]. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5596/1/TMPLNM_SandraFerreira.pdf. Dissertação de Mestrado

FLORES, Cristina & MELO-PFEIFER, Sílvia (2014). "O conceito "Língua de Herança" na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguística das crianças lusodescendentes na Alemanha." In: *Domínios de Linguagem* 8 (3), Número especial "Migração, linguagem e subjetividade." [Consult. 10 Jun. 2020]. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30450/1/Flores_Melo-Pfeifer.2014-libre.pdf.

FLORES, Cristina (2013). "Português língua não materna: discutindo conceitos de uma perspetiva linguística." In: BIZARRO, Rosa; MOREIRA, Maria Alfredo; FLORES, Cristina (orgs.) *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*. Lisboa: Lidel, pp.35-46.

FONSECA, Joaquim (1992). "Ensino da Língua Materna como pedagogia dos discursos." In: Fonseca, Joaquim *Linguística e texto/discurso. Teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: ME e ICALP, pp. 235-248.

FONSECA, Joaquim (1994). *Pragmática Linguística. Introdução, teoria e descrição do Português*. Porto: Porto Editora.

GOFFMAN, Erving (2017). *Interaktionsrituale. Über Verhalten in direkter Kommunikation*. Frankfurt am Main: SuhrkampTaschenburg Verlag.

GOFFMAN, Erving (2012). *Ritual de interação. Ensaio sobre o comportamento face a face*. 2. Edição. Petrópolis: Editora Vozes.

GOUVEIA, Carlos (1996). "Pragmática." In: *Introdução à Linguística Geral Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, p. 383-419.

GOUVEIA, Carlos (2008). "Actos de Fala. Quadro Geral." In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. (orgs.) *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (CD1 – 2005, CD2 – 2006, Livro – 2008). [Consult. 25 Ago. 2020]. Disponível em: http://www.iltec.pt/divling/pdfs/cd2_actos-ilocutorios_quadro-geral.pdf.

GONÇALVES, Mafalda (2013). *Atos expressivos e Ensino do Português como Língua Não Materna: o caso do pedido de desculpa e da expressão de um desejo*. Coimbra: Universidade de Coimbra. [Consult. 02 Set. /2020]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/23843/1/Tese%20Vers%C3%A3o%20Definitiva.pdf>. Dissertação de Mestrado

GRICE, Herbert Paul (1975). "Logic and conversation." In: COLE, P. & MORGAN, J. (eds.), *Studies in Syntax and Semantics III: Speech Acts*. New York: Academic Press, p. 183-98.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2005). *Os atos de Linguagem no Discurso*. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense.

KERBRAT-ORECCHIONI (2006). *Análise da conversação. Princípios e métodos*. São Paulo: Parábola.

LEECH, Geoffrey N. (2018). *Principles of Pragmatics*. London & New York: Longman.

LEIRIA, Isabel (2004). "Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino". In: *Idiomático, n.º3* (Dezembro). Lisboa: Centro Virtual do Instituto Camões, 11 pp. [Consult. 10 Maio 2020]. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>.

LEVINSON, Stephen C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.

LEVINSON, Stephen C. (1994). *Pragmatik*. 2., unveränderte Auflage. Max Niemeyer: Tübingen.

LIMA, José Pinto de (2007). *Pragmática Linguística*. Lisboa: Ed. Caminho.

LOPES, Ana Cristina Macário (1995). "A Pragmática Linguística e os novos programas de português". In: *Máthesis*. Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras. [Consult. 20 Maio 2020]. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23931/1/mathesis4_artigo20.pdf?ln=pt-pt.

NETO, João Gomes da Silva, Gheysens Elaine Peixoto Araujo (2011). "A cortesia verbal no ensino de língua portuguesa: reflexões sobre a sequência didática". In: *Litera Online*, pp. 101-125.

OSÓRIO, Paulo (2020). Complexidades Conceptuais e Inter-Relações: Alguns Contributos para a Definição do Ensino do Português como Língua Estrangeira. In: *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, p. 423-443. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/10115>

PALRILHA, Silvéria Maria Ramos (2009). *Contributos para a análise dos actos ilocutórios expressivos em português*. Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra. [Consult. 19 Set. 2020]. Disponível em: https://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/dissertacoes/dissertacoesdemestrado/silveriamaria_amospalilha. Dissertação de Mestrado.

QUADRO Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001). Lisboa: Edições ASA.

RODRIGUES, David Fernandes (2003). *Cortesia Linguística. Uma Competência Discursivo-Textual*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento.

RODRIGUES, Maria da Conceição Carapinha (1998). "A sequência discursiva pergunta-resposta". In: FONSECA, Joaquim (org.). *A organização e o funcionamento dos discursos: estudos sobre o português*. Porto: Porto Editora.

SEARLE, John R. (2017). *Actos de habla. Ensayo de filosofía del lenguaje*. 9. edição. Cátedra: Madrid

SILVA, Luiz Antônio da (2008). "Cortesia e formas de tratamento". In: PRETI, Dino (org.). *Cortesia verbal* (v.9). Editora Humanitas: São Paulo, p. 157-192.

SIM-SIM, Inês (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

SOUSA, Marlene Dias de (2010). *A cortesia verbal nas aulas de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira (PL2/PLE)*. [Em linha]: Porto: [Edição do Autor]. [Consult. 20 Set. 2020]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55320>. Dissertação de Mestrado.

YUQI, Sun (2018). *Delicadeza Linguística do Mandarim ao Português. Interação aluno/professor no contexto universitário, através de e-mail*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 12 Ago. 2020]. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33919?locale=en>. Tese de Doutoramento.

Livros didáticos

COIMBRA, Isabel; COIMBRA, Olga Mata (2012). *Gramática Ativa 1*. 2º edição. Lisboa: Lidel.

COIMBRA, Isabel; COIMBRA, Olga Mata (2014). *Gramática Ativa 2*. Lisboa: Lidel.

LIMA, Emma Eberlein O. F.; ISHIHARA, Tokiko; BERGWEILER, Cristián González (2010). *Novo Avenida Brasil, 3: curso básico de português para estrangeiros*. São Paulo: E.P.U.

SOMMER, Nair Nagamine; WEIDMANN, Odete Nagamine (2017). *Oi, Brasil! Aktuell*. Hueber: München.

ANEXO A - FICHA SOCIOLINGUÍSTICA

FICHA SOCIOLINGUÍSTICA

1. INFORMAÇÕES GERAIS

1. Nome:

2. Sexo: () masculino () feminino

3. Idade:

4. Em que cidade nasceu?

5. Onde mora atualmente na Alemanha?

6. Com quem vive na Alemanha?

1. () família

2. () parceiro / parceira

3. () só

4. () amigos(as)

5. () Outros. Quem?

7. Você frequentou quantas escolas de língua na Alemanha? Quais?

8. Já viveu / morou no exterior?

Sim Não

País(es)			
----------	--	--	--

Por quanto tempo?			
Línguas usadas			
Aprendeu a língua no país?	Sim <input type="checkbox"/> Onde? Por quanto tempo?	Não <input type="checkbox"/>	

2. INFORMAÇÕES RELACIONADAS COM AS LÍNGUAS FALADAS PELOS ALUNOS

1. Língua materna:

2. Quais as línguas que fala com:

os pais / a família	os amigos na escola de língua	com os amigos fora da escola de língua	no trabalho

3. Onde aprendeu a(s) língua(s) estrangeira(s):

escola de ensino fundamental

escola de línguas

no exterior

sozinho

4. Em que língua você se sente mais à vontade para comunicar?

5. Em que línguas você costuma:

ler	
ver televisão / canais de televisão privados (Netflix / Prime / Sky)	
escrever e-mail	
escrever sms / WhatsApp	
comunicar-se pelo skype / WhatsApp	
comunicar nas redes sociais	
ouvir música / rádio	

6. Em que línguas costuma mandar mensagens de áudio (no WhatsApp, por exemplo?)

7. Há quanto tempo aprende Português?

8. Você gosta de aprender Português?

9. Por que aprende Português?

10. As pessoas entendem o que diz quando fala Português?

11. Tem amigos, parentes ou contatos no Brasil?

12. Tem amigos(as) brasileiros(as), parentes ou contatos com Brasileiros(as) na Alemanha?

13. Quanto tempo por semana dedica ao estudo de Português?

14. Tem a oportunidade de falar Português fora da sala de aula?

Sim Não

Se fala português fora da sala de aula, com quem fala e com que frequência?

ANEXO B - FICHA SOCIOLÓGICA DO PARTICIPANTE VB1

FICHA SOCIOLINGUÍSTICA

1. INFORMAÇÕES GERAIS

1. Nome:

[REDACTED]

2. Sexo: () masculino feminino

3. Idade:

67

4. Em que cidade nasceu?

Kiel

5. Onde mora atualmente na Alemanha?

Hohwacht

6. Com quem vive na Alemanha?

1. () família

2. parceiro / parceira

3. () só

4. () amigos(as)

5. () Outros. Quem?

7. Você frequentou quantas escolas de língua na Alemanha? Quais?

Só VHS Hamburgo

8. Já viveu / morou no exterior?

Sim

Não

• Apenas para trabalhar em projetos que sempre duravam três ou quatro meses.

País(es)	Estados Unidos	Brasil	
Por quanto tempo?	Alguma vezes para três meses	Alguma vezes para três meses	
Línguas usadas	Inglês	Português, Inglês	
Aprendeu a língua no país?	Sim um pouco Onde? Estados Unidos, Brasil Por quanto tempo? Várias vezes	Não —	

2. INFORMAÇÕES RELACIONADAS COM AS LÍNGUAS FALADAS PELOS ALUNOS

1. Língua materna:

2. Quais as línguas que fala com:

os pais / a família	os amigos na escola de língua	com os amigos fora da escola de língua	no trabalho
alemão	alemão e português	alemão e inglês	alemão e inglês

3. Onde aprendeu a(s) língua(s) estrangeira(s):

escola de ensino fundamental superior,

escola de línguas

no exterior

sozinho

4. Em que língua você se sente mais à vontade para comunicar?

alemão

5. Em que línguas você costuma:

ler	<i>alemão, espanhol, português, francês, inglês</i>
ver televisão / canais de televisão privados (Netflix / Prime / Sky)	<i>alemão, inglês</i>
escrever e-mail	<i>alemão, inglês, espanhol</i>
escrever sms / WhatsApp	<i>alemão, inglês, português</i>
comunicar-se pelo skype / WhatsApp	<i>alemão, inglês</i>
comunicar nas redes sociais	<i>alemão, inglês</i>
ouvir música / rádio	<i>alemão, inglês</i>

6. Em que línguas costuma mandar mensagens de áudio (no WhatsApp, por exemplo?)

alemão, inglês

7. Há quanto tempo aprende Português?

Cinco anos

8. Você gosta de aprender Português?

Sim

8. Por que aprende Português?

Para que meu cérebro continue funcionando bem.

9. As pessoas entendem o que diz quando fala Português?

Mais ou menos

10. Tem amigos, parentes ou contatos no Brasil?

1 Amiga, mas ela é argentina

11. Tem amigos(as) brasileiros(as), parentes ou contatos com Brasileiros(as) na Alemanha?

Sim, duas amigas. Mas falamos em duas línguas. Elas falam português e eu falo alemão (principalmente). (principalmente). Podemos entender a outra língua melhor do que podemos falar.

12. Quanto tempo por semana dedica ao estudo de Português?

Cerca de uma hora semanal e ~~uma~~ noventa minutos de escola VHS

13. Tem a oportunidade de falar Português fora da sala de aula?

Sim Não

Muito raro

Se fala português fora da sala de aula, com quem fala e com que frequência?

Falo com as duas amigas todos os 2 ou 3 meses, quando visitamos.

ANEXO C - INFORMAÇÕES RECOLHIDAS ATRAVÉS DA FICHA SOCIOLÓGICA

FICHA SOCIOLÓGICA

1. Informações gerais B1/B2

Nome	Gênero	Idade	Cidade de origem	Cidade em que vive	Com quem vive	Quantas e quais escolas de língua frequentou na Alemanha?
BB2	M	/	Wolfsburgo / Alemanha	Hamburg	parceiro	(1) VHS
DB2	M	41	Tirana / Albânia	Hamburg	só	(2) VHS Deutsch-Brasilianische Gesellschaft e. V. - Bonn
DB1	M	76	Neuenbürg / Alemanha	Hamburg	só	(2) /
KB1	M	/	Duisburg / Alemanha	Hamburg	só	/
NB2	F	34	Codogno / Itália	Hamburg	parceiro	(1) VHS
RB2	F	68	Eutin / Alemanha	Hamburg	só	(1) VHS
TB1	M	/	Hamburg / Alemanha	Hamburg	família	escola primária, escola secundária, universidade
VB1	F	67	Kiel / Alemanha	Hohwach t	parceiro	(1) VHS
WB2	M	72	Norderstedt / Harksheide / Alemanha	Norderstedt / Friedrichsgabe	família	(1) VHS

2. Informações relacionadas com as línguas faladas pelos alunos

Já viveu no exterior ? Onde? Por quanto tempo? Línguas usadas /Aprendeu a língua no país?	
BB2	Sim / Israel / 2 anos / Hebraico / Não - Inglaterra / 2 anos / Inglês / Não
DB2	Sim / Portugal / um mês / Português / Não
DB1	Sim / Suíça / 2 anos / Francês, Inglês / Sim
KB1	Não

NB2	Sim / Espanha / 3 anos / Não
RB2	Sim / Brasil / 1 ano / Sim
TB1	Sim / França / 4 meses
VB1	Sim / Estados Unidos / 3 meses / Inglês / Sim - Brasil / 3 meses / Português / Sim
WB2	Não

	Língua materna	Que línguas fala com: os pais / a família	amigos na escola de língua	amigos fora da escola de língua	trabalho
BB2	alemão	alemão / português	alemão / português	alemão	alemão, hebraico, inglês
DB2	albanês	albanês	alemão / espanhol / albanês	italiano	inglês
DB1	alemão	alemão	alemão	alemão	inglês
KB1	alemão	/	/	/	/
NB2	italiano	italiano	português	espanhol	alemão
RB2	alemão	alemão / português	alemão / português	alemão	inglês, português, espanhol
TB1	alemão	alemão / inglês / tcheco	português	alemão	alemão, inglês
VB1	alemão	alemão	alemão / português	alemão / inglês	alemão / inglês
WB2	alemão	alemão / plattdeutsch	alemão / português	alemão / português / inglês	/

	Onde aprendeu a língua estrangeira?	Em que língua se sente à vontade para se comunicar?
BB2	escola de ensino fundamental, escola de língua, universidade	alemão, inglês
DB2	escola de língua, exterior	albanês, espanhol, alemão
DB1	escola de ensino fundamental, exterior	alemão

KB1	escola de ensino fundamental, escola de língua	inglês
NB2	escola de ensino fundamental, escola de língua, exterior	italiano, espanhol
RB2	escola de ensino fundamental, escola de língua, exterior, sozinho	alemão
TB1	escola de língua	alemão, francês
VB1	escola de ensino superior, exterior	alemão
WB2	escola de ensino fundamental, escola de língua	alemão, português, inglês

Em que línguas você costuma?							
	ler	ver televisão / canais de TV privados	escrever e-mail	escrever sms / WhatsApp	comunicar-se pelo Skype / WhatsApp	comunicar-se nas redes sociais	ouvir música / rádio
BB2	alemão, inglês, hebraico, português	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês, português, hebraico	alemão, inglês, hebraico, português
DB2	alemão, espanhol, albanês, italiano	inglês	inglês	alemão, espanhol, albanês	albanês	inglês	alemão
DB1	francês, inglês, português, alemão	alemão	alemão	alemão	alemão, português	alemão	alemão
KB1	alemão	alemão / inglês	alemão	alemão	/	alemão	inglês, francês, português
NB2	italiano, espanhol	espanhol, inglês	alemão	alemão, italiano, espanhol	italiano	italiano, espanhol	italiano, espanhol, inglês
RB2	português	/	alemão / português	português	/	/	/
TB1	alemão	alemão / francês	alemão / francês	alemão / francês	alemão / inglês / francês	/	alemão, inglês
VB1	alemão, espanhol, português,	alemão, inglês	alemão, inglês, espanhol	alemão, inglês, português	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês

	francês, inglês						
WB2	alemão, português, inglês	alemão	alemão, português, inglês	alemão, português, inglês	alemão	/	alemão, português, inglês

	Em que línguas costuma mandar mensagens de áudio?	Há quanto tempo aprende Português?	Você gosta de aprender Português?	Por que aprende Português?	As pessoas entendem o que diz quando fala Português?
BB2	alemão, inglês	5 anos	sim	marido é brasileiro, quer se comunicar com a família dele no Brasil	sim
DB2	alemão, espanhol, albanês	4 anos	sim	hobby, gosta do idioma	sim
DB1	alemão	6 anos	às vezes	para se comunicar com os parentes	sim
KB1	alemão	3 anos	sim	para compreender letras de música e receitas	mais ou menos
NB2	alemão	8 anos	sim	porque a língua é musical como o italiano, cultura brasileira é parecida com a italiana	/
RB2	alemão	3 anos	sim	hobby	sim
TB1	alemão, inglês	7 anos	sim	hobby	mais ou menos
VB1	alemão, inglês	5 anos	sim	hobby	mais ou menos
WB2	/	19 anos	sim	hobby	/

	Tem amigos, parentes ou contatos no Brasil?	Tem amigos(as) brasileiros(as), parentes ou contatos com brasileiros?	Quanto tempo por semana dedica ao estudo de português?	Tem oportunidade de falar português fora da sala de aula?	Se fala português fora da sala de aula, escreva com quem e com que frequência
BB2	sim	sim	duas / três horas	sim	marido e os amigos brasileiros
DB2	não	não	uma hora	não	/

DB1	sim	sim	quatro horas	sim	com os filhos e a neta
KB1	não	sim	/	sim, um pouco	com amigos do grupo de música (duas vezes por mês)
NB2	sim	sim	uma a duas horas	não	/
RB2	sim	sim	quatro a cinco horas	sim, durante as férias	durante as férias em Portugal
TB1	não	sim	duas horas	não	/
VB1	sim	sim	uma hora	sim	dois amigos a cada dois ou três meses
WB2	sim	sim	uma hora	sim	amigos brasileiros

FICHA SOCIOLÓGICA

1. Informações gerais - Grupo A1.2/ A1.3

Nome	Gênero	Idade	Cidade de origem	Cidade em que vive	Com quem vive	Quantas e quais escolas de língua frequentou na Alemanha?
CA1	F	59	Hamburg	Hamburg	família	(2)Staatliche Fremdsprachenschule, VHS
GA1	F	65	Söllichau	Schwerin	só	/
KA1	F	52	Hamburg	Hamburg	só	(2)VHS, Universidade
NA1	M	49	Hamburg	Hamburg	família	(2)Colón, VHS
SA1	F	30	Hamburg	Hamburg	parceira	(1)VHS

Já viveu no exterior ? Onde? Por quanto tempo? Línguas usadas /Aprendeu a língua no país?	
CA1	Sim / Espanha / 3 meses
GA1	Não
KA1	Sim / França / 10 meses / 7 meses / Francês / Sim
NA1	Não

SA1	Sim / Inglaterra / 6 meses / Não
-----	----------------------------------

2. Informações relacionadas com as línguas faladas pelos alunos

	Língua materna	Que línguas fala com: os pais / a família	amigos na escola de língua	amigos fora da escola de língua	trabalho
CA1	alemão	alemão	alemão / português	alemão, inglês	alemão
GA1	alemão	alemão	português	alemão	alemão
KA1	alemão	/	/	/	/
NA1	alemão	alemão, português	alemão, português	alemão, português	alemão, inglês
SA1	alemão	alemão	português	inglês	alemão

	Onde aprendeu a língua estrangeira?	Em que língua se sente à vontade para se comunicar?
CA1	escola de ensino fundamental, escola de língua, exterior	alemão, inglês
GA1	escola de ensino fundamental	alemão
KA1	escola de ensino fundamental, exterior, escola de língua	alemão, francês
NA1	escola de língua, exterior, sozinho	alemão, inglês
SA1	escola de ensino fundamental, sozinho	alemão, inglês

Em que línguas você costuma?							
	ler	ver televisão / canais de TV privados	escrever e-mail	escrever sms / WhatsApp	comunicar-se pelo Skype / WhatsApp	comunicar-se nas redes sociais	ouvir música / rádio
CA1	alemão, inglês	alemão, inglês, espanhol, italiano	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês, italiano, português

GA1	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão	alemão, inglês, português	alemão, inglês, português	alemão	alemão, inglês, português
KA1	francês, inglês, português, alemão, espanhol	alemão, inglês, francês	alemão, inglês, francês	alemão, inglês, francês	alemão, inglês, francês	alemão	alemão, inglês, francês, espanhol, português
NA1	alemão, inglês	alemão	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão	inglês português
SA1	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês, português	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês	alemão, inglês, português

	Em que línguas costuma mandar mensagens de áudio?	Há quanto tempo aprende Português?	Você gosta de aprender Português?	Por que aprende Português?	As pessoas entendem o que diz quando fala Português?
CA1	alemão	1 ano	sim	canta num coral brasileiro	às vezes
GA1	alemão	1 ano	sim	nora é brasileira	um pouco
KA1	alemão	1 ano	sim	tem família no Brasil, quis aprender uma nova língua	um pouco
NA1	alemão, francês	1,5 anos	sim	esposa é brasileira	sim
SA1	alemão, inglês	1,5 anos	sim	esposa é brasileira	às vezes

	Tem amigos, parentes ou contatos no Brasil?	Tem amigos(as) brasileiros(as), parentes ou contato com brasileiros?	Quanto tempo por semana dedica ao estudo de português?	Tem oportunidade de falar português fora da sala de aula?	Se fala português fora da sala de aula, escreva com quem e com que frequência
CA1	não	sim	duas horas	sim	não

GA1	sim	sim	duas horas e meia	não	não
KA1	sim	sim	duas horas e meia	sim	com a família nos fins de semana
NA1	sim	sim	quatro horas	sim	com a esposa
SA1	sim	sim	duas a três horas	sim	com a cunhada e suas amigas

ANEXO F - ATIVIDADE ORAL

Junte-se ao seu colega / a sua colega e realize um diálogo oralmente de acordo com os pontos listados.

1. Parte: Fazer um pedido

a. Imagine que vai a um restaurante no Brasil. Faça um pedido de acordo com os passos indicados:

- cumprimentar
- pedir o cardápio
- fazer o pedido
- pedir a conta
- agradecer e despedir-se

b. Imagine que faltou às aulas e precisa fazer as tarefas atrasadas. Peça a um colega de curso para lhe dizer quais foram as tarefas e explicar o que deve fazer. Siga os passos:

- cumprimentar
- fazer o pedido
- agradecer e despedir-se

c. Imagine que faltou às aulas e precisa pedir as tarefas atrasadas e distribuídas. Peça para a sua professora as tarefas distribuídas nos últimos dias e as devidas explicações. Siga os passos:

- cumprimentar

-fazer o pedido

- agradecer e despedir-se

d. Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para a sua família. Siga os passos:

- cumprimentar

- fazer o pedido

- perguntar os preços, os tamanhos

- comprar

- despedir-se

e. Imagine que se interessa por um curso de Português na escola Volkshochschule. Ligue para a escola e peça as informações que precisa sobre o curso. Siga os passos:

- cumprimentar

- pedir as informações (níveis do curso, local, data, preço)

- despedir-se

2. Parte: Oferta (aceitação - recusa)

a. Imagine que fez aniversário e trouxe um bolo, salgadinhos, doces e bebidas para todos os colegas de trabalho. Ofereça os pratos e bebidas a eles. O colega deve parabenizar, agradecer, aceitar ou recusar as comidas e bebidas. Siga os passos:

- cumprimentar
- parabenizar
- oferecer as comidas e bebidas
- aceitar / recusar
- agradecer

b. Imagine que trabalha no aeroporto e avista uma pessoa que parece precisar de ajuda. Ofereça ajuda e as devidas informações. Siga os passos:

- cumprimentar
- oferecer ajuda e informações
- despedir-se

3. Parte: Convite (aceitação - recusa)

a. Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide seus amigos e suas amigas do curso de português para participar. Siga os passos:

- cumprimentar
- convidar os amigos para a festa
- esclarecer o horário e local da festa
- aceitar / recusar
- agradecer

b. Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar. Siga os passos:

- cumprimentar
- convidar os amigos para a festa
- esclarecer o horário e local da festa
- aceitar / recusar
- agradecer

c. Está passando um filme brasileiro no cinema alemão. Convide seu amigo com quem pratica TANDEM para ir com você. Siga os passos:

- cumprimentar
- comentar sobre o filme
- fazer o convite
- aceitar / recusar
- agradecer

d. Seu amigo está só em casa no fim do ano. Convide-o para passar as festas de ano na sua casa. Siga os passos:

- cumprimentar
- iniciar uma conversa contando que ficará só em casa no fim do ano
- fazer o convite
- aceitar / recusar
- agradecer

e. Convide seu professor para jantar na sua casa com a família. Siga os passos:

- cumprimentar
- fazer o convite
- aceitar / recusar
- agradecer

4. Parte: Pedido em diálogos breves

a. Imagine que precisa se concentrar nas leituras durante a aula de português e seu colega não para de conversar. Peça para falar mais baixo.

b. Está frio e seu colega insiste em abrir a janela. Peça a ele para deixar a janela fechada e explique o porquê.

c. Seu colega ao lado recebe ligações no celular e tem de sair da sala para atendê-las. Isso o incomoda. Peça a ele para desligar o celular ou colocá-lo no modo silencioso.

5. Parte: Diálogos (parabenizar e dar os pêsames)

a. Sua colega chega à aula de português com uma boa notícia: conseguiu um novo emprego em uma firma brasileira. Parabenize-a e pergunte como será o novo trabalho. Siga os passos:

- cumprimentar
- revelar a boa notícia

- parabenizar
- faça perguntas sobre o novo trabalho
- despedir-se

b. O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo. Siga os passos:

- cumprimentar
- revelar a triste notícia
- dar os pêsames e lamentar a situação
- despedir-se

c. Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns. Siga os passos:

- cumprimentar
- dar os parabéns ao colega
- despedir-se

d. Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns. Siga os passos:

- cumprimentar
- dar os parabéns ao chefe / à chefe
- despedir-se

ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS

A1.2/A1.3

1. N(A1) / K(A1)

Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

K.: (faz barulho de campainha): Ding Dong. Bom dia, senhor.

N: Bom dia, senhora.

K: Bom dia, ãh, desculpe senhor, eu compro comprei essa camiseta semana passada e aqui. E atualmente ãh é um pouco... é pra minha irmã e minha irmã é mais grande (risos).

N Ah!

K: E quero, quero trocar esta camiseta em uma taile... mais grande taile? Mais grande se é possible. Sim, tem uma outra camiseta?

N: Sim.

K: Pode ser uma outra cor um outro color.

N: Sim, sim tenho outras camisetas, muitos de camisetas e e o que o que número? Você você quer?

K: ãh (risos) ãh número ãh em quarenta, por favor.

N: 40, tá bom. E o que cor você quer?

K: Como? Cor? Äh. Isso é blanco ou pode ser rosado também se, se tem? Äh.

N: Tenho tenho.

K: Que cor tem?

N: Tenho rosa ou branco... (risos).

K: Que cor tem, por favor senhor?

N: Ah, tenho, tenho muito de cores verde, branco.

K: (risos) Podes mostrar-me as as camisetas que tem?

N: Aqui, aqui (faz os gestos mostrando).

K: Oh, muito bonita! E o que quero trocar esta e ãh eu ãh (como se disse) vou levar esta camiseta em blanco e vou levar uma outra também. E ãh amarelo, por favor.

N: Amarelo.

K: Amarelo.

N: Sim. E você quer mais uma co.. alguma coisa? Por exemplo uma äh äh (pausa) um vestido?

K: Mas quero saber se äh levo as duas camisetas äh de reduzir um pouco o preço äh.

N: Äh.

K: Dois ou três camisetas pra precio de 2, de 2 camisetas.

N: Ah, senhora nós não temos happy hour.

K: Oh (surpresa)!

N: Mas, mas quando você você compra as duas camisetas e o vestido.

K: Uhum.

N: Eu vou procurar procurar procura um preço muito bom.

K: Okay, okay. Quanto custa todas as duas, as duas äh camisetas e um vestido azul?

N: Sim, äh olha, äh uma camiseta custa äh 100 reais, äh, o vestido custa äh 80 reais. Só duas 80 reais e pra você äh duzentos e três.

K: 200? E... duzentos duzentos e ...

N: Três sim.

K: Ah, okay, okay. Vou levar todo.

N: Tá bom (risos).

K: E muito bem. E muito obrigado, senhor!

N: Obrigado você.

K: Vou äh, äh venir outra vez. A semana próxima.

N: Até a próxima.

K: Até la próxima.

N: Obrigada.

K: Obrigada, tchau.

2. G(A1) / S(A1)

Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

G: Bom dia a senhora!

S: Bom dia, posso ajudar?

G: Desculpe? (aluna não entende a pergunta)

S: Posso ajudar? Ajuda, ajuda, posso ajudar?
G: Momento no primeiro quero ver.
S: Sim.
G: Eu vejo as brincas e os brincos e colores colares.
S: Que cor você queria?
G: Uhum, queria querio, quero (estudante se desculpa) colares äh ou você tem colares äh curtos?
S: Sim, sim. Tenhos.
G: Colar com äh color azul, por exemplo.
S: Sim, tenho.
G: Äh para colares e äh brincos também?
S: Sim, sim. Isso.
G: Estes brincos muito bom. Äh, äh (pausa). Quero ver colares äh äh vermelho.
S: Oh, desculpe não tenho äh colares vermelha. Desculpe.
G: Ja.
S: Você queria os colares de azul?
G: Não, não quero este brincos.
S: Nós temos äh colares em vermelha ou não não vermelha em branco (risos) ou....
G: Eu acho tem tenho combinado do minha dos meus colares, äh óculos marrom?
S: Sim, sim tenho. Esses (faz o gesto de quem mostra os brincos).
G: Esses...sim.
S: Você gosta?
G: Eu gosto, Me gosto marrom uhum.
S: Uhum, okay (pausa) são 22 reais.
G: Oh, 22? Hum, sim, okay. Vou legar äh. Posso pagar com äh cartão?
S: Não problema. Äh äh isso.
G: Okay, okay. Obrigada.
S: De nada. Até logo.
G: Até logo.

3. N1(A1) e professora

Convide seu professor para jantar na sua casa com a família.

P: Oi N. tudo bem?

N: Oi L tudo bem e você?

P: Tudo bem, como vai sua família?

N: Muito bom äh äh não äh tudo normal, tudo normal.

P: Ah que bom!

N: E você?

P: Sim, tudo bem. Minha família está bem e tudo também normal, sem grandes novidades.

N: Muito bom. É. Você quer comer com minha família hoje na tarde?

P: Hoje, ah, olha que legal. Sim, por que não?

N: Ah, obrigada.

P: Muito obrigada pelo convite!

N: Jóia

P: A que horas?

N: Äh, äh às 6 da tarde?

P: Às seis da tarde. Sim, claro. Preciso levar alguma comida?

N: Não, tudo bom.

P: Tudo bom, ah, então tá bem. Muito obrigada pelo convite!

N: De nada.

P: Então até mais tarde.

N: Até mais tarde.

4. C(A1) e G(A1)

Imagine que vai a um restaurante no Brasil. Faça um pedido de acordo com os seguintes passos:

C: Bom dia!

G: Bom dia!

C: Bom dia, você tem uma mesa livre?

G: Sim, uma mesa livre para dois para duas pessoas.

C: Não, sou sozinha, solo eu.

G: Okay, äh, você com fome? Sede?

C: Sim, com fome e sede.

G: Ah, perfecto (longa pausa).

C: Mais tenho mais sedo que fome. Por esso queria pedir una bebida. Um chope.

G: Um chope.

C: Um chope.

G: Sim.

C: Por favor.

G: Um chope, para fome?

C: Você me pode trazer ãh o cardápio, por favor?

G: Ah, uma entrada?

C: Æh, não ãhn por favor me pode trazer o cardápio? Para eu pedir gostaria ãh ver o cardápio, por favor.

G: Sim.

C: Como entrada vou tomar uma ãh uma sopa de legumes. Ah, que legumes são? Na sopa?

G: Por favor, ah.

C: Que sorte de legumes são na sopa?

G: Risos (a aluna não entendeu a pergunta).

C: Uma sopa de tomate? Ou una sopa de (pausa) de cebola?

G: É uma sopa de legumes.

C: Legumes mistas. É perfeito, é perfeito.

G: Mistos.

C: É perfeito, eu vou tomar una sopa de legumes. Æh como prato principal gostaria de tomar o peixe assado com batatas cozidas. Você tem hoje?

G: Não.

C: Ah.

G: Hoje não temos.

C: Não tem peixe assado? Então vou tomar o filé de frango.

G: Filé?

C: Filé de frango (aluna faz o gesto de um frango para a outra compreender).

G: Filé de frango (risos com o gesto).

C: É com? Æh é com legumes? O filé de frango? Ou com batatas?

G: Com batatas não, com arroz. Filé de frangos ah você come com arroz.

C: Ah, prefiero, preferia batatas, é possível?

G: É possible.

C: Sim, muito bem. Obrigada. Se sobremesa äh äh äh gostaria de uma pequenina mousse de manga.

G: Sim.

C: Com creme também?

G: Mousse de manga.

C: Sim. Sim é tudo por esse momento.

G: Eu trago.

C: Obrigada.

G: Eu trago a sopa primeiro. A próxima carne de frango com legumes.

C: E com batatas tambien. Sim? Obrigada. (faz o som de quem está comendo). Ah, garçonete, falta um prato, um prato para o pão.

G: (Risos).

C: Hum, me pode trazer o sal, por favor?

G: Sim, eu trago sol a sal.

C: É muito bem todo. Muito bem.

G: Não picante?

C: Picante?

G: Não?

C: É muito bom, a comida é deliciosa.

G: Ah!

C: Sim, então (a aluna faz gesto de que terminou de comer). Pronto. Me pode trazer a conta, por favor?

G: Sim.

C: Porque tenho que retrassar à casa regrassar à casa, ir à casa.

G: Cartão de banco?

C: Não está para amonera. Quantos reais são? Qual é o valor de la conta?

G: Quanto devo pagar? Demás?

G: Oitenta e oito reais, por favor.

C: A gorjeta é inclusa.

G: Sim, é incluído.

C: 10% como sempre ou não? Eu sou alemão, não sei (risos). Pode perguntar (risos).

G: Muito obrigada!

C: Até logo.

G: Até logo.

5. K(A1) e S(A1)

Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide seus amigos e suas amigas do curso de português para participar.

K: Bom dia S!

S: Bom dia K. Tudo bem?

K: Sim, tudo bem. Obrigada. Vou fazer a festa a próxima semana porque é meu aniversário e quero convidar-te ähm na minha casa. Tem tempo próxima semana?

S: Você tem aniversário?

K: Sim, sim.

S: Maravilha.

K: Sim e quero convidar-te a minha festa.

S: Ah, muito obrigada!

K: Pode vir na minha casa?

S: Sim, sim. Eu tenho tempo

K: Ah maravilhoso!

S: Ähm, ähm.

K: A segunda-feira às 8. E quero fazer um pequeno churrasco com dez pessoas em mi jardim. É possível que você trazer um ähm uma garrafa de vinho?

S: Vinho?

K: Ou um pouco de água mineral?

S: Sim, não problemo.

K: E também um pouco...

S: Cachaça (risos).

K: Cachaça não, um pouco, äh uma salada por exemplo.

S: Sim, sim, äh, eu trazo eu trago um salada de frutas.

K: Ah, por sobremesa, muito bem. Vou perguntar à C e G se elas se elas trazer uma salada mista e uma salada de macarrão. E L vai trazer uma sopa talvez. Porque vou convidar todo curso. O N também.

S: Maravilha!

K: Okay, äh.

S: Próxima semana.

K: Sim, a próxima semana. Estou muito feliz que você pode ver na minha casa. Tchau.

S: Também, muito obrigada. Tchau.

6. K(A1) e C(A1)

Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

C: Boa tarde!

K: Boa tarde, C!

C: Boa tarde Madame C (falam Bonjour em francês) Tudo bem?

K: Sim. Obrigada muito bem.

C: É meu aniversário semana próxima.

K: Ah, puxa. Que linda, maravilhosa. Em que dia?

C: A terceira feira E gostaria de invitar lhe / se.

K: A você.

C: A você a festa de aniversário.

K: Quer convidar-me? É muito simpático, C. Obrigada. E a que hora, a que hora as festa começa?

C: A festa começa, começa às oito horas.

K: Às oito?

C: Da noite.

K: Puxa, tenho que trabalhar às 8. É possível de vir um pouco mais tarde?

C: Sim, sim. Não problema.

K: Okay.

C: Ähm, ähm, a festa ähm vá dorar toda a noite.

K: Toda a noite? (Risos). E posso trazer algo pra comer ou pra beber?

C: Não, não é necessário. Não, não, não é

K: Muito bem.

C: Não és necessário trazer algo. Ninguém coisa não (risos).

K: E C. o que você deseja no seu aniversário? Algo especial?

C: Não deseio uma coisa.

K: Oh! Não é possível, algo para a cozinha ou algo para vestir?

C: Tenho todos, tenho todos.

K: As flores, por exemplo?
C: As flores muito bom, muito bom.
K: Okay, okay, eu vou trazer.
C: Me gosto.
K: Ah, muito bem. Só que vou trazer pra te.
C: Okay. Até logo. Até semana passada.
K: Estou muito feliz. Até logo.

7. N(A1) / K(A1)

O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

N: Oi K, tudo bem?
K: Não, não, não estou bem, porque um amigo meu ähm foi morto / fui morto (pausa) morreu antes uma semana.
N: Oh!
K: Subitamente.
N: Oh, meus pêsames!
K: Sim, triste.
N: É, e o que, o que foi?
K: Por que morreu?
N: Sim, sim.
K: Ähm, estovisto muito doente. Ähm (pausa) teve o câncer.
N: Ah, câncer.
K: E o câncer, ähm, desculpe, teve o câncer. Não morrieu muito tempo. A doença não durou muito tiempo, porque estovisto muito muito agressivo o câncer. Compreendes?
N: Sim, às vezes a morte é relaxa.
K: Sim, é uma libertação, libertação. Sim, é porque ähm (pausa) ahm ele teio muitas doenças e sofreu muito, ähm estoviste ähm. Acho que ele quis morrer ao fim.
N: Ah, tá bom, entendi, entendi. É muito triste.
K: É muito triste, mas não é tão (pausa) estoviste outra possibilidade, estovisto curável. E ele tem duas crianças.
N: Ai!

K: A situação é muito, muito duro pra tudo a família.

N: Sim, sim e quantos anos tener as crianças?

K: As crianças têm 8 e 10 anos e ele tinha 45 anos. É muito, muito novo.

N: Sim, ai, ai.

K: É a vida, é a vida.

N: É sim, que pena!

K: Muito obrigado pelos pêsames. E estou feliz que tu sentes comigo e tuda família. Muito obrigada!

N: Obrigada você, tchau.

8. S(A1) e N(A1)

Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

S: Olá N, feliz aniversário pra você!

N: Obrigado, obrigado. Tudo bem?

S: Tudo de bom e ... sim, tudo bem e você?

N: Sim, tudo bem, também. Aniversário é (risos)

S: Você tem um plano pra celebrar?

N: Desculpe?

S: Você tem um plano pra celebrar?

N: Não, só, só a família, só 30 pessoas (risos).

S: Ah, muitas pessoas (risos).

N: É uma festa muito pequena (falante faz sinal de festa pequena entre aspas).

S: Que bom. O que você deseja no seu aniversário?

N: É, ah eu queria ähm, ähm tempo, tempo boa, sem chuva, por favor, porque na festa ähm é no jardim.

S: Uhum.

N: A festa está no jardim.

S: Ah!

N: Sim e é mais um ano (risos).

S: Muito bom.

N: Sim.

S: É, bom, bom de festa.

N: Obrigado.

S: E até logo, tchau.

N: Até logo.

9. K(A1) e S(A1)

Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

S: Oi K!

K: Oi S!

S: Feliz aniversário!

K: Muito obrigada!

S: Tudo de bom e muito saúde!

K: Oh, muito obrigada. Preciso muito a saúde (risos).

S: Sim, sim. Você tem um plano de celebrar?

K: Sim, sim quero abrir um grande garrafo de champanhe e quero ãhn e beber o champanhe com toda a gente ou na firma e...

S: Boa ideia (risos).

K: E os garrafos são ainda né no frio. É possível que você diga a toda a gente que de vir aqui pra fazer a festa juntos?

S: Sim, posso. Muito obrigada!

K: (risos) Pode, pode comprar um bolo, por favor? Ou duos?

S: Sim.

K: E vamos festas com todas as colegas.

S: Sim, posso.

K: Tá bom?

S: Sim, muito obrigada!

K: Muito obrigada!

S: Tchau.

K: Tchau.

B1

10. V(B1) / D(B1)

Imagine que fez aniversário e trouxe um bolo, salgadinhos, doces e bebidas para todos os colegas de trabalho. Ofereça os pratos e bebidas a eles. O colega deve parabenizar, agradecer, aceitar ou recusar as comidas e bebidas.

D: Oh, V., parabéns por você!

V: Oh, obrigada querido D.!

D: Quantos anos você faz?

V: Eu acho que...67 (Risos).

D: E...

V: Foi uma festa muito grande com a família e com os amigos e amigas e com muito coisas para comer e beber. E hoje eu tenho algumas coisas para vocês também. Äh bolos.

D: Muito obrigado. Mas eu não pode comer äh, bolo hoje porque eu eu sou a dieta.

V: Oh, D., que coisa. Não precisa isso.

D: Mas eu gosto de beber caipirinha. Você tem....?

V: caipirinha e também uma cerveja?

D: E com gelo?

V: Me seinto, não, não.

D: Oh, oh, oh, risos (faz um barulho como sinal de insatisfação). E um pouco de café ?

V: Tão pouco. Desculpe (riso) tão pouco café.

D: Não café? Okay.

V: És muito tarde e com café eu não posso dormir e, por isso, eu não trago...

D: Okay, okay. Muito obrigado para o bebido. Muito, muito delicioso (Wenn es auch nur der Reste ist = mesmo que seja só o resto).

V: Desculpe, como sempre isso é um pouco difícil com você.

D: Eu não entendo.

V: Oh, D., eu, eu acho que é bom.

D: Não, ist gut (está bem). Eu penso que a voluntário é consende, contou, contado (Der Wille zählt = o que conta é a intenção). A vontade é importante.

V: Isso.

D: Eu gosto de participar na Party, no party de aniversário de sua aniversário, do seu aniversário.

V: Próxima vez o aniversário de 70.

D: Ah, okay.

V: Mais 3 anos e, isso caso eu tenho também gelo para o, a caipirinha.

D: Ah, okay, muito obrigado!

V: Obrigada, D!

D: Tchau!

V: Tchauzinho!

11. V(B1) / K(B1)

Imagine que trabalha no aeroporto e avista uma pessoa que parece precisar de ajuda. Ofereça ajuda e as devidas informações.

V: Bom dia, senhor!

K: Bom dia a senhora!

V: Me parece que você esteja um pouco perdido.

K: Sim, você tem razão, ah, eu infelizmente, infelizmente eu esquece minha ticket na minha mala.

V: Oh, que coisa.

K: E também, ah, eu não posso encontrar minha mulher porque (risos) é nossa lua de mel.

V: Puxa, ó senhor, hum. Eu (pausa) O meu nome é V. e eu trabalho aqui (risos) na aeropuerto e talvez eu posso / ah eu possa ah ajudar você?

K: Sim, você pode me acompanhar ah (pausa) ah a (pausa) depósito de bagagem.

V: Sim, sim, vamos.

K: Pode?

V: Com prazer!

K: Muito bom, obrigado. Isso muito importante para mim.

V: Tchau.

12. D(B1) / T(B1)

Está passando um filme brasileiro no cinema alemão. Convide seu amigo com quem pratica TANDEM para ir com você.

T: Boa noite!

D: Ah, boa noite T.!

T: Boa noite D.!

D: Ah que bom te vir, te ver. Como está?

T: Ah, como vai? Bom, bom, tudo bem.

D: Ah (pausa), há um filme hã hã para vida brasileira na cinema Lurup. Você (kommen) você vem? Comigo? É filme, é sobre ãh muitas, sobre pessoas que fazem um compô por (für) por segurança na vida porque vida brasileira é muito perigosa. Muito interessante...o filme.

T: Ähm, ähm, obrigado para convida. Ähm, ähm o filme é muito interessante para mim porque eu me interesse muito nas pessoas brasileiras.

D: Isso eu sei.

T: E o, a situação política no Brasil me interesse muito.

D: Mas?

T: Eu ãh, eu ãh tenho pouco tempo por ir ãh, ãh, no cinema.

D: Às duas horas.

T: Eu ãh não tem de ver na minha calendário ãh ãh que eu tenho eu tenho tempo.

D: No filme passa na sexta-feira.

T: Sexta-feira?

D: Próxima sexta-feira. Você tem tempo?

T: Äh, ãh, sim, sim.

D: Eu espero.

T: Sim, sim.

D: Sim, sim. Muito bom.

T: E as pessoas no filme, ãh.

D: Fala português no filme.

T: Aha, hum. E que não que eles fazem fizeram no filme, ãh por garantir a segurança na pública nas outras pessoas?

D: Eu não sei. Eu vai, vou no filme para que entenda entenda muito sobre vida brasileira.

T: Muito interessante!

D: Bom que você (kommen). Vem comigo no filme. Ah, oh, muito bom, muito bom. Mas você paga mesmo, né?

Risos

T: interessante.

(Risos altos)

T: Okay.

D: Tchau.

T: Tchau. Até logo na próxima semana, na próxima sexta-feira.

13. V(B1) / D(B1)

Imagine que precisa se concentrar nas leituras durante a aula de português e seu colega não para de conversar. Peça para falar mais baixo.

V: Oh, D. por favor, eu não posso concentrar porque você está conversando com W. Por favor, um pouco mais ãh hum (pequena pausa) se é possível falar um pouco menos alto, por favor.

D: Desculpe eu não soube que você ãh que minha palavra com W stören, stören (atrapalhar em alemão) você. Eu quero (fala em alemão "ich möchte) eu quero ãh falar um pouco (faz gesto de mais baixo) alto.

V: Muito obrigado, querido. Está muito agradável para você.

D: Ah, de nada, de nada. Eu gosto que você se concentre na sua leitura.

V: Sim.

D: Mais importante (pergunta als = como) como que minha palavra com W.

14. V(B1) / D(B1)

Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

V: Oi D.

D: Oi V.

V: Você tem aniversário hoje?

D: Sim, hoje é meu aniversário

V: Parabéns pra você!

D: Muito obrigada!

V: Muitos felizes e uma bom dia com a família. O que ...?

D: Muito prazer!

V: Se você tem tempo esta tarde, vou visitar você. Talvez você tem um bolo e cafezinho? É possível?

D: Eu tenho um bolo e um cafezinho na terraça.

V: Oh, muito bom.

D: Na varanda, na varanda.

V: Muito bem. Eu acho que eu tenho tempo às 15?

D: 15 horas?

V: 15 horas está bom?

D: Eu, eu convite você para meu aniversário na minha veranda com bolo e cafezinho e um picolo...

V: Champanhe? Oh, até logo, D.

D: Até logo e espero para você.

V: Obrigada, tchau.

15. V(B1) / D(B1)

Imagine que se interessa por um curso de Português na escola Volkshochschule. Ligue para a escola e peça as informações que precisa sobre o curso.

Barulho de telefone

V: Aqui é a Volkshochschule, Hamburgo, Secretariat.

D: Ah, bom, eu entendo estudar português na Volkshochschule Hamburgo e eu eu tenho ähm algumas perguntas.

V: Sim, qual perguntas você tem?

D: Ähm (pausa) primeira pergunta é quanta custa uma hora de português na VHS?

V: Ähm, não sei exatamente, mas é um curso com...

D: Ah, um curso okay.

V: Um curso com 15 ähm, com 15 horas ähm.

D: 15 horas?

V: 15 horas sim.

D: Mas quantas dinheiros...?

V: 100 euros.

D: Ah, 100 euros. Okay. E você conhece a professora ou o professor de português?

V: Sim, é uma professora. O nome...

D: Ah, professora é muito bem.

V: Ah sim, muito linda.

D: Ah, muito linda?

V: É L.L, é uma professora muito boa.

D: Muito boa (pausa) para estudar português ou?

V: Ela é brasileira.

D: Brasileira oh ja!

V: E acho que é de São Paulo.

D: Fala português nativo? nativo? Fala português nativo?

V: Sim, sim, português de Brasil.

D: Okay. Eu...eu sou interesse.

V: O curso começa em setembro.

D: (faz sinal para a colega repetir)

V: Setembro.

D: Setembro. E quanto, quantas, quantos estudantes ähm participam?

V: Onze estudantes.

D: Quantos?

V: Onze

D: Onze?

V: Onze.

D: Okay. Eu penso que eu participei. Eu, eu vou participar o curso português com muito linda professora L.L (risos). Okay, muito obrigada!

V: (risos) Você tem que saber o lugar. O lugar é uma escola.

D: Ah, o lugar.

V: Se chama Ida- Ehre- Schule em Lehmweg, em Hamburgo e cada quarta-feira

D: E quantas horas?

V: Ähm 19 horas até 21 horas, 19:45.

D: 19? Eu estou aposentado eu vai, vou na cama sete horas.

(Risos)

V: Oh, desculpe.

D: Okay, muito obrigado. Eu penso, eu vou pensar.

V: Muito obrigado, senhor!

16. V(B1) e D(B1)

Seu colega ao lado recebe ligações no celular e tem de sair da sala para atendê-las. Isso o incomoda. Peça a ele para desligar o celular ou colocá-lo no modo silencioso.

D: (faz de conta que está falando no celular com o próprio celular na mão)

V: Oh, por favor, D.

D: Ah, ah (faz som de quem não ouviu a colega).

V: Por favor. Isto é uma aula de português e não de celular. Por favor, D. Não posso concentrar.

D: Mas minha mulher tem problemas de...

V: D, em sua idade? (risos) Quantos anos tem? 18?

D: 8? Não, não você pensa que eu há 8 anos?

(Risos)

D: (faz de conta que termina a conversa) Desculpe que eu atende meu celular, mas eu quero parar.

V: Muito obrigada, D.!

D: Okay.

B2

17. B(B2) / N(B2)

Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

B: (faz barulho de campainha) Ding- Dong. Oi boa tarde!

N: Oi, boa tarde.

B: Äh...

N: Tudo bem?

B: Tudo, muito obrigado. E você?

N: Também.

B: Também.

N: Também. Com o que eu posso ajudar?

B: Ah, tá bom. É. Eu quero comprar muitos presentes para minha família que mora lá na Alemanha.

N: Você não é daqui. ah sim, Eu estava escutando, ouvindo o sotaque.

B: É verdade. Mas eu falo muito bem português.

N: Muito bem!

B: Obrigado, né?

N: Você é de Alemanha?

B: Eu alemão e você?

N: Brasileira

B: Ah, é?

N: Tá, tá.

B: Dessa região?

N: De São Paulo.

B: Ah, de São Paulo.

N: Tá, Ah, então. Você quer levar presentes pra Alemanha agora

B: Sim, sim, eu tenho um grande família.

N: Oh, que bom.

B: Mas eu quero comprar chocolate, eu acho.

N: Chocolate, tá, tá.

B: É muito bom, né?

N: Tá, muito bom. Chocolate nosso, nossa chocolate é o melhor de toda a cidade.

B: É, que legal!

N: Você quer provar?

B: Äh.

N: O chocolate?

B: Só um piquino.

N: um pouquinho sim, sim, sim.

B: Um piquino pedaço.

N: Já, já pra já. aqui, aqui vá. Aqui vai o chocolate. Você gosta?

B: É muito bom, muito bom. Mas eu compra duas chocolates.

N: Dua, tá. E são fair trade, fráteid (fair trade) nosso chocolate (a entrevistada tenta falar a palavra de língua inglesa como no Brasil).

B: Ah, muito bom.

N: Tá, tá. Vem da Amazônia.

B (risos): Da Amazônia? Okay, Äh, e para a minha mulher?

N: Esposa?

B: Esposa.

N: ah, tá. Esposa.

B: Eu quero comprar o que você acha? Um vestido muito bonito, muito legal.

N: Tá, tá. Também temos feito aqui em Brasil, äh, uns vestidos, äh, estão pra lá. Você quer ver?

B: Aham, mas é muito caro.

N: Não, não, não, uns 200 reais, (pausa pequena) mas estão feitos de mulheres de aqui, que todo está regulamentado a produção . Todo como estamos vendo que toda a gente que está na cadeira, cadenda de produção está pagando bom.

B: Gente!

N: Sim.

B: É muito bom, né mas você tem uma coisa com um preço mais, mais barato ou não?

N: Hã, hum, deixa, me deixa ver um segundo sim. Aqui, aqui temos um, é mais como uma camisa.Você quer uma camisa também para sua esposa?

B: Hum.

N: Não, vestido.

B: Vestido.

N: Okay. Tá, tá, tá bom.

B: Eu acho melhor né?

N: Eu te vendo este vestido para 150 reais.

B: Ah tá melhor agora.

N: Que legal!

B: Você pode fazer um presente, envolver num...

N: Tá, tá, tá vou fazer isso agora. Aqui tá (risos) seu presente. Precisa algo mais ou já tá?

B: Eu acho é bom um chocolate e um.

N: Tá então no total são 200 reais.

B: Pode pagar com cartão de crédito?

N: Ah, cartão com crédito, ouviu, ouviu. Tá.

B: É legal, mas eu tenho um cartão internacionais.

N: Está bem, tá bom.

B: Ah, sim. Aqui?

N: Aqui é. Muito obrigada. Então äh, äh, um bom viagem.

B: Muito obrigada!

N: Pra Alemanha e muitos saludos deste nosso povo brasileiro prá lá. Tchau, tchau.

B: Tchau, tchau.

18. D(B2) e N(B2)

O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

N: Oi tudo bem?

D: Sim.

N: Sim? mas a sua cara fica um pouco triste.

D: Sim. você lembra do meu amigo João?

N: João, ah sim.

D: Sim? Lamentavelmente ele faleceu.

N: Ai no!

D: Sim.

N: Não me pode dizer esta coisa. agora?

D: Sim.

N: Mas é tão jovem.

D: Sim, foi num acidente do tráfico.

N: Não?

D: No estado do Rio. Foi num acidente do tráfico no estado do Rio.

N: No estado? Ah, na estrada.

D: No estado do Rio.

N: Ah, estado do Rio.

D: Sim. Ela mora perto de Rio de Janeiro.

N: Ah tá.

D: Com seu família.

N: Não.

D: Deixou duas crianças, uma mulher.

N: Ai que pena, amigo.

D: Sim.

N: E você, como cê tá?

D: Foi, foi , pois melhor ...mas a notícia foi muito chocante , mas já passaram duas dias.

N: Te deixou melhor a notícia?

D: Não, eu me encontro melhor depois de dois dias.

N: Tá.

D: Já aconteceu há dois dias atrás.

N: E já ãh tem como uma data para o enterramento? Ou não?

D. Sim, a na sexta-feira.

N: Esta sexta-feira. Você quer que eu eu acompanho a você? Prá lá como para dar-te uma mão, para te dar uma mão.

D: Sim, sim, se você poder, sim.

N: Sim.

D: Seria muito gen... muito gentil de su parte.

N: Você precisa algo mais? Ou precisa outra ajuda, você quer fazer uma coisa para divertir ou?

D: Ou?

N: Não sei, não sei. É como quero estar esperando a a seu desejos ou sus necessidades.

D: Não, você é muito gentil, mas eu quero ficar perto de seu família e perguntar se eles, se a família precisa de algo. Mas se você pode me acompanhar aos funerais äh, e...

N: Tá, me parece muito bom e então äh, äh a gente se vê a sexta-feira e te acompanho.

D: Sim, é ótimo.

N: Tá.

D. Até a sexta.

N: Até sexta. Tchau, tchau.

D: Tchau.

19. R(B2) / W(B2)

Imagine que faltou às aulas e precisa fazer as tarefas atrasadas. Peça a um colega de curso para lhe dizer quais foram as tarefas e explicar o que deve fazer.

W: Alô?

R: Oi, W

W: Oi

R: Oi, como vai?

W: Quem fala?

R: Ah, aqui é a R.

W: Ah, que bom!

R: (Risos) Você me conhece da aula de Português.

W: Ah, sim, sim me lembro R., me lembro.

R: (Risos) Mas eu não estive lá na última vez na aula porque eu não... eu tinha que fazer uma visita e eu não sei... eu quero saber o que vocês fizeram nessa...nesse dia porque eu também quero fazer os, as tarefas e talvez você pode me dizer.

W: Sim, sim. Estava como sempre. Trabalha, trabalhamos muito, muito. E foi muito difícil.

R: Tudo...tudo muito fácil? Como sempre.

W: Não, difícil como sempre. Você já sabe. Na... A Leda tinha textos muito difíceis.

R: Mas que tipo de texto?

W: E o D. ele, ele reclamou, reclamava muito. Mas foi uma aula muito divertida.

R: Sim, sim, mas o que foi o assunto que vocês falaram?

W: Nós falamos sobre reclamações.

R: Ja.

W: Sim.

R: E reclamações sobre o que?

W: Foi, foi, foi uma história de uma senhora no avião e ela reclamava tudo e ãh a outra pessoa que viajou com ela. Ela foi muito, muito chateado.

R; Ah, sim.

W: Foi, foi.

R: Isso foi a história do livro que nós...

W: Sim.

R: Comprávamos?

W: Sim, foi uma história do livro novo. Acho que comprei.

R: Sim, e você sabe o, o número do, dá página?

W: Não, não me lembro exatamente, mas 16, 19, eu não sei. Você pode, pode ãh

R: Então pode.

W: Achar.

R: Sim, eu vou ler esta história e vocês têm que fazer alguma coisa com estes textos? É pra fazer uma coisa?

W: Sim, trabalhávamos com este texto e ãh lemos, lemos, lemos e discutimos sobre o texto.

R: Sim, sim, então eu posso fazer isso porque eu tenho este livro aqui em casa.

W: Que bom!

R: Pra próxima vez tem esses deveres, deveres? Não. ãh, tarefas.

W: Eu como sempre eu esqueci, mas você pode perguntar à Leda.

R: Sim, eu vou telefonar depois com ela, mas não eu fico sem, sem estas tarefas para fazer, fazendo? Fazendo, sim. Então obrigada né, W. Até a próxima vez que eu vou entregar.

W: Até a próxima no vídeo.

R: Eu vou tentar checar até a próxima semana.

W: Boa noite!

R: Boa noite!

20. H(B2) / R(B2)

Sua colega chega à aula de português com uma boa notícia: conseguiu um novo emprego em uma firma brasileira. Parabenize-a e pergunte como será o novo trabalho.

H: Oi R., tudo bem?

R: Sim, muito bem. Eu estou aqui hoje de noite, mas eu tenho um novo emprego aqui na no Hamburgo, numa firma brasileira.

H: Ah, que legal!

R: Sim, é muito interessante,mas é muito difícil para mim porque eu estou lá no secretária, não no secretário / secretária sim, sim, mas...E tenho que fazer cartas e telefonemas com este firma lá no Brasil.

H: Ah, você tem de ligar para o Brasil?

R: Sim.

H: Oh, que difícil (risos).

R: Verdade. Sim, sim.

H: Horrível. Mas acho você, você ganhe mais?

R: Ganho sim, mais ou menos.

H: O salário é melhor do que no seu novo emprego antes?

R: Sim, mas eu tenho que aprender muito português e mais rápido pra fazer este job lá.

H: Ah eu posso recomendar um curso na Volkshochschule com Leda (risos), uma professora muito boa. Você vai aprender muito Português (risos). E o curso é muito engraçado.

R: Sim, mas só uma vez na semana, é muito pouco.

H: Você pode treinar entrevista.

R: Sim, eu ainda preciso treinar muito sim, sim.

H: E o horário é bom, ou...

R: Isso também é muito difícil porque as negócios que essa firma faz é tudo é no outro horário daqui.

H: No Brasil, né?

R: Sim, sim, são 6 horas diferençia. E por isso eu tenho que trabalhar as noites também.

H: E as suas colegas?

R: Sim, sim são...

H: São muito agradáveis?

R: Sim, agradáveis.

H: Que legal! Meus parabéns!

R: Ja, obrigada. Tchau!

21. R(B2) / N(B2)

Está frio e seu colega insiste em abrir a janela. Peça a ele para deixar a janela fechada e explique o porquê.

R. Abre as janelas e você sente frio. O que você fala?

N: Boa noite, R. Eu vi que você abriu todas as janelas. Ah, eu estou com frio hoje e acho que estou também um pouco resfriada. Estou com um resfriado. Será possível que você fechasse as janelas ah, ah. Depois de cinco minutos eu sei que você quer cambiar o aire, o ar na aula, trocar o aire, o ar. Mas se seria possível que você trocasse as janelas em cinco minutos, por favor?

R: Sim, sim, nós podemos deixar um pouco mais aberto. Seria muito bom porque a outra turma de de alunos ficaram aqui já duas horas e eu eu sempre preciso de um ar fresco pra poder me concentrar. Se nós podemos fazer assim deixar cinco minutos aberta eu estou ah pra mim é bom pra mim podemos fazer assim. Pode ficar aqui com sua jaqueta por cinco minutos ainda e depois nós começamos com a aula e com janelas fechadas. É, tá certo pra você?

N: É, eu acho que é uma boa ideia. Nos cinco minutos eu posso também, ah, ficar ah longo das janelas, não muito perto das janelas. Assim não estou com muito mais frio....

22. W(B2) / R(B2)

Imagine que faltou às aulas e precisa pedir as tarefas atrasadas e distribuídas. Peça para sua professora as tarefas distribuídas nos últimos dias e as devidas explicações.

W: Oh, bom dia professora!

R: Boa noite W.

W: Estou muito triste, mas perdi a aula passada e agora não sei como, que são as tarefas para a próxima aula. Você pode me explicar?

R: Sim, pra esta aula agora eu posso dizer que foram as tarefas.

W: Na aula agora de internet?

R: Sim pra hoje.

W: Ah tá bom.

R: Pra hoje, eu vou dizer a você. Espero que você já fiz.

W: Não, não.

R: O que você deve nessa período período da corona, você tem que pensar sobre a situação e escrever pra uma pessoa ou uma instituição ähm o que você está pensando sobre eles e se talvez você quer agradecer. Para este que eles fizeram neste neste tempo. Para todos. Por exemplo a sistema de saúde ou você pode escrever uma coisa sobre as lixeiros os lixeiros sim ou outras pessoas importantes neste tempo. Você tem que escrever um texto e mandar pra Leda ou pra mim pra corrigir com o WhatsApp.

W: Aha, e você viu esta tarefa?

R: Isto foi a tarefa pra hoje.

W: Ah hoje você deu esta tarefa.

R: Sim, eu vi que você já fez sim. Mas você fez certo.

W: Ah, que bom, que bom.

R: Você mandou com WhatsApp né?

W: Sim.

R: Mas tivemos outros tarefas, muitos páginas do livro E. B. página 53 até 56 tem textos e você tem que fazer para cada destes textos um título. De fazer uma compressão não? É conjunto? Não Zusammenfassung? (resumo) mais ou menos e fazer título destes textos

W: Você deu você deu esta tarefa também?

R: É também pra fazer pra hoje, mas eu achei também muito, muito, muito. Como professora eu não posso dizer isso não.

W: Não não você é a professora e você deu essas tarefas. Não não entendo.

R: Você não ouviu na aula?

W: Não não é horrível. Deu muitas tarefas. Eu não gosto não. Eu não gosto esta esta professora. Posso escrever a uma outra professora por favor?

R: Mas isso tudo é pra você aprender mais depressa este língua português.

W: Sim sim.

R: E você tem que trabalhar muito.

W: Mas eu penso, eu quero aprender a língua sem, sem muito trabalho. Eu não gosto de fazer muitas tarefas.

R: Eu também precisei horas pra fazer essas tarefas todas.

W: Okay. Com essa professora com essas professoras eu só tenho problemas. Eu não não é um aluno muito bom.

R: Mas pode melhorar.

W: Acho que não (risos).

R: Então sabe agora o que é pra fazer, não?

W: Obrigado, obrigado.

R: De nada sim de nada. Tchau até a próxima aula.

23. R(B2) / W(B2)

Seu amigo está só em casa no fim do ano. Convide-o para passar as festas de ano na sua casa.

R: Dring, dring, dring boa noite W.

W: Ah R. que bom como vai?

R: Como vai você? Mas agora temos o inverno e o tempo de mudar o ano, o réveillon eu queria perguntar, eu quis perguntar a você o que você está fazendo nesta noite de de do velho do ano velho.

W: Eu quase esqueci, o ano o ano vai acabar? Não é possível não. Acho acho que temos 10 dias. Eu tenho muitas coisas para fazer.

R: Sim, mas o que você quer fazer neste dia de réveillon?

W: Quando é este dia? Daqui a 10 dias ou quando?

R: Mais ou menos. Só quero se você não tem nada pra fazer ou não sei o que fazer, eu quero ähm convidar sim eu quero convidar você pra aqui. Nós fazemos uma pequena festinha com comida e se você tem vontade você pode chegar aqui.

W: Oh, é muito muito amável R., mas eu eu eu ähm eu está com medo de que nós nós temos diferentes datas para réveillon.

Risos

R: Não, réveillon é sempre no mesmo data, mas eu não sei.

W: Você fala sobre réveillon da Alemanha. Eu eu falei sobre réveillon de chinês. E por isso são diferentes datas.

R: Agora nós estamos na Alemanha.

W: Ah sim ah sim então muito obrigada para convite. Eu vou para você e o que eu posso posso levar? Um um um uma garrafa de vinho, dois ou três ou um pouco comida? O que você quer? Ou flores?

R: Sim, não sei. Se você quer pode levar uma coisa pra beber. Comida temos aqui.

W: Uma e duas garrafas de cachaça.

R: Sim... Ou dois (risos).

W: Okay, então para réveillon da Alemanha. Tá bom tchau.

R: Tchau.

ANEXO H: ATIVIDADE ESCRITA

Grupo A1.2 / A2

1. Escolha a/ as alternativa(s) correta(s) para cada situação:

a. Você quer trocar uma camiseta na loja. O que diz à vendedora / ao vendedor?

Boa tarde. Comprei esta camiseta e ela está apertada. Poderia trocá-la por uma maior?

Oi. Quero trocar esta camiseta por uma maior. Vocês têm camisetas maiores?

Boa tarde. Comprei esta camiseta na semana passada, mas ela está apertada. Queria trocá-la por uma camiseta maior. Seria possível?

b. Você vai comer num restaurante e percebe que falta um garfo. Como reage?

Garçom, falta um garfo.

Desculpe, garçom, mas falta um garfo aqui.

Garçom, desculpe, poderia me trazer um garfo, por favor?

c. Um amigo pergunta se você tem tempo para tomar um café. Mas você precisa trabalhar. Como reage?

Obrigada pelo convite, mas não tenho tempo hoje.

Muito obrigada pelo convite, mas hoje não posso. Tenho de trabalhar. Que tal amanhã?

Não posso. Tenho de trabalhar.

d. Um desconhecido pergunta onde fica o correio. Você não sabe. Como reage?

Senhor, desculpe, infelizmente não sei onde fica o correio.

Desculpe, senhor. Não sei onde fica o correio.

Não sei.

e. Sua chefe faz aniversário. Como reage?

Senhora P, meus parabéns! Tudo de bom e muitas felicidades!

Parabéns!

Meus parabéns a você! Tudo de bom e muitas felicidades!

f. Seu colega do curso de português faz aniversário. Como reage?

Parabéns. Tudo de bom!

Meus parabéns. Desejo-lhe muita saúde e tudo de bom!

Meus parabéns. Eu te desejo muita saúde e muitos anos de vida!

g. Você pergunta a um desconhecido na rua as horas.

Que horas são?

- (x) Poderia me dizer que horas são, por favor?
- () Desculpe, que horas são, por favor?

h. Uma colega do curso de português foi para o Brasil e lhe trouxe um presente. Como reage?

- () Obrigada. Não precisava se incomodar.
- (x) Muito obrigada pelo presente. Não precisava se incomodar.
- (x) Muito obrigada pela lembrança.

i. Você entra numa loja para dar uma olhada nas mercadorias. A vendedora o / a cumprimenta e pergunta se precisa de alguma coisa. Como reage?

- () Não, obrigada.
- (x) Oi, obrigada. Só estou olhando.
- (x) Oi, obrigada. Gostaria apenas de olhar.

2. Complete o diálogo com as palavras do quadro.

por gentileza	muito obrigada	de nada	por favor (3x)	infelizmente
---------------	----------------	---------	----------------	--------------

a. Bom dia! Aqui é do apartamento 75. **Infelizmente**, o ar condicionado não está funcionando.

b. Bom dia! **Por gentileza**, será que poderiam me trazer toalhas limpas?

c. **Por favor**, pode me dizer onde fica o correio?

- Sim, claro. Fica na rua São João, 210.

- **Muito obrigada**.

- **De nada**.

d. Senhora, poderia, **por favor**, me dizer que horas são?

e. Pode me dar um copo de água, **por favor**?

3. Associe as frases nas duas colunas:

- | | |
|--|---------------|
| 1. Puxa! Que blusa linda! (elogio) | aceitação |
| 2. Feche a porta quando sair, por favor! (ordem) | elogio |
| 3. Márcia, vamos tomar um sorvete juntas hoje? (pedido) | pedido |
| 4. Quero muito participar de sua festa de aniversário. (aceitação) | recusa |
| 5. Infelizmente não posso ir ao teatro com vocês hoje. (recusa) | ordem |
| 6. Muito obrigada pelas flores! Adorei. (agradecimento) | recusa |
| 7. Papai, poderia comprar frutas para mim? (pedido) | agradecimento |

4. Complete a tabela de acordo com as expressões do diálogo:

- *Alô Mara, tudo bem?*
- Tudo bem, Vivian. E você?

proposta	aceitar	recusar
Mara, está em cartaz o filme “Simpatia” no Cinemax. Você não gostaria de assistir ao filme comigo amanhã?	Ótimo	Que pena, tenho aula de espanhol neste horário. Só poderia ir na sexta-feira ou no fim de semana.
Que tal no sábado, às 19 horas?	Maravilha	Na sexta-feira eu não posso. Tenho de trabalhar
Em frente da floricultura perto do cinema, o que acha? Poderíamos sair para tomar uma caipirinha depois do cinema, não?	Boa ideia. Está combinado	

- *Tudo bem.*
- Mara, está em cartaz o filme “Simpatia” no Cinemax. Você não gostaria de assistir ao filme comigo amanhã?
- *Puxa, Vivian, que legal! Estou louca para ver esse filme. A que horas pensa em ir amanhã?*
- *Às 17 horas.*
- *Que pena, tenho aula de espanhol neste horário. Só poderia ir na sexta-feira ou no fim de semana.*
- *Na sexta-feira eu não posso. Tenho de trabalhar. Que tal no sábado, às 19 horas?*
- *Ótimo. Onde nos encontramos?*
- *Em frente da floricultura perto do cinema, o que acha?*
- *Maravilha. Poderíamos sair para tomar uma caipirinha depois do cinema, não?*
- *Boa ideia. Está combinado.*
- *Então até sábado.*
- *Até sábado.*

Exercícios B1/B2

1. Escolha a alternativa adequada para cada situação abaixo.

1. A vizinha A oferece café para a vizinha B. A vizinha B não gosta de café. Como a vizinha B reage:
 - a. Não, obrigada.
 - b. Muito obrigada, está com um cheiro muito bom. Mas infelizmente não posso tomar café. (x)
 - c. Sim, vou tomar um pouquinho.

2. Duas funcionárias de uma escola trabalham no mesmo setor e têm o mesmo estatuto. A funcionária A tem um compromisso e precisa ir embora mais cedo para casa, embora ainda não tenha terminado de arrumar as pastas no escritório. Ela pede à funcionária B que faça o serviço para poder ir embora mais cedo.
 - a. Tenho de ir mais cedo para casa. Termine de organizar as pastas para mim.
 - b. Tenho de ir mais cedo para casa, mas ainda tenho estas pastas para organizar até amanhã cedo. Será que você poderia terminar de arrumá-las para mim? (x)
 - c. Tenho ainda estas pastas para terminar até amanhã e preciso sair mais cedo. Acho que não conseguirei organizá-las.

3. O aluno de uma escola dirige-se ao professor:
 - a. Já corrigiu as provas de ontem?
 - b. Professor, gostaria de saber se teve tempo de corrigir as provas que fizemos ontem? (x)
 - c. Professor, o que o senhor fez ontem à tarde e à noite?

4. O professor de uma escola dirige-se a um aluno.
 - a. Fez a sua tarefa?
 - b. Mário, gostaria de saber se conseguiu fazer suas tarefas ontem. (x)
 - c. Mário, o que foi que você fez ontem à tarde?

5. O funcionário de uma firma convida o chefe de departamento para participar de uma festa de aniversário. O chefe não pode, pois tem um compromisso.
 - a. Não posso. Já tenho outro compromisso neste dia.
 - b. Muito obrigada pelo convite. Que gentil de sua parte. Gostaria muito de participar na sua festa, mas infelizmente já tenho um outro compromisso neste mesmo dia.
 - c. Obrigada pelo convite. Gostaria muito de participar na sua festa, mas infelizmente tenho um outro compromisso neste dia. O que acha de marcarmos um outro dia para nos encontrarmos com os colegas e família? (x)

6. O chefe fala com o funcionário da firma.
 - a. Quero estas cópias prontas até o fim da tarde.

- b. Estou terminando um trabalho e precisaria destas cópias até o final da tarde.
- c. Estou terminando um trabalho e precisaria destas cópias até o final de tarde. Será que poderia fotocopiá-las para mim, por favor? (x)
7. O professor precisa dar um importante aviso e os alunos não param de falar. Como ele deve reagir?
- a. Por favor, poderiam fazer um pouco de silêncio para que eu possa dar uma informação importante. (x)
- b. Por favor, façam um pouco de silêncio. Tenho algo importante para falar.
- c. Fiquem quietos! Tenho algo importante para falar.
8. Você vai se encontrar com um(a) amigo(a) para ir ao cinema. Um pouco antes de sair de casa, o telefone toca. É um amigo que começa a contar uma longa história. Como você reage?
- a. Desculpe, tenho um compromisso daqui a pouco e estou de saída.
- b. Agora não posso falar ao telefone, tenho um outro compromisso.
- c. Desculpe, mas tenho um compromisso daqui a pouco e já estou de saída. Será que poderíamos conversar mais tarde? (x)
9. Você pede a conta no restaurante e vê que houve um engano no total. Como você esclarece a situação?
- a. Garçom, tem um erro nesta conta.
- b. Garçom, acho que houve um erro na conta. Será que poderia, por favor, somar novamente? (x)
- c. Garçom, esta conta não confere. Dá pra verificar o pedido e somar novamente?
10. Você está levando alguns amigos a uma festa e um deles pede para apanhar um amigo que mora do outro lado da cidade. O que você diz?
- a. Ah, não. É muito fora de mão.
- b. Desculpe, fica um pouco fora de mão para mim.
- c. Será que ele não poderia vir de ônibus? Não gostaria de me atrasar. (x)

2. Reescreva as frases como no exemplo utilizando formas mais delicadas.

Exemplo: Não posso falar com você agora. Tenho de ir trabalhar.

Desculpe, estou atrasado para o trabalho e com pouco tempo. Poderíamos conversar mais tarde?

Desculpe, estou muito atrasado para o trabalho. Será que poderíamos conversar mais tarde com mais tempo?

- a. Tenho de trabalhar, por isso não vou com vocês.
-

b. Não posso comer bolo. Estou de dieta.

c. Estou sem dinheiro. Por isso, não vou ao cinema com vocês.

d. Ele tem de trabalhar. Não pode sair com vocês hoje.

e. Não tomo leite, porque me faz mal.

f. Estou com dor de cabeça. Prefiro ficar em casa.

g. Garçom, a conta está errada. Pode verificar novamente.

h. Faça as tarefas agora.

i. Parem de falar durante a aula. Preciso me concentrar.

j. Traga-me um café.

k. Quero ir para a biblioteca mais tarde. Tenho de fazer outras coisas de manhã.

3. Dê para cada situação a resposta de acordo com o que é pedido entre parênteses. Seja o mais delicado possível. Veja o exemplo:

Exemplo: Queremos viajar no fim de semana. Você quer vir conosco?

(recusar) Muito obrigada pelo convite! Que amável da parte de vocês. Eu adoraria viajar neste fim de semana, mas já tenho algo programado. Mesmo assim muito obrigada!

(aceitar) Muito obrigada pelo convite! Fico feliz que tenham pensado em mim. Eu gostaria muito de viajar com vocês no fim de semana.

- a. Vou fazer uma festa para comemorar meu aniversário no fim de semana. Você tem tempo? (recusar)

- b. Você sabe como funciona o computador da biblioteca? (recusar)

- c. Você pode trocar 20 euros para mim? (aceitar)

- d. Amanhã o tempo estará bom. Vamos passar o dia na praia? (aceitar)

- e. Vou viajar de férias na próxima semana. Poderia aguar as flores para mim? (recusar)

- f. Vai chover amanhã. Poderia me levar de carro ao trabalho? (aceitar)